

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

GLEISE SALES ARIAS

**A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE CRIANÇAS MIGRANTES E
REFUGIADAS ACOLHIDAS EM SÃO PAULO**

São Paulo

2022

GLEISE SALES ARIAS

**A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE CRIANÇAS MIGRANTES E
REFUGIADAS ACOLHIDAS EM SÃO PAULO**

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de Doutora
em Ciências (Psicologia), área de concentração:
Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leila Salomão de La
Plata Cury Tardivo

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catologação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Arias, Gleise Sales

A Experiência Emocional de Crianças Migrantes e Refugiadas Acolhidas em
São Paulo / Gleise Sales Arias, orientadora Leila Salomão de La Plata Cury
Tardivo – São Paulo, 2022.

164 f.

Tese (Doutorado – Programa Pós-Graduação em Psicologia Clínica) –
Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Refugiados. 2. Saúde Infantil. 3. Etnopsicanálise. 4. Procedimento de
Desenhos-Estórias com Tema. 5. Psiquiatria Transcultural. I. Tardivo, Leila
Salomão de La Plata Cury Tardivo, orient. II. Título.

Nome: **Gleise Sales Arias**

Título: A Experiência Emocional De Crianças Migrantes E Refugiadas Acolhidas Em São Paulo

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, para obtenção do título de
Doutora em Ciências, na área de concentração Psicologia Clínica.

Aprovado em: 04/11/2022

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Leila Salomão de la Plata Cury Tardivo (presidente)

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Prof.^a Dr.^a Sonia Grubits

Instituição: Universidade Católica Dom Bosco

Julgamento: Aprovada

Prof.^a Dr.^a Marília Martins Vizzotto

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo (aposentada)

Julgamento: Aprovada

Prof.^a Dr.^a Tania Maria José Aiello Vaisberg

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Prof.^a Dr.^a Helena Rinaldi

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

Dedico este trabalho às minhas avós, Benedita e Olindina, que partiram durante a realização deste estudo.

Dedico ainda e especialmente às crianças participantes, que compartilharam comigo as suas viagens, recheadas de sonhos e angústias.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus sinceros agradecimentos a todos os participantes, que compartilharam comigo as suas histórias de viagens, angústias e esperanças. Muito obrigada!

Agradeço especialmente à minha orientadora, a Profa. Livre Docente Leila Salomão de la Plata Cury Tardivo, pelos valiosos ensinamentos, acolhimento e confiança no meu trabalho.

À Profa. Dra. Marília Martins Vizzotto, pelos ensinamentos, apoio e incentivos, sem os quais eu não seria quem sou hoje.

À Profa. Dra. Marie Roso Moro, coorientadora do doutorado-sanduíche, por ter me acolhido em sua equipe, na Maison de Solenn, e me guiado pelas ricas vivências transculturais.

À Profa. Dra. Thames Waleria Borges, que abriu as portas para a minha experiência de doutorado-sanduíche e me recebeu na Maison de Solenn com tanto carinho e atenção.

À Profa. Dra. Amalini Simon, que também me recebeu na Maison de Solenn com muita atenção, se mostrando sempre pronta para ajudar no que fosse necessário.

À Psicóloga Gabriela Barreto Chavatte, que me auxiliou durante toda a realização deste estudo e aqui representa todos os meus alunos e ex-alunos, aos quais tanto devo.

À Irmã Eva, que gerencia a Casa do Imigrante com profissionalismo e dedicação inspiradora.

À Profa. Dra. Tania Maria José Aiello Vaisberg, pelos ensinamentos e inspiração.

À Profa. Dra. Helena Rinaldi, pela parceria e ricas contribuições.

À Profa. Dra. Sonia Grubits, pelas contribuições, ensinamentos e inspiração.

À Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia, pelo carinho, ensinamentos e ricas contribuições.

À Profa. Dra. Tania Helena Bonfim, pelos ensinamentos, amizade e incentivo.

À Profa. Dra. Raquel Santos Leal Pinheiro, pela amizade e companheirismo.

Ao Prof. Renato Antonio Alves, pela amizade, apoio e companheirismo.

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido para o estágio de doutorado-sanduíche.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram, dentro das suas dificuldades.

À minha grande e querida família de amigas e amigos, que sempre está comigo.

“Se um dia me arriscar num outro lugar, hei-de levar comigo a estrada que não me deixa sair de mim”.

Mia Couto, Terra Sonâmbula

Oi Adofo, tudo bem?

Tudo bem. Eu sinto tudo bom (sorri).

Ah é? E você só sente coisas boas?

Não! Porque têm muitas coisas ruim no mundo.

Quais coisas ruins?

Ah, tem muita criança morando perto do lixo, perto de rio sujo.

Ah é, e onde acontece isso?

Lá na Angola. Aqui no Brasil não! Aqui é tudo bem!

Adofo, 7 anos e a pesquisadora

Arias, Gleise S. 2022. **A Experiência Emocional de Crianças Migrantes e Refugiadas Acolhidas em São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

RESUMO

A temática dos deslocamentos internacionais tem se mostrado de grande relevância, já que se tornou uma realidade mundial, devido a ocorrências de conflitos armados e crises sócio-políticas que potencializam condições precárias de subsistência. Este estudo teve como objetivos gerais: descrever aspectos da experiência emocional de crianças em situação de migração e refúgio acolhidas na cidade de São Paulo e descrever o acolhimento psicológico oferecido a elas e a seus familiares. Os objetivos específicos foram: relatar a experiência do estágio doutoral na clínica transcultural na França, visando ao aprofundamento da discussão sobre as técnicas de acolhimento psicológico oferecidas neste estudo e a descrever aspectos da dinâmica familiar e introjeção das figuras parentais das crianças migrantes e refugiadas estudadas. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, a partir do método clínico, em estudos de casos múltiplos. Participaram do estudo seis crianças, migrantes e/ou refugiadas, na faixa de sete a doze anos, sendo duas venezuelanas, três angolanas e uma haitiana, além de seis mães e um pai. Foram critérios de inclusão: residir no Brasil há, no máximo, um ano, em acolhimento numa instituição destinada para este fim, no município de São Paulo, local da coleta de dados. Foram realizados encontros terapêuticos, utilizando-se as técnicas de entrevista semidirigida com os pais, entrevistas lúdicas com as crianças e o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Observou-se que a relação com a experiência da migração se mistura à história de vida prévia dos participantes. A migração foi vivenciada como uma situação de crise, para a qual notou-se tentativas de elaboração de lutos. Necessidades de pertencimento e adaptação ao ambiente foram observadas. As crianças mostraram preocupações com a família, responsabilizando-se pelo apoio afetivo dos pais. Percebeu-se a importância da figura materna no que tange a segurança afetiva. A figura paterna foi vista como frágil e ausente. O enquadre de encontros terapêuticos foi adequado por permitir que os sujeitos recebessem escuta e acolhimento psicológico na crise. Aponta-se a necessidade de ampliar as pesquisas e a capacitação dos profissionais para o atendimento desse público.

Palavras-chave: Acolhimento de Migrantes, Migração forçada, Refugiados, Etnopsicanálise, Psiquiatria Transcultural.

Arias, Gleise S. (2022). **The emotional experience of migrant and refugee children received in São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

ABSTRACT

The issue of international displacements has proved to be of great relevance, as it has become a global reality, due to the occurrence of armed conflicts and socio-political crises that enhance precarious subsistence conditions. This study had as general objectives: to describe aspects of the emotional experience of children in situations of migration and refuge in the city of São Paulo, and to describe the psychological care offered to children in situations of migration and refuge and to their families. The specific objectives were: to report the experience of the doctoral internship at the transcultural clinic in France, aiming to deepen the discussion about the techniques of psychological care offered in this study and to describe aspects of the children's family dynamics and their introjection of parental figures. A qualitative research was carried out, based on the clinical method, in a multiple case study. Six children participated in the study, in a migration and/or refugee situation, aged between seven and twelve years old, of which two were Venezuelan, three Angolan and one Haitian. The mothers and one father also participated in the study. The inclusion criteria were: immigrants living in Brazil for a maximum of one year, hosted in an institution destined for this purpose, in the city of São Paulo, where data collection took place. Therapeutic meetings were carried out, using semi-structured interviews with the parents, playful interviews with the children and the Procedure of Drawing-Story with Theme. It was observed that the relationship with the experience of migration was mixed with the life history and previous psychic resources of the participants. Migration was experienced as a crisis situation, for which there were attempts to elaborate mourning. Needs of belonging and adaptation to the environment were observed. The children showed concerns about their families and desires to unite it, taking responsibility for the affective support of the parents. The importance of the maternal figure was perceived, in terms of affective security. The father figure was seen as fragile and absent. The setting of therapeutic encounters was adequate as it allowed the subjects to receive listening and psychological support in the crisis. The need to expand research with this public and to train health professionals to meet this demand are pointed out.

Keywords: Emotional experience, Migration, Refuge, Ethnopschoanalysis.

Arias, Gleise S. 2022. **L'expérience émotionnelle chez les enfants immigrés et réfugiés accueillis à São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

RÉSUMÉ

La question des déplacements internationaux s'est avérée d'une grande pertinence, car elle est devenue une réalité mondiale en raison de l'apparition de conflits armés et de crises sociopolitiques qui renforcent la précarité des conditions de subsistance. Cette étude a présenté deux objectifs généraux et deux objectifs spécifiques. Premier objectif général: décrire les aspects de l'expérience émotionnelle des enfants immigrés et réfugiés accueillis dans la ville de São Paulo. Deuxième objectif général: décrire la prise en charge psychologique qui leur a été offerte, ainsi qu'à leurs familles. Premier objectif spécifique: rendre compte de l'expérience du stage doctoral en clinique transculturelle en France afin d'approfondir la discussion sur les techniques de prise en charge psychologique proposées dans cette étude. Deuxième objectif spécifique: décrire les aspects de la dynamique familiale et de l'introjection des figures parentales chez les enfants immigrés et réfugiés. Une recherche qualitative a été basée sur la méthode clinique dans une étude de cas multiples. Six enfants immigrés et réfugiés de sept à douze ans y ont participé, dont deux Vénézuéliens, trois Angolais et un Haïtien, ainsi que leurs six mères et un père. Les critères d'inclusion ont été de vivre au Brésil pendant un an au maximum en situation d'accueil dans une institution de la ville de São Paulo, où la collecte de données a eu lieu. Des rencontres thérapeutiques ont été réalisées. On a utilisé des entretiens semi-directifs avec les parents et des entretiens ludiques avec les enfants, ainsi que des Procédés du Dessin-Histoire avec Thème. On a considéré que le rapport de l'expérience migratoire est lié à leur parcours de vie précédant l'expérience de migration. La migration a été vécue comme une situation de crise pour laquelle on essaie d'élaborer un deuil. Des besoins d'appartenance et d'adaptation à l'environnement ont été également observés. Les enfants ont montré des préoccupations concernant la famille, une fois qu'ils prennent la responsabilité du soutien affectif de leurs parents. On a pris en considération l'importance de la figure maternelle en ce qui concerne la sécurité affective. La figure paternelle a été perçue comme fragile et absente. Le cadre des rencontres thérapeutiques a été approprié, car il a permis aux sujets de bénéficier d'une écoute et d'un soutien psychologique pendant la crise. On souligne la nécessité d'élargir les recherches et la formation des professionnels pour accueillir cette population.

Mots clés : Accueil des migrants, Migration forcée, Réfugiés, Ethnopsychanalyse, Psychiatrie transculturelle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Unidade de Produção 1 de Adiel	61
Figura 2 – Unidade de Produção 2 de Adiel	62
Figura 3 – Unidade de Produção 1 de Gabriela	71
Figura 4 – Unidade de Produção 2 de Gabriela	74
Figura 5 – Unidade de Produção 3 de Gabriela	75
Figura 6 – Unidade de Produção 1 de Andrew	85
Figura 7 – Unidade de Produção 2 de Andrew	86
Figura 8 – Unidade de Produção 1 de Iago	96
Figura 9 – Unidade de Produção 2 de Iago	97
Figura 10 – Unidade de Produção 3 de Iago	98
Figura 11 – Unidade de Produção 4 de Iago	99
Figura 12 – Unidade de Produção 1 de Adofo	109
Figura 13 – Unidade de Produção 2 de Adofo	110
Figura 14 – Unidade de Produção 3 de Adofo	111
Figura 15 – Unidade de Produção 1 de Christine	118
Figura 16 – Unidade de Produção 2 de Christine	120

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	19
1.1. Breves Apontamentos Sobre a História da Migração e Refúgio no Brasil	20
1.2. A Experiência Emocional nas Vivências de Migração e Refúgio	22
1.3. Crianças em Situação de Migração e Refúgio	27
1.4. Etnopsicanálise e Psiquiatria Transcultural	31
2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	36
2.1. Objetivos Gerais	36
2.2. Objetivos Específicos	36
3. MÉTODO	37
3.1. Método Clínico e os Estudos de Casos	38
3.2. Psicanálise e Etnopsicanálise na leitura dos fenômenos observados	40
3.3. Ambiente e Procedimento	41
3.4. Participantes	43
3.5. Instrumentos	44
3.5.1. Entrevista Inicial com os Familiares	46
3.5.2. Entrevistas Lúdicas com as crianças	47
3.5.3. Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema	48
3.6. O estágio na clínica transcultural: um importante complemento	50
3.7. Aspectos Éticos	52
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
4.1. Os Casos Estudados	57
4.1.1. Caso 1: Adiel e sua Mãe Cristiana	58
4.1.2. Caso 2: Gabriela e sua Mãe Julia	66
4.1.3. Caso 3: Andrew e seus Pais Mariela e Sid	81
4.1.4. Caso 4: Iago e sua Mãe Itzae	93
4.1.5. Caso 5: Adofo e sua Mãe Lueji	106
4.1.6. Caso 6: Christine e sua Mãe Darline	114
4.1.7. Breve Síntese Dos Casos Atendidos	122
4.2. O Estágio na Clínica Transcultural Francesa: sobre as distâncias e proximidades	128
4.3. Análise Final	134
4.3.1. Acolhimento psicológico nas situações de migração e refúgio	134

4.3.2. A experiência emocional da migração e refúgio: os casos observados	140
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	148
APÊNDICE 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	159
APÊNDICE 2 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	160
ANEXO 1 - Parecer Consubstanciado CEP	161

APRESENTAÇÃO

Este estudo versa sobre a compreensão de aspectos da experiência emocional de crianças em situação de migração e refúgio, acolhidas na cidade de São Paulo. Nas últimas décadas, tal temática tem se mostrado de grande relevância, já que diferentes movimentos migratórios, incluindo a busca por refúgio, se tornaram uma realidade mundial, justificada pela intensificação das ocorrências de conflitos armados, condições precárias de subsistência, mudanças climáticas, aumento populacional de determinadas regiões e outros (BRASIL, 2018).

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), ao final de 2016, cerca de 65,6 milhões de pessoas, ou seja, uma em cada cento e treze pessoas, dentre a população mundial, foram forçadas a deixar seus locais de origem, devido a diferentes tipos de conflitos. No Brasil, os dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) mostraram que, só em 2017, ano de início da realização deste estudo, foram 33.866 os pedidos de refúgio, número que cresceu expressivamente nos últimos anos (BRASIL, 2018).

De 2010 a 2017, o país recebeu 126.102 pedidos de reconhecimento da condição de refugiado. Desses, apenas 10.145 foram reconhecidos como refugiados e 5.134 ainda estavam no país ao final deste período, sendo que 52% deles residiam no estado de São Paulo (BRASIL, 2017). Do total de refugiados reconhecidos no Brasil, em primeiro lugar estavam os naturais da Síria (39%), seguidos da República Democrática do Congo (13%) e da Colômbia (4%) e Palestina (4%), em terceiro lugar (Brasil, 2017). Um outro dado alarmante específico que compõe essa estatística é o número de Venezuelanos que haviam chegado ao Brasil naquele período. Estima-se que, somente entre os meses de janeiro e setembro de 2017, 30.000 Venezuelanos estavam no Brasil, entre solicitantes de refúgio e em situação migratória irregular (BRASIL, 2018).

Nos dois anos seguintes, os números continuaram crescendo expressivamente. Em 2019, o número de deslocados forçados no mundo, sob o mandato da ACNUR, foi de 79,5 milhões. Além desse número, havia outros 5,6 milhões de refugiados palestinos que se encontravam sob o mandato da United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the New East¹ (UNRWA). Destaca-se, ainda, o número de venezuelanos solicitantes de refúgio, que, no mesmo ano, contava 3,6 milhões de pessoas. No Brasil, o número de solicitações de refúgio também cresceu nesse período, sendo que, em 2019, o número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado foi de 82.552. Desse total, 65% das solicitações eram

¹ Agência da Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1949, para atender especificamente a população de refugiados palestinos.

de venezuelanos. Em relação aos números observados, Cavalcante, Oliveira e Macedo (2020) destacam, ainda, que o número total de solicitações de refúgio teve no Brasil uma variação positiva de 5.635% em relação ao ano de 2011, primeiro ano da série histórica em que tais números foram analisados pelo Observatório das Migrações Internacionais².

Os números acima citados são expressivos e isso denota a relevância social e científica deste trabalho. Famílias inteiras têm migrado forçosamente em busca de melhores condições de subsistência, vivendo atualmente num cenário de incertezas. No país de destino, essas famílias ainda encontram novos desafios em relação à adaptação e à garantia de direitos como saúde, educação e trabalho. No período de início da realização deste estudo, um desses desafios era o alto número de diagnósticos e encaminhamentos de crianças para os equipamentos de saúde, devido às hipóteses de possíveis sintomas do Transtorno do Espectro Autista, que vinham sendo noticiados por veículos de comunicação popular. Foi a partir de tais notícias que surgiu o interesse pela realização da presente pesquisa.

Em 2017, o jornal O Estado de São Paulo publicou o artigo intitulado “Autista não: imigrante”, no qual Brandalise (2017) noticiou que crianças recém chegadas ao Brasil eram frequentemente encaminhadas às unidades de saúde pelas escolas, para investigação de quadros descritos como possivelmente relativos à “dislexia, déficit de atenção e deficiência de aprendizagem”. O artigo era ilustrado pelo relato de um caso de uma menina síria de 11 anos, que havia chegado ao Brasil há quatro meses, alfabetizada em árabe e descrita como alegre e comunicativa por seus pais. Na escola, anotava as lições no caderno parte em árabe e parte em inglês, dizia poucas palavras em português e não escrevia nada nas provas. Foi encaminhada a unidade de saúde mental para a investigação das exatas hipóteses diagnósticas citadas acima, com o complemento da professora sobre sua “incapacidade de obedecer a ordens diretas”. Durante a entrevista, a criança relatou que sentia raiva por não saber falar o que estava pensando em português, além das diferenças culturais presentes na escola, como, por exemplo, a presença de meninos. Não suportando a situação, a criança parou de estudar e passou seis meses aprendendo português numa organização não governamental (ONG), retornando aos estudos na mesma escola no ano seguinte, com aproveitamento e socialização satisfatória.

Brandalise (2017) afirmava ainda que, embora, naquela altura, ainda não houvesse dados claros sobre a situação, a estimativa da Secretaria Municipal de Educação era de que os

² Importante salientar que o número de solicitantes de refúgio, que vinha numa linha ascendente no Brasil, caiu 83% em 2021, em decorrência da pandemia de COVID-19. Compreende-se, porém, que havia ali uma demanda reprimida, em função dos constantes fechamentos de fronteiras, bem como outras dificuldades enfrentadas por esse público durante o processo migratório.

encaminhamentos de crianças estrangeiras com suspeita de autismo e déficit de aprendizagem era sessenta por cento maior entre as crianças estrangeiras do que entre as brasileiras. Tal situação, segundo o autor, denunciava a dificuldade dos profissionais da educação em entender e lidar com questões referentes ao processo de migração.

Diante do contexto apresentado, justifica-se a ideia da presente pesquisa, que foi realizada tendo como base o método clínico, valorizando principalmente a técnica de observação, ou seja, a fase da indagação e obtenção de ideias, descrita por autores clássicos como Hayman (1973) e Kerlinger (1980). Durante o longo percurso de realização deste estudo, estendido ainda mais devido à prorrogação emergencial do prazo em função da pandemia de COVID-19, pôde-se observar e vivenciar o quanto o cenário dos deslocamentos internacionais sofre mudanças frequentes, em resposta às mais diversas modificações sociais, políticas e climáticas (ACNUR, 2016). Nesse sentido, o próprio termo deslocamento, que tem sido frequentemente utilizado para se referir à migração, é dinâmico e traz essa ideia de mudança e movimento.

O percurso profissional da pesquisadora influenciou, ainda que indiretamente, no caminho do estudo aqui construído, pois, desde a graduação, houve o interesse pela atuação na área de Psicologia Clínica e Comunitária. Porém, foi durante a realização do mestrado na Universidade Metodista de São Paulo, na qual se estudou a psicodinâmica das relações familiares a partir da percepção de crianças indígenas Guarani Mbya (ARIAS, 2008), que, atuando junto à equipe do APOIAR/IPUSP – Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, colocou-se em prática pela primeira vez o desejo de atuar diretamente numa comunidade com especificidades culturais tão importantes, como as aldeias Guarani Mbya de São Paulo.

Muitas foram as dificuldades enfrentadas nesse campo, principalmente por ter que se adaptar o conhecimento clínico e instrumental da Psicologia para atuar em diferentes culturas, dada a diversidade das situações sociais nas quais as pessoas podem viver. Depois do mestrado, esse percurso foi enriquecido pela atuação profissional em diferentes equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial do Município de São Paulo e, também, em trabalhos acadêmicos, com destaque ao projeto de extensão universitária “Projeto Canudos”, no período de 2012 a 2017 (ARIAS; SIMONI; TORRES; BIGOLI, 2016), no qual a atuação ocorreu na coordenação da equipe de estudantes ligados à área de Saúde Mental.

Durante todo este trajeto, visou-se a atuar diante da premissa de que precisamos conhecer profundamente a história e a identidade de um grupo comunitário para que possamos nele intervir. Nesse sentido, o estudo mais profundo da Psiquiatria Transcultural e da Etnopsicanálise de Georges Devereux (1970; 1972; 1978) e Marie Rose Moro (2005; 2006a;

2006b; 2015), possibilitado pela proposta da presente pesquisa, principalmente devido ao estágio de doutorado-sanduiche, realizado junto à equipe da clínica transcultural da Maison de Solenn – Maison des Adolescents du Hôpital Cochin, em Paris, sob a coorientação da Profa. Dra. Marie Rose Moro, veio dar um sentido mais profundo a tudo o que já havia sido estudado e feito nessa área.

Diante disso, o caminho percorrido na presente pesquisa passa, no primeiro capítulo, pelo estudo teórico da temática e a sua contextualização histórica. No segundo capítulo, buscou-se retomar e complementar as justificativas para a realização deste estudo e apresentar os objetivos da pesquisa. No capítulo três, se apresenta mais detalhadamente a escolha metodológica realizada.

No quarto capítulo, os resultados e discussão são apresentados a partir da tentativa de valorização da observação psicológica e dinâmica própria aos estudos clínicos. Nele se apresentam os Encontros Terapêuticos, como se decidiu chamar os atendimentos clínicos realizados com as crianças migrantes e seus familiares, na instituição de acolhimento. Ainda na fase de definição do projeto deste estudo, pensou-se numa estrutura que visava a utilização de instrumentos de avaliação de maneira mais estruturada, porém, durante sua realização, percebeu-se que a flexibilidade do trabalho de pesquisa se justifica pelo modelo clínico, no que se refere ao número de encontros realizados com os participantes e, também, à forma de utilização dos instrumentos. Foram, portanto, as necessidades clínicas que desenharam tais encontros.

Seguindo o mesmo raciocínio clínico, que valoriza a observação, também é apresentado, ainda no capítulo 4, o estágio de doutorado-sanduiche³, realizado na França. Aqui se fortaleceu a importância de citar a própria pesquisadora como participante da pesquisa, já que, além das dificuldades encontradas por sua própria condição migratória, imposta pela realização do estágio num outro país, tais como o aprendizado de um novo idioma e a adaptação a uma nova cultura e às novas formas de atuação profissional. A proposta do estágio foi de atuar como coterapeuta na clínica transcultural da Maison de Solenn, em Paris, na qual, inicialmente, o trabalho seria de observação dos atendimentos. Portanto, mais uma vez, aspectos do método de observação psicológica aparecem.

Por fim, no capítulo 5, as considerações finais mostram que o caminho percorrido na realização de todo este estudo, foi, portanto, o de observar a dinâmica e refletir sobre o acolhimento psicológico das pessoas em situação de migração e refúgio, que contemplam o

³ Estágio referente ao doutorado-sanduiche. Bolsa concedida pelo Programa Institucional de Internacionalização PrInt USP/CAPES.

movimento próprio da situação vivenciada pelos participantes e, também, pela pesquisadora. Assim, pautada na compreensão de que o tema da migração é emergente na nossa sociedade e nas especificidades psicoculturais vivenciadas pelos imigrantes e refugiados que atualmente habitam o Brasil, a realização deste estudo se justifica.

1. INTRODUÇÃO

De maneira geral, o termo refugiado no Brasil é empregado em referência à pessoa que deixou forçosamente o país de origem ou de residência habitual devido ao medo da perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Tais situações podem gerar violações dos direitos humanos, fazendo com que o sujeito não possa ou não queira buscar a proteção do seu próprio país (BRASIL, 2018).

Em toda a América Latina, a partir da Declaração de Cartagena, que foi assinada pelos países da região em 1984, tal como descreve Barreto (2010), o conceito de refugiado passou a se estender não só às pessoas que temem a perseguição em seus países em função de raça, naturalidade, grupo social, gênero ou opinião política, mas também às pessoas provenientes de países que tenham entrado em processos de degradação política e social que geram violência generalizada, violação de direitos humanos ou outras sérias perturbações da ordem pública.

Apesar disso, nem todas as pessoas que vivem em situação de degradação social em seus países recebem o status de refugiado ao chegarem no país de destino. Por isso, percebe-se que as pesquisas da área utilizam diferentes nomenclaturas para se referir aos fenômenos dessa natureza. Destacam-se, além do conceito de refúgio, os termos migração, migração forçada e deslocamento internacional, os quais se pretende apresentar ainda neste capítulo.

Embora se perceba uma tendência mundial ao uso do termo migração para se fazer referência a diferentes tipos de deslocamentos nacionais e internacionais, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2016) ressalta que é importante deixar clara a diferença entre os conceitos de migração e refúgio, para que, assim, as pessoas nessas situações possam ter garantidos os seus direitos. Migração implicaria um processo voluntário, de pessoas que cruzam as fronteiras buscando melhores condições de vida. Essas pessoas teriam os direitos à proteção geral dos direitos humanos. Esse não seria o caso dos refugiados, que não poderiam retornar aos seus países em segurança devido aos diferentes tipos de perseguições que costumam sofrer e que, por isso, têm direito às proteções específicas dos refugiados, no que tange às leis de direito internacional.

O ACNUR (2016) recomenda que se diferencie o conceito de migrante do conceito de refugiado, para manter a clareza sobre as causas dos movimentos migratórios, o que não significa que o migrante mereça menos destaque ou proteção do que o refugiado. Diante desse contexto, sociólogos e outros envolvidos com a área têm adotado o termo “migração forçada” como um conceito generalista, aberto, que cobre diversos tipos de deslocamentos e movimentos involuntários de grupos mistos e que poderia ser utilizado tanto para as pessoas que cruzam as

fronteiras internacionais, quanto para aquelas que se deslocam dentro do próprio país, devido às condições precárias de subsistência. A nomenclatura “migração forçada”, embora utilizada atualmente com frequência, não se refere a um termo legal, por isso o ACNUR (2016) recomenda que se trate um grupo misto como um grupo de “migrantes e refugiados”, a fim de permitir a compreensão de que todas as pessoas em deslocamento possuem direitos humanos, mas cada uma dentro da sua especificidade. Devido a essa recomendação, adotou-se também esta nomenclatura na presente pesquisa.

As experiências que levam pessoas ao refúgio geralmente envolvem fatores com potencial de desencadear desordens mentais, como depressão e transtorno do estresse pós-traumático, dentre outros. Violências diversas, torturas, mortes de parentes e amigos são circunstâncias traumáticas às quais muitos refugiados são expostos. Fome e perdas de bens também são frequentes nessa população, além do choque sociocultural no país de refúgio. Segundo o autor, pelo caráter involuntário e repentino do deslocamento, os refugiados transportam consigo muito pouco do que, até então, configurava a sua identidade. Além disso, essas partidas são frequentemente relacionadas a um sofrimento psicológico ligado aos traumas a que foram submetidos no período pré-migratório e migratório (MARTINS-BORGES, 2013).

1.1. BREVES APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA MIGRAÇÃO E REFÚGIO NO BRASIL

O percurso da colonização do território brasileiro é marcado por momentos de migração de grandes grupos de pessoas de uma mesma nacionalidade para o Brasil, devido a condições precárias de subsistência nos países de origem e as promessas de riquezas advindas do novo continente.

A história da imigração no Brasil começa com o processo de colonização por meio da apropriação militar e econômica da terra e a subsequente implantação da grande lavoura de exportação, que deu origem ao tráfico de escravos, ou seja, a um tipo de migração forçada. A chegada dos navios negreiros trouxe para o Brasil um tipo de imigrante escravizado, que, diferente de outros grupos que viriam posteriormente, não estava no país em busca de melhores condições de sobrevivência, mas sim, de maneira compulsória e violenta. Sob outro aspecto, considera-se que as migrações devido à fuga de conflitos armados e à busca de refúgio se iniciaram com a chegada da corte portuguesa em 1808 (PATARRA; FERNANDES, 2011).

Em âmbito mundial, Baeninger e Peres (2011) observam que os primeiros documentos sobre políticas públicas dedicadas aos refugiados, bem como a primeira definição do próprio

termo ‘refugiado’, datam de 1951. Após a segunda guerra mundial, definiu-se, na Convenção de 1951, o primeiro Estatuto dos Refugiados e, posteriormente, no Protocolo de 1967, também referente ao Estatuto do Refugiado, da Organização das Nações Unidas (ONU). O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) também foi criado a partir dos trabalhos realizados na Convenção de 1951.

Em 1984, os países da América Latina, reunidos na Colômbia, assinaram a Declaração de Cartagena, na qual adotaram um conceito mais amplo para o termo refugiado, incluindo as fugas dos países de origem devido a dificuldades de subsistência, violência e outros conflitos. O Brasil foi o primeiro país do hemisfério sul a ratificar, em 1960, a Declaração de 1951, mas, naquele momento, com uma cláusula reserva de reconhecimento exclusivo aos refugiados da Europa. Posteriormente, o país também foi o primeiro da América Latina a criar uma lei nacional própria de refúgio, em 1997 (BARRETO, 2010).

Barreto (2010) ressalta, ainda, que a Declaração de Cartagena recomendava que os países, em seus ordenamentos jurídicos, incorporassem ao conceito de refugiado também as pessoas que tivessem fugido de seus países porque sua vida, segurança ou liberdade estivessem ameaçadas pela violência generalizada, agressão estrangeira ou conflitos internos, violação maciça de direitos humanos ou outras questões que perturbassem seriamente a ordem pública. Dessa forma, a partir da Declaração de Cartagena, o conceito de refugiado se estende não só às pessoas que temem a perseguição em seus países em função de raça, naturalidade, grupo social, gênero ou opinião política, mas também às pessoas provenientes de países que tenham entrado em processos de degradação política e social que gerem violência generalizada e violação de direitos humanos.

Durante a segunda metade do século XX, conforme Barreto (2010), sobretudo a partir da instalação da Ditadura Militar de 1964 no Brasil, o fluxo inverso de migração e busca de refúgio também se acentuou. Muitos foram os brasileiros que buscaram asilo principalmente em países da Europa e outros países da América Latina devido às perseguições políticas. Foi apenas a partir das décadas de 1980/90, com a instalação da república democrática, que o Brasil voltou a ser destino de muitos estrangeiros em situação de refúgio.

Atualmente, o movimento migratório é um fenômeno mundial de grandes proporções. Desde a década de 1990, grandes conflitos armados, tais como a guerra no Iraque, República Democrática do Congo, Síria, Haiti, Israel e Palestina, têm intensificado o movimento de migração por refúgio em todas as regiões do mundo (BRASIL, 2017).

No Brasil, a Lei nº 13.445/17 ampliou e simplificou a regularização migratória e o reconhecimento da situação de apátrida e de naturalização por residência. O Brasil pode

reconhecer uma pessoa como apátrida, ou seja, como alguém que não tem nacionalidade reconhecida por nenhum país em função de discriminações às minorias, falhas no reconhecimento dos residentes de tal país ou outros conflitos com a lei e, então, naturalizá-la, a partir de dois anos de residência no país. Por isso, muitas vezes os solicitantes da condição de refúgio não dão continuidade ao processo, em virtude da residência já estabelecida por esse período em território nacional (BRASIL, 2017).

Devido à diversidade dos municípios brasileiros, ações regionais têm sido necessárias para o desenvolvimento do cuidado de migrantes e refugiados. Na capital paulista, sancionou-se a Lei 10.478 que institui a Política Municipal para a População Imigrante, reunindo um conjunto de intenções e experiências já desenvolvidas com essa população (SÃO PAULO, 2016). A partir da lei, foram criados o Conselho Municipal de Imigrantes e o Fórum Permanente de Imigrantes. Segundo Martin, Goldberg e Silveira (2018), um dos ganhos trazidos pela Lei foi a contratação de agentes comunitários de saúde, oriundos principalmente dos grupos de imigrantes da Bolívia, África do Sul, Congo, Cuba, Espanha, Nigéria, Portugal e Serra Leoa, que são fundamentais na articulação dos cuidados a essa população.

1.2. A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL NAS VIVÊNCIAS DE MIGRAÇÃO E REFÚGIO

Embora a migração e o refúgio sejam situações que ocorrem há milênios na história da humanidade, o interesse da comunidade científica pelo estudo do componente afetivo de tais experiências é relativamente novo. Para se refletir a respeito, retoma-se o pensamento de Bion (1991/1965), que descreve a experiência emocional como algo essencial no desenvolvimento humano, pois é através dessas experiências que acontecerá o desenvolvimento da personalidade. A experiência emocional seria a base do funcionamento humano, permitindo a sua transformação.

Pinto (2019), que também é influenciado pelas ideias de Bion (1991/1965) em suas reflexões sobre o conceito de experiência emocional, retoma a origem etimológica dos termos para compor essa compreensão:

“experiência deriva do latim *experientia*, derivado de *experiri* “tentar”, “ensaiar”, “experimentar”. É uma forma de conhecimento e uma sabedoria. Emoção provém do latim *emotionem*, “movimento, comoção, ato de mover”. Assim, a experiência emocional remete-nos para o movimento e para a tentativa e o ensaio na busca da comoção, do que nos acende a esperança e o sentido, do encontro transformativo que nos faz verdadeiramente humanos” (p. 56).

Assim, a migração e a busca por refúgio podem ser vistas também como experiências emocionais que culminam na transformação das pessoas e sociedades. Para Moro (2015), toda migração é um ato de coragem, vivenciado de maneira ambivalente, entre o desejo de partir versus o medo de abandonar a família, os laços, etc. A migração é um ato complexo que não pode ser reduzido ao acaso ou à necessidade. Sejam quais forem as motivações desse ato, o acontecimento migratório deve ser visto como um ato social, inscrito num contexto histórico e político, mas também psíquico. O deslocamento migratório faz uma ruptura com o contexto cultural que envolve o sujeito, o que pode implicar numa desorganização do universo do sentido cultural internalizado pelo indivíduo.

Tal desorganização pode ser relacionada à necessidade de enraizamento, descrita pela filósofa Simone Weil. Embora parta de um outro contexto, tomando como principal objeto de estudo a situação dos operários franceses, a autora trouxe importantes contribuições para esta discussão. Assim, Weil (2001/1949) cita o enraizamento como uma das mais importantes necessidades humanas:

“Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente.” (p. 43).

Sejam quais forem as motivações do ato, segundo Moro (2015), a migração pode ser uma vivência traumática. O traumatismo migratório não é constante, nem algo contra o qual não se possa lutar. Fatores sociais desfavoráveis, tanto no país de origem quanto no país de destino, serão fatores agravantes para a irrupção do trauma, porém, muitas vezes, os sinais do trauma aparecerão apenas posteriormente. A autora complementa trazendo, ainda, a ideia de que esse traumatismo, quando advém, não leva necessariamente a efeitos sintomáticos, podendo ser também estruturante e inaugurar uma nova dinâmica subjetiva para o sujeito, abrindo-lhe novas possibilidades criativas.

A respeito desses efeitos sintomáticos, Galina, Silva, Haydu e Martin (2017) realizaram uma pesquisa de revisão de literatura sobre a saúde mental de refugiados no Brasil. Concluíram que ainda são poucos os estudos nacionais sobre a saúde mental dessas pessoas, mas, de maneira geral, ressaltam que uma questão importante é o contexto no qual se dá a migração. Relataram que alguns estudos tentavam relacionar os desafios pré e pós-exílio, enquanto que outros tratavam apenas dos desafios pós-exílio. Observaram que os artigos que abordavam ambos os tipos de desafios tinham uma tendência a relacionar os traumas vividos nos países de origem

aos obstáculos enfrentados nos países de refúgio, ou seja, a influência que os desafios pós-migração exercem sobre a saúde mental dos refugiados. Já fragilizados pelo temor dos conflitos que viveram nos países de origem, encontram, na maioria das vezes, um ambiente hostil e inadequado nos países de refúgio. Já os artigos que tratam dos desafios pós-refúgio ressaltam os problemas dos países que acolhem refugiados, tais como sistemas de saúde falhos, discriminação, falta de água e alimentos, falta de informação referente a direitos e deveres, idioma não dominado, diferenças culturais, mobilidade geográfica, separação da família e pressão para enviar dinheiro para familiares no país de origem.

Em seu estudo, Jibrin (2017) relatou que o sofrimento psicológico pode ser expresso de diferentes formas, porém, na imigração, as pesquisas e intervenções clínicas revelam que sintomas de ansiedade, de depressão e os somáticos são os principais sinais clínicos observados nessa população. No que concerne aos seus achados clínicos, os principais sintomas psicológicos encontrados foram tristeza e angústia, acompanhados respectivamente de sentimentos de solidão e da presença de lembranças intrusivas. Ainda que muitas dessas pessoas não atendam a todos os critérios diagnósticos necessários para se chegar a um transtorno, tais sintomas são tipicamente encontrados em quadros depressivos e do estresse pós-traumático. Porém, o autor alerta para o fato de que toda etnicidade é acompanhada de um universo cultural que, em si, já propõe teorias explicativas sobre o sofrimento e que, geralmente, se distingue das teorias ocidentais, apontando, assim, os limites de estudos essencialmente descritivos, que não levam tais particularidades em consideração.

Quanto aos processos sociais e contextos sociopolíticos pelos quais os imigrantes percorrem caminhos, Martin, Goldberg e Silveira (2018) lembram que esses nem sempre são favoráveis a sua saúde. Análises sobre os modos de vida, concepções sobre adoecimento, diversos modos de lidar com a saúde e a doença, intercorrências de adoecimento no processo migratório, assim como análises dos sistemas de saúde que recebem imigrantes ganham destaque no nosso país, constituindo uma base para a formulação de preocupações teórico-conceituais e práticas que abrem perspectivas à compreensão do processo saúde-doença-cuidados entre os imigrantes e refugiados.

Os autores acima citados chamam, ainda, atenção para o fato de que o processo de inclusão dos imigrantes nas políticas públicas de saúde brasileiras tem evidenciado importantes problemas, tais como: inserções precárias de trabalho, condições de vida comprometidas pela inclusão sem a realização plena de direitos, ausência de respeito às diferenças e à diversidade, assim como atos de racismo, principalmente em relação a imigrantes negros, colocados em evidência nas últimas décadas. Mesmo assim, relatam que já se podia identificar alguns avanços

nos processos de inclusão desses grupos, como, por exemplo, a contratação de agentes comunitários de Saúde oriundos dos grupos de imigrantes, no contexto da atenção básica em saúde e, também, o incremento de políticas específicas para os imigrantes, tanto em âmbito local quanto em âmbito nacional.

Galina, Silva, Haydu e Martin (2017) relatam, ainda, que os textos científicos por eles pesquisados demonstravam que era imprescindível o treinamento especializado para as equipes de saúde que recebem estes sujeitos, como meio estratégico facilitador da percepção das necessidades e direitos dos refugiados, além do desenvolvimento e implementação de uma educação voltada aos profissionais que trabalham com essa temática, bem como da formulação de uma clara e consistente política para integração de refugiados. A avaliação dessas necessidades de saúde precisa ser compreensiva, intersetorial, incluindo as experiências pré e pós-refúgio e as dimensões culturais da situação atual.

Antunes (2017) também realizou uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre a saúde mental de refugiados. Concluiu que os refugiados constituem um grupo especial entre os migrantes, na medida em que foram forçados a deixar seus países e, muitas vezes, não podem voltar. O autor também refere que esse grupo apresenta maior prevalência de perturbações depressivas e deve ser tratado de maneira especial. Aponta que a necessidade de tratamentos especializados e profissionais de saúde bem treinados e com sensibilidade para as diferenças culturais requer, muitas vezes, a presença de terceiros como tradutores e mediadores culturais, pois a expressão dos sintomas é modelada culturalmente, o que pode dificultar o diagnóstico, sobretudo quando ele é feito com recursos e instrumentos produzidos por padrões culturais ocidentais.

Dantas (2017) apresentou um estudo de caso, com leitura realizada a partir da abordagem que nomeia como intercultural psicodinâmica. A partir do conceito de interculturalidade, bem como das contribuições do referencial psicanalítico, relatou que é importante que imigrantes e instituições que os recebem se repensem a partir de espelhamentos mútuos, vivenciando, assim, a interculturalidade. Relatou que a realidade da imigração e refúgio, quando naturalizada como problema ou trauma, denota incompreensão da amplitude do fenômeno. Concluiu que deve haver cautela a fim de não patologizar ou estereotipar o imigrante.

Sob o mesmo aspecto, Rosa (2018) ressalta que o fenômeno do deslocamento por migração e refúgio deve ser considerado dentro de um contexto econômico e político e que a clínica não pode apenas patologizar essas vivências. Devem-se criar novos dispositivos clínicos

que compreendam o fenômeno da imigração como um fenômeno social. Nesse sentido, a autora ressalta que não há clínica destacada da política.

Da mesma forma, Knobloch (2015) alertou para os perigos da patologização do trauma e da não subjetivação dos sofrimentos causados pelas situações de migração forçada. O tema migração pode ser considerado como um elemento analisador da atualidade, assim como foi o tema da loucura e da psicose nos anos 1970/80. O estrangeiro refugiado é um estranho que busca reconhecimento. Destacou os trabalhos do grupo da Psiquiatria Transcultural francesa, de Tobie Nathan e Marie-Rose Moro (MORO, 2015), baseada na Etnopsiquiatria de Devereux (1970; 1972; 1978), como referência fundamental para o trabalho clínico com os migrantes, pois levam em consideração a multiplicidade de contextos, culturas e línguas, buscando desenvolver estratégias clínicas com capacidade de organizar novos arranjos a cada encontro clínico, considerando a singularidade do sujeito em seu contexto atual com relação a suas referências e especificidades culturais de origem.

Knobloch (2015), chamou, ainda, atenção para uma tendência observada em pesquisas recentes naquele momento, que tentavam inserir a experiência da migração em categorias de transtornos psiquiátricos, trazendo a discussão da categoria transtorno de estresse pós-traumático como um modelo médico que impõe uma narrativa, a partir de certa apropriação política da noção de traumatismo psíquico. A categoria Transtorno de Estresse Pós-traumático que, segundo a autora, ganhou força nos anos 1970, foi oficializada a partir do DSM-III em 1980 e ajudou a legitimar o sofrimento daqueles que apresentavam sequelas relacionadas ao sofrimento da guerra nos Estados Unidos. Essa categorização do sofrimento causado por situações limites, trouxe benefícios, pois muitos menosprezavam o sofrimento dos ex-combatentes de guerra, mas, por outro lado, passou a ser utilizada como propulsor do processo de medicalização da existência, que mantém a subjetividade excluída do campo do cuidado. Para a autora, é inegável que algumas pessoas precisam de medicação, mas é necessário escutar o sujeito para além dos seus sintomas.

A migração também foi observada como um fator de vulnerabilidade nos resultados dos estudos de Tardivo (2015), bem como em Tardivo e Caldas (2015). Os autores realizaram trabalhos de escuta e promoção de saúde de mulheres imigrantes grávidas, residentes em Portugal e no Brasil, com o intuito de observar se a migração desempenhava um papel de empobrecimento adicional na saúde.

Em relação às mulheres migrantes, se faz importante citar ainda que, segundo Marques e Souza (2022), suas experiências devem ser consideradas a partir do conceito de interseccionalidade. As autoras realizaram uma pesquisa de revisão bibliográfica, na qual

discutem a situação das mulheres migrantes venezuelanas no Brasil. Destacam que as mulheres vivem um contexto de desigualdades sociais, no qual a nacionalidade deve ser vista como mais um dos marcadores sociais de discriminação que se integram a outros, tais como classe, gênero, etnia, religião, etc. Segundo as autoras, interseccionar a dimensão de gênero na avaliação dos processos migratórios e políticas públicas envolvidas possibilita a construção de estratégias que atendam às necessidades de tais mulheres, bem como de outros grupos específicos.

Em relação aos serviços de escuta voltados para as pessoas em situação de migração e refúgio, Rosa, Gebrim e Seincman (2017) apresentaram o trabalho de acolhimento aos migrantes, desenvolvido pelo grupo Veredas na cidade de São Paulo. Relataram que o trabalho se realiza num contexto de uma rede de acolhimento (intra/inter) institucional. Enfatizaram que a escuta acontece fora do setting psicanalítico tradicional e que são as particularidades dos casos que delinearão o formato dos atendimentos. Ressaltam que, para que o atendimento ocorra, migrantes e profissionais devem estar amparados, portanto a prática inclui reflexões junto a rede de serviços de saúde e assistência social, abrangendo escuta e desenvolvimento das políticas públicas.

Outro relato sobre o desenvolvimento de um espaço de escuta das pessoas migrantes foi apresentado por Machado, Barros e Martins-Borges (2019). O estudo se refere às reflexões sobre o processo de construção de um serviço de Psicologia dentro de um Centro de Referência a Imigrantes, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Destacaram a escuta psicológica como ferramenta na qualificação da acolhida e integração de imigrantes e refugiados nessa região.

1.3. CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE MIGRAÇÃO E REFÚGIO

Pereira (2020) realizou uma pesquisa etnográfica buscando compreender o crescente número de encaminhamentos de crianças migrantes, especialmente as bolivianas, aos CAPS II de São Paulo, devido às queixas relacionadas a diferentes sintomas do transtorno do espectro autista, relatados principalmente pelas escolas. O autor discutiu a “patologização” da experiência de mobilidade internacional e observou que tais encaminhamentos geralmente desconsideram o contexto cultural, reforçando que essa é uma visão que tende a estigmatizar não só os indivíduos, mas grupos culturais inteiros. Destacou as condições de vida das mães bolivianas, que se encontram afastadas de suas comunidades, sendo muitas vezes orientadas a não conversar com os seus filhos em espanhol, o que impediria o diálogo entre mães e filhos. Criticou, também, a visão simplista de alguns teóricos que culpabilizam as mães que, afastadas afetivamente de seus filhos, seriam determinantes para o desenvolvimento dos seus sintomas

de autismo. Nos países de destino, as crianças acabam assumindo responsabilidades extras na família, como a de ser os tradutores dos pais, já que, geralmente, aprendem primeiro a língua portuguesa, em função do processo de escolarização.

Em relação aos jovens refugiados, Galina, Silva, Haydu e Martin (2017) relataram que os sinais e sintomas de estresse nesse grupo correspondem aos diagnósticos ocidentais de depressão, ansiedade e transtornos de conduta, mas deve-se ter cuidado para não se procurar encaixar os sofrimentos desses jovens nas categorias biomédicas pré-estabelecidas, pois suas vidas eram um continuum que incluía os traumas da migração, mas não se resumia a eles. Os autores afirmaram que as discriminações no país de refúgio podem agravar sofrimentos psíquicos e que a cultura pode impedir os adolescentes de procurarem ajuda para lidar com seus problemas psicossociais, por dificuldades de se expor, diferenças culturais e barreiras relacionadas ao acesso aos serviços.

Ribeiro (2017) investigou a relação entre criatividade e características da vivência internacional e da experiência escolar em crianças e adolescentes que nomeia como multiculturais, ou seja, que já tenham vivido em pelo menos dois países e que, agora, residem no Brasil. A pesquisa, que foi realizada a partir da aplicação da Curta Escala de Aculturação, Teste de Criatividade Figural Infantil e de questionário específico, indicou desempenho criativo acima da média na amostra de crianças e adolescentes multiculturais. A maior parte teve altos níveis de aculturação e adotou estratégias aculturativas de integração e de assimilação, refletindo que o grupo absorveu a cultura estrangeira, em alguns casos paralelamente a sua cultura e, em outros, negligenciando-a. Participantes com maiores níveis de aculturação demonstraram significativamente maior criatividade do que os que tiveram menores níveis. O resultado levanta a hipótese de que trânsitos internacionais temporários podem ser mais benéficos para a criatividade do que imigrações permanentes. A escola, a família, a rede de contatos e o idioma foram os fatores mais indicados como facilitadores para a adaptação. A autora destaca a importância do suporte dos pais para manter a cultura de origem e favorecer a adaptação local.

Dias e Neto (2018) relatam que situações traumáticas envolvendo crianças e refugiados têm ganhado crescente destaque no cenário mundial. Os autores discutiram o conceito de Síndrome de Resignação, a partir do qual essas pessoas resignam-se ao sofrimento relacionados a morte e a morrer. A pesquisa evidenciou que a população infanto-juvenil vivendo em situação de refúgio apresenta maior vulnerabilidade à ideação de morte e à inserção da síndrome de resignação. Os autores ainda relataram que essas crianças geralmente recebem um diagnóstico inicial de depressão, o que pode mascarar os sintomas e dificultar um diagnóstico correto.

Em relação ao lugar da criança na família migrante, Moro (2005) faz referência aos mandatos transgeracionais, que são atribuídos às crianças, a partir dos quais entram em suas vidas psíquicas os conflitos vivenciados pelas gerações anteriores. Dentre esses, pode estar a situação da migração.

“Conflitos mais atuais e, em especial, os traumas podem também se inscrever nessa árvore de vida, acontecimentos que por vezes atribuem um sentido *a posteriori* aos conflitos ou aos momentos traumáticos infantis. É o caso dos traumas migratórios, por exemplo. Quando o peso da transmissão é pesado demais e sua tradução excessivamente direta, a filiação se transforma para a criança em uma patologia do destino” (MORO, 2005, p. 263).

Também em relação às vivências das crianças filhas de famílias migrantes, Borges, Peirano e Moro (2018), pesquisadoras da parentalidade no exílio, relataram que a migração e o desenraizamento podem implicar perdas de raízes ligadas às tradições, deixando as famílias sem suas bagagens interpretativas, necessárias à leitura cultural dos sofrimentos psíquicos e físicos de seus filhos. Apresentaram um estudo de caso de uma paciente de quatro anos, com diagnóstico de autismo, a partir do qual se discute o enquadre da clínica transcultural e a importância de se considerar a contratransferência cultural dos terapeutas. No caso, misturam-se as explicações para o sofrimento da criança, influenciadas pela cultura tradicional da Amazônia equatoriana, origem da mãe, com a busca pelas explicações e tratamentos próprios do país do hemisfério norte, origem do pai e local de moradia da família. As autoras observaram que os discursos etiológicos de diferentes origens, construídos sobre os sofrimentos psíquicos, muitas vezes invadem o desenvolvimento da criança e o equilíbrio familiar.

O estudo de caso de uma criança de seis anos, atendida num campo de refugiados no oriente médio apresentado por Moreira, Tse e Vizzotto (2018), teve como objetivo analisar as produções gráficas como expressão simbólica dos conflitos psíquicos da criança, a partir da realização de três encontros, nos quais aplicou-se o instrumento projetivo HTP (House-Tree-Person). Os resultados apontam que a criança vivencia extremo sofrimento psíquico; foram observados os sentimentos de insegurança, retraimento, inadequação e clara necessidade de afastamento das relações interpessoais. Os autores apontam, ainda, que os desenhos foram importantes mediadores do contato entre a criança e o psicólogo.

Costa (2019) também utilizou os desenhos, dentre outros instrumentos, para investigar o processo de construção da identidade de uma criança síria, refugiada em Campo Grande/MS. Dentre os resultados, observou que a identidade das crianças apareceu pautada no fato de serem

sírias e refugiadas, sendo representada por elementos como o idioma, a guerra, a política, a questão dos refugiados, a religião, a cultura, a comida e a organização familiar. Os resultados revelaram que elas ainda estão muito vinculadas ao país de origem, apresentando apego ao lugar e identidade de lugar de maneira marcante.

Da mesma forma, Bezerra (2016) realizou um estudo no qual buscou compreender os impactos psicológicos da imigração involuntária de crianças de seis a doze anos, naturais da Síria, Venezuela e do Haiti, residentes na região de Florianópolis, a partir da utilização do Procedimento de Desenhos-Estórias e de entrevistas estruturadas. Participaram do estudo crianças e seus familiares residentes no Brasil há pelo menos um ano. Os resultados mostraram que as crianças vivenciam no processo migratório situações percebidas como ameaçadoras, de rupturas e perdas. Foram identificados sintomas somáticos, de depressão e de ansiedade relacionados à experiência. Concluiu que foram observados fatores de risco à saúde mental das crianças, mas que também há fatores protetivos ao adoecimento psíquico no período anterior e posterior à migração.

Ainda, no que concerne à saúde mental do grupo familiar, Moro (2015), citando resultados de uma pesquisa anterior (BAUBET; MORO, 2013 *apud* Moro, 2015) relata que homens e mulheres (pais e mães) migrantes encontram momentos específicos de vulnerabilidade. No caso das mulheres migrantes, a gravidez e o período de construção das primeiras interações precoces mãe-bebê constituem um dos primeiros momentos de vulnerabilidade psíquica. No caso dos homens migrantes, a autora relata que a vulnerabilidade aparece, sobretudo, no período que seus filhos passam pela adolescência, uma vez que irão fazer suas escolhas identitárias, e optar por se afiliar ou se desfiliar totalmente do país de origem da família. Nesse momento, o pai pode se questionar sobre a sua própria escolha pelo projeto migratório e por sua capacidade de estruturação. Será em função da integração social e profissional dos filhos que os pais poderão validar ou se culpabilizar ainda mais pela opção da migração.

Sair do seu país ou, como descrevem Russo, Mendes e Marcelino (2022), do seu espaço de coletividade, muitas vezes de modo abrupto e não desejado, significa vivenciar um difícil processo de desenraizamento, ocasionado pela necessidade abrupta de ruptura com o passado. Os autores relatam que tal experiência ocorreu com a maior parte das famílias em situação de refúgio e de imigração forçada envolvidas na pesquisa que desenvolveram. Os autores realizaram um estudo sobre o processo de inclusão de crianças em situação de migração e/ou refúgio numa escola municipal de Duque de Caxias, município do estado do Rio de Janeiro, a partir da realização de oficinas pedagógicas que envolveram crianças brasileiras, congoleesas e

angolanas. Os resultados mostraram que, embora haja diferentes infâncias habitando o território brasileiro, as escolas ainda são pouco sensíveis para o acolhimento das diferenças culturais. Apontam traços de um racismo estrutural e sistêmico, que deve ser pensado a partir de uma perspectiva interseccional.

Rezzoug, Plaën, Bensekhar-Bennabi e Moro (2007) citam as dificuldades encontradas pelas crianças migrantes e filhas de famílias migrantes, no ambiente escolar. Afirmam que o bilinguismo é frequentemente visto como um problema pelas escolas, que o relaciona a transtornos de linguagem e dificuldades de aprendizagem. Assim, é possível identificar as dificuldades específicas com que se deparam os filhos dos migrantes, que muitas vezes cessam toda expressão da fala assim que são imersos em um ambiente linguístico diferente do de origem, o que traz a noção de um mutismo extrafamiliar.

Antunes (2017) relatou que as intervenções preventivas, de índole comunitária, são indispensáveis, uma vez que os refugiados enfrentam múltiplas barreiras no acesso aos serviços de saúde. As intervenções baseadas na comunidade e que envolvem a escola, segundo o autor, parecem ser bastante eficazes, sobretudo para as crianças e adolescentes.

1.4. ETNOPSICANÁLISE E PSIQUIATRIA TRANSCULTURAL

Áreas de estudo como a abordagem transcultural em Psicoterapia e a Psiquiatria derivam do pensamento de Devereux (1970; 1972; 1978) e de sua teoria, nomeada inicialmente como Etnopsicanálise. Para o autor, a Etnopsiquiatria tem origem na Etnopsicanálise, e deve ser vista como uma ciência pluridisciplinar e não interdisciplinar. Seu problema de base é aquele que subentende a relação de complementaridade do indivíduo, sociedade e cultura.

Assim, segundo Devereux (1970), a Etnopsicanálise parte de uma ideia “complementarista”, a partir da qual os conhecimentos da Antropologia e da Psicanálise são utilizados na busca de compreensão do fenômeno. Segundo Moro (2005), são utilizados obrigatoriamente os conhecimentos de ambas as Ciências, mas não necessariamente de maneira simultânea. Importante lembrar que, em relação à ideia de complementaridade, Bleger (1976) também afirmou que a Psicologia compartilha seu objeto de estudo com outras disciplinas e que a Psicanálise, com seu método específico de investigação, compõe uma série de referenciais possíveis para o estudo das experiências emocionais.

Segundo Moro e Lachal (2008), ao longo do tempo, Georges Devereux adotou os termos Etnopsiquiatria e Psiquiatria Transcultural para se referir ao seu campo de estudos, a fim de diferenciá-lo do trabalho da Cross-cultural Psychiatry, vertente intercultural dos países anglo-

saxões. A Etnopsiquiatria, conforme descrito por Devereux (1978), é uma ciência abrangente, pura e aplicada, de caráter multidisciplinar e não interdisciplinar. Seu problema básico é aquele que subjaz todas as ciências humanas: a relação de complementaridade entre a compreensão do indivíduo, da sociedade e sua cultura.

O interesse pela cultura é ponto pacífico na construção do pensamento psicanalítico, tal como já enunciado por Freud em Totem e Tabu (FREUD, 1913). Mesmo assim, Moro e Lachal (2008) relatam que o pensamento complementarista de Georges Devereux, que considera a interlocução entre os conhecimentos da Antropologia e da Psicanálise na prática clínica, ainda é considerado por muitos psicanalistas e também por antropólogos mais conservadores como subversivo.

Devereux (1978) apontou três possíveis abordagens do fenômeno psicológico, a partir do pensamento etnopsicanalítico: a abordagem intracultural, na qual terapeuta e paciente pertencem à mesma cultura, mas o terapeuta, ainda assim, leva em consideração as dimensões socioculturais no seu trabalho; a abordagem intercultural, na qual terapeuta e paciente não fazem parte da mesma cultura, mas o terapeuta conhece bem a cultura do paciente e a utiliza como alavanca psíquica; e, por fim, a metacultural ou transcultural, na qual terapeuta e paciente pertencem a culturas diferentes, o terapeuta nem sempre conhece a fundo a cultura do paciente, mas conhece muito bem o ‘conceito de cultura’ e o utiliza no estabelecimento do diagnóstico e no modo de conduzir o tratamento.

Segundo Moro e Lachal (2008), as diferenças culturais existentes entre o terapeuta e o paciente devem ser vistas como dados teóricos, clínicos e pragmáticos, que precisam ser considerados na psicoterapia. Na clínica com migrantes, esses pressupostos nem sempre são necessariamente partilhados pela dupla terapêutica. Não é possível que sobressaia apenas a cultura do terapeuta ou do paciente. Constrói-se, então, o vínculo terapêutico de aceitação da alteridade, como um “continente cultural da interação” (p. 131), e só em seguida advém a etapa da universalidade psíquica que pertence a todos. Por isso, a Etnopsicanálise é compreendida por Moro (2006a), como uma teoria pós-colonial, já que considera a validade da universalidade dos conceitos psicanalíticos, porém compreende que eles são vivenciados em modalidades distintas em cada cultura.

Também nesse sentido, Rosa e Lapointe (2004), partindo da abordagem intercultural, ressaltam que a *psyché* é essencialmente a mesma em todos os povos; é a vida interior. Em todo o mundo encontramos seres humanos com impulsos e conflitos similares. A diferença observada está essencialmente na maneira de vivê-los em cada cultura. Qualquer sociedade influencia as atitudes e comportamentos de seus membros.

Destaca-se a abordagem transcultural do fenômeno psicológico como influência teórica para a realização desta pesquisa. Por isso, será importante apresentar, além de seus pressupostos teóricos, seu principal dispositivo clínico, que é a clínica transcultural. Moro (2006a) relata que a história da clínica transcultural se relaciona ao próprio percurso profissional de Georges Devereux. O autor iniciou seus estudos nos EUA, mais especificamente na Menninger Clinic, no Texas. Atuou num contexto pós segunda guerra mundial, atendendo principalmente ex-combatentes, dentre os quais muitos eram indígenas, que apresentavam uma série de sequelas físicas e psíquicas da guerra. Mais adiante, voltou à França, a convite de Levi Strauss, para atuar na École de Hautes Études, a fim de atuar no impacto da migração que crescia expressivamente nos anos 1960 e 1970.

No início dos anos 1980, Tobie Nathan, que era orientando de Georges Devereux, fundou no Hospital Avicenne de Paris, a convite de Serge Lebovici, a primeira clínica voltada ao atendimento de crianças imigrantes. Ainda hoje esse hospital é referência no atendimento dessa população. Desde meados dos anos 1990, Marie Rose Moro coordena no Hospital Avicenne e na Maison de Solenn – Hospital Cochin, a clínica transcultural, que é um dispositivo clínico da Psiquiatria Transcultural, centrado no atendimento de famílias de migrantes, voltado para o estudo da parentalidade no exílio e o atendimento clínico da segunda geração: crianças e adolescentes nascidos na França, que portam os traumas relacionados a migração, mas que nem sempre se apropriam deles, já que muitas vezes tais traumas foram vividos diretamente pelas gerações passadas e não por eles (MORO, 2006a).

A obra de Devereux não descreve nenhum dispositivo clínico específico de atendimento, porém sua obra se diferencia pela maneira de se utilizar o material cultural, bem como a contratransferência do analista, como importantes alavancas terapêuticas (DEVEREUX, 1999/1967). A clínica transcultural, proposta por Moro (2006b, 2015), inspirada em sua teoria, é um dispositivo de atenção especializada, que tem foco nos atendimentos realizados em grupo, por equipes multiprofissionais e multiétnicas (terapeutas e coterapeutas de diferentes origens e formações), às famílias que apresentem sofrimentos psíquicos relacionados às questões da história familiar de migração, que não vêm sendo compreendidas por outras equipes de saúde básica e atendimento social, que fazem, então, o encaminhamento das famílias para essa clínica.

Na clínica transcultural descrita por Moro e Lachal (2008), embora o grupo venha se mostrando um importante dispositivo clínico, não é nele que se resume o modelo psicoterápico proposto. A geometria do enquadre é variável e deve ser proposta pelo terapeuta e negociada com o paciente mediante as necessidades. Seja no atendimento individual, realizado por uma

dupla de terapeutas, ou mesmo os mediados por intérpretes, é a disposição transcultural do terapeuta que delineará a atuação na abordagem.

Ressalta-se que em outros países também se desenvolvem serviços de saúde especializados no atendimento do imigrante, influenciados pela teoria etnopsicanalítica, tais como os realizados no Canadá (BORGES; PROCREAU, 2012) e em Portugal, realizados pelo Instituto de Ciências Psicológicas, Humanas e da Vida em Portugal (ISPA, s/d).

No que se refere à atuação do psicoterapeuta transcultural, o trabalho que considere o conceito de contratransferência e, mais especificamente, de contratransferência cultural, é fundamental. Devereux (1967/1999) apresentou uma ampla dissertação acerca do conceito de contratransferência e o seu importante valor como dado científico. O autor destacava a ansiedade que o trabalho com o material da contratransferência pode causar no cientista do comportamento, já que, a partir dela, pode-se de fato distorcer os dados, porém tais sensações seriam inerentes ao seu trabalho. Devido a ansiedade, os cientistas tendem ao objetivismo, a partir do qual buscam ferramentas mais objetivas para se conseguir resultados que poderiam ser menos distorcidos. Porém, o autor ressalta que, mesmo com o uso de instrumentos mais objetivos, é o cientista que interpretará seus resultados, sendo que a ansiedade poderá ainda distorcê-los. A análise da contratransferência seria mais produtiva cientificamente até mesmo do que a análise do material da própria transferência. A observação do fenômeno, bem como da contratransferência do cientista do comportamento, seriam, portanto, as suas principais ferramentas.

Em relação ao conceito de contratransferência cultural, Moro e Lachal (2008) destacam que é importante levar em consideração as reações do terapeuta que vive uma determinada cultura, que encontra um paciente de outra cultura e vive uma relação com ele. Essas reações abarcam aspectos sociais, políticos e da história pessoal do terapeuta. Será importante desalojá-las e, para isso, ele precisará primeiro reconhecê-las e elaborá-las, como parte integrante do dispositivo clínico.

Conforme Borges, Peirano e Moro (2018), tanto na transferência quanto na contratransferência se encontram as dimensões afetiva e cultural. A contratransferência cultural diz respeito, então, à forma como o terapeuta se posiciona em relação ao respeito à alteridade do paciente, ao seu modo de fazer, de pensar a etiologia da doença e todas as características que compõem o ser cultural.

Um outro aspecto da relação terapêutica estabelecida a partir do olhar da clínica transcultural diz respeito à presença da língua materna, ou seja, da língua de origem da comunidade ou grupo étnico ao qual a família pertence e, não necessariamente, do idioma

imposto pela colonização (MORO, 2005). Aqui o intérprete ganha um valor importante como mediador da relação, pois, além de poder traduzir o atendimento na língua de origem das famílias atendidas, ele, que tem a sua mesma origem cultural, atua também como uma ponte na compreensão dos signos culturais próprios à cultura do paciente.

A partir do trabalho com crianças da segunda geração de famílias migrantes, Moro (2006b) observou que muitas vezes os pais, que fizeram a viagem, aceitam o lugar de imigrantes, mas seus filhos, que são crianças e adolescentes nascidos na França, não se identificam com esse estereótipo. A viagem dos pais é algo posto em suas vidas e elas buscam o caminho da mestiçagem, ou seja, de se inscrever no mundo do país de acolhimento.

Moro (2006b) definiu mestiçagem como pertencças múltiplas. Tais pertencças não dependem apenas de fatores biológicos, geográficos e geopolíticos, mas se relaciona às experiências psíquicas íntimas, compostas das mesmas questões que aparecem na clínica psicanalítica em geral. Nesse sentido, as crianças não se inscrevem apenas na história das transmissões familiares verticais, mas buscam também reescrever suas próprias histórias, podendo, por um lado, honrar a história de luta de seus familiares e, por outro, desenvolver processos de adoecimento, mais relacionados à pulsão de morte do que à pulsão de vida. A mestiçagem estaria ligada à pulsão de vida em suas múltiplas formas, onde elas mesmas seriam representantes e inventoras de novas formas de viver.

A partir do conceito de mestiçagem, as identidades dos imigrantes e também do país de destino se modificam. Juntas se constituem a mestiçagem dos indivíduos e dos grupos sociais, agindo diretamente sobre os processos de construção identitária. Tais modificações acontecem num processo que muitas vezes pode ser doloroso, mas também criativo. Encontra-se no processo de construção identitária dessas crianças a questão das diferenças, mais precisamente da alteridade. Essa diferença tem que ser pensada no que se refere à escola, aos sistemas de cuidado e aos locais de moradia, ou seja, em toda a sociedade que as recebem. As reações frente às diferenças podem ser de racismo e intolerância, por isso a diferença deve ser valorizada. A reflexão deve ser a de abertura coletiva a partir da teoria em movimento às histórias narradas na clínica (MORO, 2006b).

Assim, o conceito de alteridade se faz central na abordagem transcultural. Na Antropologia, alteridade é o estudo do outro e, para se construir a identidade, é necessário reconhecer o outro. A identidade pressupõe a noção de alteridade. Propõe-se a alteridade como um sistema de ligação, como um substrato do incomunicável ou da especificidade. A alteridade é, portanto, a singularidade que diferencia e que, igualmente, conecta os seres humanos (MORO; LACHAL, 2008).

2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Diante do exposto no primeiro capítulo, a realização deste estudo se justifica. Considera-se que, embora haja uma tendência aos estudos que valorizam as categorias de depressão e transtorno de estresse pós-traumático para se referir aos sofrimentos psíquicos dessa população, as pesquisas mais recentes chamam a atenção para a necessidade de se considerar a experiência da migração de maneira mais ampla, dentro de um contexto político e cultural, para que, assim, possamos compreender suas experiências emocionais para além dos sintomas.

Levando-se ainda em consideração que é fundamental estudar os aspectos psicodinâmicos de cada comunidade na qual se pretende atuar e a fim de respeitar as características psicoculturais de cada grupo, pretendeu-se realizar este estudo a partir de uma perspectiva pautada no referencial transcultural.

Esperou-se que o estudo trouxesse contribuições de valor diagnóstico, auxiliando, ainda, a elaboração de estratégias de intervenção psicológicas mais adequadas, visando melhorias do processo de acolhimento psicológico e a promoção da saúde mental dessa população.

Assim, a presente pesquisa foi norteada por objetivos gerais e específicos, descritos a seguir:

2.1. OBJETIVOS GERAIS:

- ❖ Descrever aspectos da experiência emocional de crianças em situação de migração e refúgio acolhidas na cidade de São Paulo.
- ❖ Descrever o acolhimento psicológico oferecido às crianças em situação de migração e refúgio e a seus familiares neste estudo.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ❖ Relatar a experiência do estágio doutoral na clínica transcultural na França, visando ao aprofundamento da discussão sobre as técnicas de acolhimento psicológico oferecidas neste estudo.
- ❖ Descrever aspectos da dinâmica familiar e introjeção das figuras parentais das crianças migrantes e refugiadas estudadas.

3. MÉTODO

O presente estudo apresenta-se com um delineamento qualitativo e cuja investigação foi realizada a partir do método clínico e, conforme define Stake (2000; 2011) em estudo de casos múltiplos. Este capítulo busca descrever e fundamentar a opção metodológica, bem como propõe uma discussão epistemológica sobre a importância dos estudos qualitativos, dentro do que atualmente autores como Santos (2009) e Santos e Meneses (2009) se referem como estudos pós-coloniais.

Para Santos e Meneses (2009), a Epistemologia é toda noção ou ideia sobre as condições do que conta como conhecimento válido. A partir das ideias que reúnem e intitulam como Epistemologias do Sul, criticam os conceitos considerados como universais, que geralmente são criados a partir de estudos que se influenciam por uma visão colonialista e capitalista, que prioriza o conhecimento de países considerados desenvolvidos, na tentativa de tornar suas epistemologias universais. Os autores afirmam que diferentes tipos de realidades sociais, culturais e políticas resultam em diferentes epistemologias, porém, historicamente, tentou-se suprimir todas as formas de conhecimentos locais ou tradicionais que contrariassem as regras às quais o colonialismo servia, situação que resultou num verdadeiro “epistemicídio” (p.10), ou seja, na supressão dos conhecimentos tradicionais de diferentes grupos sociais, tais como etnias indígenas e africanas distintas, perpetradas pelos colonizadores.

Nesse sentido, estabelece-se uma disputa entre formas científicas e não científicas da verdade. A verdade científica, segundo Santos (2009) é sempre muito relativa, dado o fato de poder ser estabelecida apenas em relação a certos tipos de objetos, em determinadas circunstâncias. Para o autor, há uma linha, que nomeia como linha abissal, que separa, de um lado, a ciência, filosofia e teologia e, de outro, o conhecimento popular, que é considerado como incompreensível, por não obedecer nem aos critérios científicos da verdade, nem aos conhecimentos reconhecidos como alternativos, como os da filosofia e da teologia. Cita, então, a necessidade de um pensamento pós-abissal, uma ecologia de saberes, que se baseie no reconhecimento da pluralidade dos saberes heterogêneos, sendo um deles a ciência moderna. A ecologia de saberes se pauta na ideia de que o conhecimento é, na verdade, um interconhecimento, de múltipla diversidade epistemológica.

Conforme Perestrello (1996), as Ciências Humanas têm como objeto a própria experiência humana, sendo as relações de significação dadas pela compreensão e não pelas explicações causais. Dessa forma, considera-se o método de pesquisa qualitativa adequado às Ciências Humanas, mais especificamente à Psicologia, pois, conforme relatam Calil e Arruda

(2004), um dos pontos cruciais que demarcam a formação humanista é considerar o conhecimento como um constante “vir-a-ser” (p. 175), sempre aberto ao novo. Caracteriza-o a pluralidade das possibilidades e não se pretende certeza ou exatidão. Os autores reconhecem que a relação que se estabelece entre sujeito e objeto não pertence à ordem da objetividade, como pretendem as ciências naturais, mas sim, da intersubjetividade.

Tal método de pesquisa, segundo Calil e Arruda (2004), busca coletar um corpo qualitativo de dados e informações sobre o fenômeno estudado, entendendo por qualitativo aquilo que elucida a qualidade, as características do objeto, seu modo de ser. Segundo os autores:

“...o método qualitativo parte do princípio de que entre o mundo real e o sujeito há uma constante dinâmica de interação, um vínculo indissociável entre mundo objetivo e subjetivo e uma interdependência entre o sujeito do conhecimento e seu objeto de estudo...” (CALIL; ARRUDA, 2004, p. 189).

3.1. MÉTODO CLÍNICO E OS ESTUDOS DE CASOS MÚLTIPLOS

Elegeu-se nesta pesquisa o método clínico como adequado, já que ele permite, conforme descreve Turato (2003), um aprofundamento no estudo do objeto e uma aproximação compreensiva dos significados de padrões, regras e comportamentos existentes nessas populações.

Define-se o método clínico como aquele no qual o pesquisador atua “...curvando-nos sobre o fenômeno, observando o que ocorre, descrevendo, levantando hipóteses diagnósticas...” (VIZZOTTO, 2003, p. 146-147). Segue-se, então, observando os resultados e avaliando a eficácia das intervenções, para então intervir novamente, num movimento contínuo, tal como descrito por Knobel (1986). Nas obras clássicas da psicanálise freudiana e kleiniana, base teórica da presente pesquisa, os relatos de estudos de casos são fundamentais. Por meio deles, os teóricos puderam observar manifestações psíquicas não conhecidas e descrever hipóteses que as explicariam e, a partir daí, contribuir para o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Na metodologia do estudo de casos múltiplos, conforme relata Alves-Mazzotti (2006), vários estudos de casos ou diferentes estudos são realizados simultaneamente e seus resultados são integrados numa análise mais ampla. Para Stake (2000), o estudo de caso coletivo se refere a um estudo de caso instrumental, que é compreendido como um estudo de caso que busca facilitar a compreensão de algo mais amplo, porém estendido a vários casos. Stake (2011) explica que os casos incluídos em um estudo de casos múltiplos podem ter características

similares ou não. Os casos são escolhidos por se acreditar que seu estudo permitirá a compreensão de um grupo mais amplo de casos. Neste tipo de pesquisa, podem ser incluídos diferentes estudos de casos, micro casos, fragmentos de histórias, episódios, etc.

Nesta pesquisa, buscou-se privilegiar principalmente a observação como etapa fundamental do método clínico, tanto a observação dos fenômenos psicológicos que emergiam no campo das relações emocionais, tal como descrevem Baranger e Baranger (1969) e Bleger (1980), durante os estudos de casos realizados no Brasil, como a observação proposta no estágio doutoral realizado na França.

Calil e Arruda (2004) relatam que o método clínico pressupõe a investigação científica do fenômeno humano por meio da compreensão simbólica, pelo exercício da criticidade dentro da relação clínica. No método clínico, a observação psicológica é importante técnica que contribui para o levantamento de dados complementares, bem como de acompanhamento de casos, dentre outros aspectos.

A respeito do conceito de observação, Hayman (1973) afirma que a observação naturalística-clínica deve impor limitações mínimas à natureza enquanto é observada, sendo que o ideal seria vigiar o comportamento tal como ocorre naturalmente. Porém, para a realização da observação psicológica, compartilha-se as ideias de Bleger (1980) a respeito da compreensão dos aspectos subjetivos da dinâmica das relações. Para o autor, a objetividade da observação só pode ser alcançada quando se incorpora o observador como uma das variáveis do campo das relações emocionais. Estuda-se, então, o fenômeno sempre em relação à presença do observador e na interação com ele.

Ressalta-se que, mesmo ante as críticas sofridas pelo método clínico quanto a sua falta de objetividade, esse método é aceito pela comunidade científica por possibilitar uma compreensão profunda do objeto estudado. Conforme explica Bleger (1984), a importância desse tipo de investigação está justamente no fato de que tanto o objeto de estudo quanto o investigador se modificam no processo investigativo, operando e agindo, tornando a experiência enriquecedora devido à reflexão e compreensão dos fenômenos. É nessa rigorosa observação do fenômeno que o pesquisador busca realizar uma leitura do material percebido. Aqui, utiliza-se o referencial teórico psicanalítico e etnopsicanalítico na busca de tal leitura.

3.2. PSICANÁLISE E ETNOPSICANÁLISE NA LEITURA DOS FENÔMENOS OBSERVADOS

Considera-se coerente a utilização da abordagem teórica psicanalítica para compreender os dados obtidos frente ao método de observação acima citado. Entende-se que a psicanálise e, em especial os psicanalistas que estudam as relações vinculares e de objeto, tais como Klein (1969/1932), Baranger e Baranger (1969), Bleger (1980) e Pichon-Rivière (1991), consideram a dialética influência entre indivíduo e meio.

Segundo Aguiar (2006), a psicanálise é uma forma de investigação e, ao mesmo tempo, uma intervenção clínica. Para Freud, conforme o autor, um dos títulos de glória de sua disciplina é que, nela, pesquisa e tratamento coincidem. Muitos são os críticos do método psicanalítico. O autor destaca Popper, como o mais conhecido crítico da Psicanálise. Para o filósofo, a disciplina freudiana representava tudo aquilo que a ciência proíbe, já que seus argumentos seriam tais que nenhum fato empírico poderia refutá-los.

Mezan (2002) assinala que nessa discussão sobre a cientificidade da psicanálise estão embutidos inúmeros pressupostos e que, na maioria das vezes, os interlocutores não se entendem porque não falam a mesma língua. Para o autor, conceitos tais quais os abordados neste capítulo, como ciência, realidade, verdade etc., têm significados diversos para cada indivíduo, o que pode gerar muita confusão. O autor destaca, ainda, que toda investigação psicanalítica é do tipo qualitativa e isso permite que, em trabalhos atuais, a psicanálise possa sair dos moldes do consultório tradicional e servir de base teórica para compreendermos realidades sociais específicas, tal como se propõe neste estudo.

Embora este capítulo tenha sido iniciado com uma crítica ao conhecimento científico colonial, a partir do qual muitas vezes se universalizam conceitos produzidos por uma Ciência que reforça o lugar de destaque dos países dominantes economicamente, considera-se possível uma psicanálise que privilegie a diversidade afetiva e cultural vivenciada por diferentes grupos sociais. Nesse sentido, a oportunidade do aprofundamento do estudo da Etnopsicanálise de Georges Devereux (1970, 1972, 1978), propiciada pela realização desta pesquisa e, principalmente, pela oportunidade do estágio doutoral realizado na clínica transcultural francesa, que será mais bem descrito posteriormente, se fez extremamente importante. A Etnopsicanálise parte de uma ideia complementarista, a partir da qual os conhecimentos da Antropologia e da Psicanálise são utilizados sem que uma das teorias sobressaia, ou seja, são utilizadas obrigatoriamente, mas não necessariamente de maneira simultânea.

Moro (2006b) vê a Etnopsicanálise como uma teoria pós-colonial, na medida em que considera a validade da universalidade dos conceitos psicanalíticos, vivenciados em modalidades diferentes em cada cultura. O pensamento de Georges Devereux (1970, 1972, 1978) atualmente é base para a área da qual a autora é uma das principais representantes, que se denomina como Psiquiatria Transcultural.

Diante do exposto, este estudo foi realizado em duas partes, nas quais ocorreu a observação do fenômeno da migração a partir de diferentes vértices. São elas: em primeiro lugar, observações sobre os casos clínicos estudados no Brasil e, em segundo lugar, observações realizadas durante o estágio doutoral na França. Como se trata de atividades de diferentes naturezas, realizadas com procedimentos distintos, optou-se por descrever os ambientes e os procedimentos necessários para se realizar cada uma dessas partes e, posteriormente, os participantes e o instrumental utilizados.

3.3. AMBIENTE E PROCEDIMENTO

Compreende-se que as observações sobre os casos atendidos são indissociáveis do ambiente desta pesquisa, uma vez que o fenômeno da migração pode ocorrer em modalidades muito diferentes. A necessidade de acolhimento institucional dessas pessoas traz uma especificidade importante ao grupo estudado, que é a situação de vulnerabilidade social. Julga-se, então, que a descrição do ambiente da pesquisa se mistura ao procedimento, sendo determinante na construção do método aqui delineado.

A pesquisa foi realizada numa instituição de acolhimento de imigrantes na cidade de São Paulo, em sala destinada para esse fim, buscando garantir aos participantes o sigilo e a privacidade necessária. A instituição, que se localiza na região central da capital paulista, foi fundada pela Missão Scalabriniana e é atualmente conveniada à Prefeitura Municipal de São Paulo. Faz-se importante citar que esta é uma instituição de passagem, portanto não é possível determinar quanto tempo essas pessoas permanecerão ali acolhidas.

O espaço, que já foi sede de um colégio, é bastante amplo, com um pátio externo e um interno, quadra de esportes, sala de TV e salas de aulas. Conta com acomodações para cerca de 150 pessoas. As pessoas acolhidas são divididas nos alojamentos por gênero e idade. As mães e seus filhos (crianças e adolescentes) são alojados em dormitórios específicos, enquanto os pais e outros homens solteiros ou sem filhos são alojados em dormitórios masculinos. Existem ainda os dormitórios femininos, no qual são acomodadas as mulheres sem filhos. Porém, nos últimos contatos com a instituição, ocorreram relatos de homens que migraram com seus filhos

pequenos, e isso estava sendo visto como um entrave pela instituição, pois não seria possível acolhê-los na mesma organização de alojamentos.

Na rotina da instituição, as pessoas ali acolhidas passam a noite, recebem refeição no café da manhã e jantar e são estimuladas a não permanecer na instituição durante o dia, e sim a sair em busca de regularização de documentos, colocação profissional e outras atividades de adaptação, tais como cursos, atividades culturais, etc. Teoricamente, somente as crianças e seus cuidadores poderiam, então, permanecer na instituição durante o dia. A equipe técnica conta com uma psicóloga, assistentes sociais (a maioria religiosas da Missão Scalabriniana) e educadores, sendo que os últimos são, em sua maioria, estrangeiros que já estiveram acolhidos na instituição e que têm um papel fundamental nas ações da instituição em função de dominarem os idiomas maternos daqueles que são acolhidos.

Embora as observações e interações com o cotidiano da instituição tenham ocorrido nos seus diferentes espaços, os atendimentos aconteceram, em sua maioria, na “sala de português”, como os profissionais da instituição a costumam chamar. A sala, como o próprio nome diz, é destinada aos cursos de ensino da Língua Portuguesa às pessoas acolhidas pela instituição. Durante um curto período, tal sala esteve em reformas e os atendimentos tiveram de ser transferidos para a sala de reuniões, na área administrativa da instituição.

Inicialmente, buscou-se contato com diversas instituições que atendem o público de migrantes e refugiados na capital paulista, bem como com os órgãos da gestão municipal responsáveis. Encontrou-se pouca escuta e muita burocracia nesse percurso. Quando houve o contato com a gestora da instituição aqui descrita, o fenômeno de acolhimento se deu também em relação à pesquisadora. A gestora relatou que compreendia a proposta da pesquisa como a de uma relação de ajuda com a instituição, já que a proposta previa a escuta das famílias ali acolhidas, bem como a atenção às crianças. Em diálogo posterior, sobre a dificuldade de acessar as instituições para a proposta do projeto de pesquisa, disse que o acolhimento era da natureza da instituição e missão da ordem Scalabriniana e, por isso, não poderia deixar de escutar e acolher também aos pesquisadores e profissionais voluntários que os procuravam.

Os primeiros contatos com os participantes aconteciam sempre por intermédio da gestora da instituição. A gestora fazia questão de falar previamente um pouco sobre a família à pesquisadora e de a apresentar aos participantes, bem como explicar a eles a proposta do trabalho. A partir disso, ela se retirava e a pesquisadora explicava em detalhes a natureza da pesquisa, solicitando o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE 1) aos pais. Em seguida, eram realizados os encontros terapêuticos, nos quais, inicialmente, foram feitas as entrevistas semidirigidas com os pais e, posteriormente, os encontros individuais com

as crianças, nos quais se tomou o cuidado de explicar novamente, numa linguagem inteligível e aproximativa, a natureza da pesquisa e foi solicitado o “Termo de Assentimento Esclarecido” (APÊNDICE 2).

Julga-se importante citar que, no projeto inicial de pesquisa, estava previsto também que seriam realizadas sessões dedicadas às Entrevistas de Devolução de Informação, conforme preconizam Ocampo e Arzeno (2009), a fim de realizar uma devolutiva sobre observações realizadas a partir da participação na pesquisa e encerramento do contato. Porém, ao longo deste trabalho, pôde-se compreender que, devido à natureza da instituição ser a de um abrigo, ou seja, uma instituição de passagem, nem sempre se tinha a oportunidade de encontrar novamente os participantes para se realizar tal devolutiva. Por isso, ao longo do processo, foi-se construindo o modelo de encontros terapêuticos com base também nas técnicas de psicoterapia breve e brevíssima propostas por Knobel (1986; 1991) e de plantão psicológico estudadas por Vizzotto, Bonfim, Heleno e Arias (2012) e Gomes (2012), a partir das quais as intervenções e devolutivas possíveis são realizadas conforme emergem, no aqui e agora, já que nem sempre se têm a garantia de que haverá outro encontro com essas pessoas. Tal enquadre foi mais profundamente abordado no item de descrição dos instrumentos.

3.4. PARTICIPANTES

Participaram do estudo seis crianças em situação de migração e refúgio, na faixa etária dos 7 aos 12 anos, de ambos os gêneros. Das referidas crianças, duas eram naturais da Venezuela, três de Angola e uma do Haiti. A escolha dessa faixa etária se justificou pela temática do presente trabalho, por ser a faixa etária mais presente dentre os pedidos de refúgio no Brasil, no momento de início da realização da pesquisa (BRASIL, 2018).

Os pais das crianças participantes também foram convidados para fazer parte do estudo. Houve a participação de seis mães e um pai. Dentre os familiares participantes, duas mães eram angolanas, uma congoleza, duas venezuelanas e uma haitiana. O pai participante era natural da Venezuela. Vale ressaltar que, dentre as seis famílias em atendidas, em duas delas os pais também estavam presentes na instituição, mas não aceitaram o convite para participar da pesquisa. Esse fato foi mais bem analisado no capítulo de discussão dos resultados.

Considerando que este estudo foi realizado apenas com as pessoas que quiseram participar, trata-se de uma amostra por conveniência, conforme definem Rea e Parker (2000). Importante citar que foram critérios para a participação neste estudo que se estivesse residindo no Brasil há no máximo um ano, em situação de acolhimento institucional.

Por se tratar de uma pesquisa que privilegia o método clínico e a observação psicológica, julga-se importante citar a própria pesquisadora na descrição dos participantes da pesquisa; pois, conforme Bleger (1980), é necessário incluir o entrevistador (pesquisador) no campo psicológico e centrar os estudos, além da personalidade do entrevistado, também na interação entre os participantes (entrevistador e entrevistado), no processo de comunicação que ocorre a partir da projeção, introjeção, identificação, etc. e nas ansiedades que emergem desse encontro⁴.

Sob o mesmo aspecto, Devereux (1999/1967) considera que as ansiedades que emergem desse encontro são tanto do entrevistado como do entrevistador. O autor ressalta que negar as dificuldades advindas dessa interação e não as utilizar de maneira criativa poderá levar o cientista a recolher dados cada vez menos pertinentes, mais periféricos e triviais, que não derramam luz sobre o que há de vivo e humano nos participantes.

3.5. INSTRUMENTOS

O raciocínio clínico que fundamentou a seleção dos instrumentos de pesquisa partiu do conceito de diagnóstico compreensivo, de Trinca (1986), bem como de diagnóstico compreensivo e interventivo, proposto por Tardivo (2004; 2012). Segundo Trinca (1986), o diagnóstico do tipo compreensivo visa ao entendimento global da personalidade do sujeito e não apenas a encaixá-la em categorias descritivas. Busca encontrar um sentido para o conjunto de informações disponíveis e entrar em contato empaticamente com o outro.

Tardivo (2012) amplia as ideias de Trinca (1986), dizendo que no psicodiagnóstico compreensivo o psicólogo tem como foco compreender os processos intrapsíquicos, principalmente de estrutura e dinâmica da personalidade, abrangendo tanto o diagnóstico quanto o prognóstico. Cita, ainda, que, no caso de crianças e adolescentes, o trabalho também inclui a compreensão das relações familiares. A autora aponta, ainda, que, nos casos de diagnóstico compreensivo, evidenciam-se as relações entre processos compreensivos e interventivos, pois esses são indissociáveis, já que a relação estabelecida com o avaliando, em si, já é interventiva. Dessa forma, compreende-se que quando a criança brinca ou desenha, ela nos mostra seus conflitos e, ao mesmo tempo, tenta elaborá-los. A técnica de diagnóstico

⁴ Participou das primeiras visitas à instituição a psicóloga recém-formada Gabriela Barreto Chavatte, com o objetivo de auxiliar no processo de pesquisa. Infelizmente, devido a outros compromissos profissionais, não pôde dar continuidade ao trabalho, estando presente somente no atendimento do primeiro caso. Porém, se manteve ativa no auxílio da transcrição das entrevistas e em outras tarefas que puderam ser realizadas à distância.

interventivo vem sendo utilizada por diversos pesquisadores em diferentes contextos. Destacam-se o trabalho de Tardivo (2004, 2007), Tardivo e Pinto Junior (2008), Tardivo e Gil (2008), Tardivo e Caldas (2015).

Da mesma forma, Rosa, Tardivo, Pinto Junior, Silva e Avoglia (2020) afirmam que não é possível a atuação na psicanálise ser separada da investigação e que levar em conta os aspectos do mundo subjetivo da dupla terapeuta-paciente, embora seja tarefa árdua, é o melhor fazer do analista.

Ainda a respeito da seleção dos instrumentos de pesquisa, Okazaki e Sue (1998) levantaram uma importante questão. Os autores afirmam que os instrumentos e modelos metodológicos existentes são frequentemente construídos a partir de populações predominantemente ocidentais, o que dificulta a sua aplicação direta em outras etnias ou em indivíduos provenientes de realidades culturais diferentes daquelas em que os instrumentos foram validados. Ressaltam que as pesquisas requerem atenção a respeito dos modelos teóricos adotados, dos instrumentos de avaliação e dos delineamentos de pesquisa utilizados. Diante de um cenário constituído de insipientes estudos de adaptação, validação do instrumental psicológico e revisões teóricas específicas às diferentes etnias, os autores indicam os estudos qualitativos e os instrumentos projetivos como profícuos para tais investigações, já que estes possibilitam uma visão mais abrangente sobre o fenômeno e permitem uma aproximação compreensiva dos significados, regras e comportamentos próprios de cada população.

Levando essa discussão em consideração, a presente coleta de dados foi realizada a partir de alguns encontros com a criança e seus familiares, nomeados aqui como encontros terapêuticos. Ao longo do processo, foi-se construindo o modelo de encontros terapêuticos influenciado, ainda, pelas técnicas de psicoterapia breve e brevíssima, propostas por Knobel (1986; 1991) e de plantão psicológico, descritas por Vizzotto, Bonfim, Heleno e Arias (2012) e Gomes (2012).

Os encontros foram, ainda, inspirados pelo modelo descrito por Tardivo (2004; 2007), a partir do qual a autora realizou encontros de consultas terapêuticas com a população de jovens indígenas de São Gabriel da Cachoeira. Nos encontros, a autora também utilizou, dentre outros instrumentos, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, como mediador do contato com os participantes. A utilização dos desenhos teve valor diagnóstico, permitindo a compreensão dos diferentes sofrimentos vivenciados e, além disso, possibilitou que a autora interviesse diretamente nesse sofrimento, junto aos jovens.

A técnica aqui utilizada se assemelha, ainda, ao que Aiello-Vaisberg (2013) chamou de encontros brincantes. Segundo a autora, investigações científicas dessa natureza se organizam

mediante os encontros inter-humanos e são eles que ditarão os passos a serem seguidos. Durante tais encontros, os pesquisadores obtêm material clínico, ao mesmo tempo em que os participantes podem ser prontamente beneficiados pelo caráter interventivo do próprio encontro.

O enquadre de encontros terapêuticos aqui construído também se inspirou no trabalho realizado por Bonfim (2010) com indígenas Guarani Mbya de São Paulo. Essa autora centra as intervenções psicoterápicas realizadas na compreensão do material que emerge do campo das relações emocionais, conceito de Baranger e Baranger (1969) e Bleger (1980), lidando principalmente com os entraves que vão surgindo como parte desse campo. A partir do seu trabalho, podemos compreender o conceito de enquadre como algo estável, porém dinâmico, a ser construído a partir das necessidades impostas pelo campo. Destaca-se, ainda, as contribuições do trabalho anterior de Bonfim (1993) para o estudo mais aprofundado do conceito de campo e dos entraves que muitas vezes nele são encontrados.

Nos encontros terapêuticos, os instrumentos foram utilizados a partir da dinâmica dos próprios atendimentos. De maneira geral, destacam-se as entrevistas semidirigidas, as entrevistas lúdicas e o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, conforme descrição a seguir.

3.5.1. Entrevista inicial com os familiares

A técnica de entrevista semidirigida foi um instrumento basal na condução do estudo, já que é a partir dela que a relação estabelecida com os participantes se fundamenta. A fundamentação da técnica aqui utilizada tem seus alicerces na definição de Bleger (1980), que vê a entrevista como um instrumento fundamental do método clínico. Ela se dá por meio da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado e, por isso, sempre deve ser considerada a partir de um ponto de vista grupal, pois mesmo com a participação de só um entrevistado, sua relação com o entrevistador já deve ser considerada a partir das teorias psicológicas de dinâmica de grupo.

Ocampo e Arzeno (2009) também descrevem a entrevista semidirigida como adequada para a utilização clínica. Para as autoras, nesse tipo de entrevista o paciente tem liberdade de expor seus problemas começando por onde preferir e incluindo o que desejar. Da mesma maneira que Bleger (1980), as autoras afirmam que o campo psicológico, configurado pelas interações entre entrevistador e paciente, é estruturado a partir de aspectos da personalidade do entrevistado. Diferindo da técnica de entrevista totalmente livre, o entrevistador intervém assinalando alguns vetores quando o entrevistado não sabe como começar ou continuar;

assinalando situações de bloqueio possivelmente causados pela angústia gerada pelo próprio encontro e indagando acerca de aspectos da conduta do entrevistado, às quais ele não se referiu espontaneamente.

Assim, diante do exposto por Bleger (1980), bem como por Ocampo e Arzeno (2009), se compreende que na entrevista semidirigida o campo das relações emocionais (BARANGER; BARANGER, 1969) será configurado por aspectos da personalidade do próprio entrevistado. Há, portanto, grandes temas que o entrevistador deseja conhecer e não exatamente questões que devam ser realizadas. Na presente pesquisa, tais temas dizem respeito à compreensão de aspectos da história de vida da criança e sua família; interações com a cultura de origem e elementos prévios à migração, as vivências relacionadas à viagem, ou seja, ao próprio ato de migrar e, por fim, as interações com a cultura brasileira, bem como as experiências pós-migratórias, tais como o acolhimento e adaptação ao país de destino.

3.5.2. Entrevistas lúdicas com as crianças

A técnica de entrevista psicológica realizada com crianças e adolescentes pode ser mediada por recursos lúdicos e gráficos. Efron, Fainberg, Kleiner, Sigal e Woscoboinik (2009) afirmam que, nesses casos, a função do entrevistador consiste em observar, compreender e cooperar com a criança, criando condições favoráveis para que ela possa brincar com a espontaneidade possível, já que qualquer situação nova provoca ansiedade.

Desse modo, nos casos estudados, a entrevistas realizadas com as crianças tiveram um rumo próprio, tal qual é natural ao método de entrevista semidirigida. Em alguns deles, o contato se estabeleceu a partir do diálogo e, em outros, do brincar e do desenho livre. De qualquer forma, o contato foi mediado pela atitude lúdica, que é definida por Trinca (2012) como uma disposição mental que tem como paradigma o brincar da criança como algo que frui na entrega aos relacionamentos, entretenimento e divertimento. Nesse sentido, Affonso (2012), retomando as ideias de Klein (1932/1969), afirma que a atitude lúdica do psicoterapeuta está presente não somente quando ele propõe uma brincadeira estruturada, mas permeia principalmente o encontro terapêutico, como uma forma de linguagem e relação.

Tardivo (2012) afirma que a atitude lúdica é uma forma de expressão típica da criança. Segundo a autora, dentro do diagnóstico compreensivo, o ludodiagnóstico tem fundamental importância, sendo muito mais do que um instrumento que serve para se estabelecer um bom *rapport*. É uma técnica para conhecimento inicial, estabelecimento de vínculo e avaliação psicológica.

Nesse sentido, Aberastury (1982) afirma que na primeira hora de jogo, a criança expressa as suas fantasias de enfermidade e desejos de cura. Assim, o terapeuta pode entrar, segundo Tardivo (2012), como apoio (holding) no caminho da integração do ego e em tentativas de elaboração dos conflitos, o que evidencia o caráter indissociável existente entre o processo compreensivo e interventivo.

3.5.3. Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema

Baseado na técnica do Procedimento de Desenhos-Estórias de Trinca (1997), o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (DET) foi criado por Aiello-Vaisberg (1997), também amplamente estudado e utilizado por Tardivo (2004; 2007), principalmente no que se refere ao seu uso clínico. Trata-se de uma técnica na qual a investigação é realizada a partir da produção de desenhos e histórias com temas específicos, previamente desenvolvidos em função dos objetivos científicos que se pretende atingir. Aiello-Vaisberg (1997) afirma que se trata de uma técnica investigativa, destinada a facilitar a comunicação emocional do inconsciente relativo de um indivíduo ou grupo social específico.

Em um estudo de revisão bibliográfica sobre a utilização do DET em diferentes procedimentos de pesquisa, Martão (2013) afirmou que, inicialmente, essa técnica era mais utilizada nas pesquisas de representação e imaginário social e, ao longo do tempo, foi-se difundindo para outras áreas, passando a ser utilizada também nos processos de avaliação psicológica, diagnósticos interventivos, psicoterapias e consultas terapêuticas. O uso clínico do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema foi preconizado por Tardivo (2004; 2007), autora que difundiu o uso da técnica também com populações de grupos culturais variados, tais como os adolescentes indígenas de São Gabriel da Cachoeira e os indígenas Guarani Mbya de São Paulo, tal como descrito por Tardivo, Vizzotto, Bonfim e Arias (2012).

Na presente pesquisa, o tema proposto foi “*desenhe uma criança (ou adolescente) que veio morar no Brasil*”. Em alguns casos se utilizou previamente um tema auxiliar “*desenhe uma criança (ou adolescente) qualquer*”, principalmente quando havia acontecido pouca interação na entrevista lúdica ou por meio de desenhos livres, a fim de se estabelecer um *rapport* e iniciar o processo de maneira menos impactante. Como é próprio da técnica original, os desenhos realizados foram utilizados como estímulos para que os participantes contassem histórias.

No que se refere à utilização e análise dos desenhos, embora se tenha realizado a análise do conteúdo do material, todo o raciocínio aqui realizado foi influenciado pelos importantes norteadores de análise dos desenhos-estórias, propostos por Tardivo (1997), ou seja, os grupos

das atitudes básicas das figuras significativas; sentimentos expressos; tendências e desejos; impulsos; ansiedades e mecanismos de defesa. Mais especificamente em relação ao procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, a orientação veio dos norteadores de análise descritos por Aiello-Vaisberg (1997; 2013), tais como os temas importantes, dinâmicas discursivas, estilos, teorias implícitas, necessidades afetivo-emocionais e configuração mental grupal. Além disso, buscou-se sustentação nas principais literaturas clássicas relacionadas ao estudo dos instrumentos projetivos, tais como Piccolo (2009), Buck (2009) e Hammer (1991), assim como de pesquisas mais recentes que utilizaram tais instrumentos em pesquisas com populações em situação de migração e refúgio e com outras particularidades culturais, tais como Arias (2008), Bezerra (2016), Ruffier (2020), Damini e Avoglia (2018) e Moreira, Tse e Vizzotto (2018).

Dentre a literatura clássica estudada, destaca-se, ainda, o conceito clássico de defesas proposto por Piccolo (2009), a fim de se refletir sobre o aspecto relacional na relação que se estabelece a partir da utilização do instrumento. A autora, com base na teoria kleiniana, diz que as defesas têm sentido e significado dentro de uma configuração específica da relação objetal; são partes de processos dinâmicos, em que estão sempre implicados vínculos com o objeto.

Para se justificar a forma com a qual o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema foi utilizado, bem como as entrevistas anteriormente descritas, se faz necessário ainda retomar o conceito de campo das relações emocionais de Baranger e Baranger (1969). Considera-se que os desenhos e as histórias emergem do campo das relações emocionais, funcionando simultaneamente como mediador e produto da interação entre entrevistador e entrevistado. Por isso, ele foi considerado, ao mesmo tempo, como técnica de avaliação e técnica de intervenção.

Assim, como descreve Ferro (1995), o desenho deve ser considerado como uma representação do tipo de relações presentes no mundo emocional da criança, numa certa medida, aproximando-se também da sua realidade externa. Vale ressaltar que o DET, em alguns casos, serviu como mediador das entrevistas lúdicas realizadas, pois o ato de desenhar e contar histórias era disparador de relatos sobre a própria história de vida dos participantes. Dessa forma, o compilado de dados advindos dos instrumentos aqui descritos, ou seja, entrevistas com os pais, entrevistas lúdicas e aplicação do DET resultou no todo de cada caso clínico estudado.

3.6. O ESTÁGIO DOUTORAL NA CLÍNICA TRANSCULTURAL: UM IMPORTANTE COMPLEMENTO

Julgou-se importante apresentar o estágio referente ao doutorado-sanduíche⁵ realizado como parte do método, pois foi uma parte extremamente importante no que se refere à aproximação da temática estudada e a partir do qual pudemos compor mais uma parte na observação do objeto de estudo.

A Maison des Adolescents de Cochin – Maison de Solenn foi inaugurada no ano de 2004, no hospital Cochin, em Paris, sendo parte da “Assistance Publique des Hôpitaux de Paris”, sistema de saúde pública. É dirigida pela Profa. Dra. Marie Rose Moro, da Université Paris Descartes, e recebe principalmente adolescentes de 11 a 18 anos e suas famílias. Além de seu papel de cuidado e orientação para os jovens, esse estabelecimento teve outra consequência positiva, que foi incentivar toda a França para a criação de espaços para a saúde destinados a atender adolescentes em sofrimento psíquico e físico. A missão dessa estrutura multidisciplinar é de fornecer acolhimento, informação, prevenção, assistência médica e monitoramento dos pacientes, além de fomentar o ensino e a pesquisa sobre patologias encontradas na adolescência. As atividades de ensino e pesquisa são realizadas devido à instituição ser ligada à Faculdade de Medicina da Université Paris Descartes. As principais pesquisas clínicas realizadas na Maison de Solenn dizem respeito às várias questões atuais em torno da saúde do adolescente e suas famílias, tendo como áreas principais: anorexia, obesidade, depressão e modalidades de psicoterapia do adolescente, bem como os atendimentos especializados da clínica transcultural.

A Maison de Solenn oferece, portanto, diferentes modalidades de atendimentos psicológicos e multiprofissionais, principalmente ligados ao sofrimento psíquico de adolescentes e suas famílias. Num geral, as áreas atendidas são: Pediatria e Medicina do Adolescente (geral, dermatologia, gastroenterologia, pneumologia e ginecologia); Transtornos Alimentares; Psicopatologias da Infância e Adolescência e Psiquiatria Transcultural. Dentro da Psiquiatria Transcultural, há os trabalhos das seguintes equipes: Clínica Transcultural; Adoção Internacional e Menores Desacompanhados. Trata-se de uma clínica de atendimento especializado, de nível secundário, tal como descrito por Caplan (1980), sendo que, muitas vezes, essas famílias são encaminhadas por outros profissionais dos serviços básicos de saúde, que veem as questões culturais como entraves no andamento do atendimento.

⁵ Estágio referente ao doutorado-sanduíche. Bolsa concedida pelo Programa Institucional de Internacionalização PrInt USP/CAPES.

A proposta do estágio de doutorado-sanduíche na França aconteceu após contato com a Profa. Dra. Thames Waléria Borges, no departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, durante uma conferência realizada em disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Pablo de Carvalho Godoy Castanho. Após o contato realizado, foi enviado um projeto de estágio à coordenadora e chefe do serviço de saúde, Profa. Dra. Marie Rose Moro. Após o aceite da instituição de destino, as providências formais foram tomadas, no que se refere à participação no processo seletivo para concessão de bolsa CAPES, pelo programa PrInt USP/CAPES, bem como estudos de aperfeiçoamento do idioma e da fundamentação teórica na qual se sustentaria a atuação naquela instituição.

Realizou-se o estágio junto à equipe de terapeutas da clínica transcultural, que é um dispositivo clínico que atende principalmente famílias migrantes e seus descendentes, com foco na saúde da criança e do adolescente, que vivenciam sofrimentos psíquicos relacionados às experiências de migrações forçadas da família. O principal objetivo foi compreender as técnicas de intervenção psicológica utilizadas na clínica transcultural, a partir da realização de um estágio de observação dos atendimentos às crianças, adolescentes e suas famílias em situação de migração e refúgio na Maison de Solenn.

O estágio compreendeu o período de seis meses, de agosto de 2019 a fevereiro de 2020, e pôde-se acompanhar os atendimentos realizados em dois grupos. A participação se deu a partir da atuação como coterapeuta, numa proposta que valorizou principalmente a observação assistemática do manejo clínico utilizado pela equipe. Integravam os grupos de atendimento: o terapeuta principal, o segundo terapeuta, os coterapeutas fixos (em sua maioria profissionais da instituição) e os coterapeutas viajantes (que estavam ali por um período de tempo determinado, tais como os estagiários e profissionais visitantes), a família atendida e, algumas vezes, o mediador/tradutor e o profissional solicitante.

Ressalta-se que não se tem a pretensão de apresentar o material dos casos clínicos atendidos durante o estágio na presente pesquisa, porém, compreende-se que o estudo do manejo dos atendimentos familiares realizados pode beneficiar o aprofundamento da discussão dos dados que foram colhidos no Brasil. Voltaremos a essa discussão no capítulo de análise dos resultados.

3.7. ASPECTOS ÉTICOS

Buscou-se atender aos requisitos descritos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013) e a Resolução nº 10/2012 do Conselho Federal de Psicologia. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e obteve sua aprovação (ANEXO 1).

Quanto aos riscos e prejuízos, entende-se que, devido ao contato constante que a pesquisadora mantém com as instituições nas quais esta pesquisa foi realizada, os riscos a que esta pesquisa expõe os sujeitos são mínimos, já que qualquer dano eventual poderia ser prontamente atendido. Deixamos, ainda, a possibilidade de encaminhamentos aos atendimentos psicológicos especializados para o Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social – APOIAR, ligado à clínica escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme elucidado no capítulo anterior, que contemplou a escolha metodológica realizada, considera-se que apenas nos estudos qualitativos se pode olhar em profundidade e ensaiar a integração de tantos dados em um todo compreensível. Dessa forma, buscou-se realizar aqui a análise de conteúdo do material. O acolhimento psicológico das famílias de migrantes e, mais especificamente, o lugar das crianças em tais famílias, foi observado a partir de diferentes recortes. Inicialmente, se apresentam os casos clínicos estudados, nos quais foram utilizados diferentes instrumentos e número de encontros, a depender da dinâmica clínica observada em cada caso. Posteriormente, apresenta-se um relato sobre o estágio doutoral realizado na clínica transcultural francesa, a fim de traçar reflexões sobre proximidades e distâncias em relação ao manejo clínico do trabalho lá observado e do realizado no Brasil.

Compreende-se que a observação dos diferentes recortes citados é coerente ao modelo metodológico de estudo de casos múltiplos, descrito por Stake (2000; 2011), já que esse valoriza a flexibilidade das técnicas clínicas utilizadas, em função das particularidades dos casos estudados. Assim, os casos são diferentes quanto à conduta clínica e materiais utilizados, já que, sob a ótica psicanalítica, cada encontro clínico demanda um tipo diferente de interação e vínculo.

Julga-se pertinente retomar a descrição dos encontros terapêuticos, realizada no capítulo anterior. A construção de tal enquadre de atendimento se assemelha ao modelo proposto por Tardivo (2004; 2007) em pesquisa realizada com adolescentes indígenas do Amazonas, e, também, ao que Aiello-Vaisberg (2013) chamou de encontros brincantes. Segundo a autora, investigações científicas dessa natureza se organizam mediante os encontros inter-humanos e são eles que ditarão os passos a serem seguidos. Durante tais encontros, os pesquisadores obtêm material clínico e os participantes podem ser prontamente beneficiados. Ao longo do processo, foi-se construindo o modelo de encontros terapêuticos com base, ainda, nas técnicas de psicoterapia breve e brevíssima de Knobel (1986; 1991) de plantão psicológico, descritas no estudo de Vizzotto, Bonfim, Heleno e Arias (2012) e Gomes (2012) e, também, nos encontros terapêuticos realizados com indígenas por Bonfim (2010), conforme descrito a seguir.

A proposta de trabalhar com o enquadre de “Encontros terapêuticos”, se mostrou adequada para a atuação em instituições de passagem, tal qual o centro de acolhida de imigrantes, local onde se efetuou a presente pesquisa, pois não se pode contar com a permanência dessas pessoas na instituição. Knobel (1991) ressalta que um atendimento pode ser considerado de psicoterapia breve mesmo quando é único, como acontece em boa parte das

situações de emergência. Dessa forma, o atendimento do tipo emergencial não se daria apenas num contexto de iminente catástrofe pessoal ou social, mas suas técnicas também podem ser utilizadas quando a própria situação impõe a possibilidade de um limite não muito claro no número de encontros. Assim, tal como ocorre no contexto hospitalar, exemplifica o autor, embora exista a possibilidade de se ter mais de um encontro, não se pode garantir que eles realmente acontecerão, pois nunca se pode prever o que ocorrerá com a situação do paciente. Assim, o terapeuta deve buscar estruturar cada encontro como único, com começo, meio e fim, mesmo que ele venha a encontrar esse paciente outras vezes.

Os encontros terapêuticos aqui delineados são inspirados pelas técnicas de psicoterapia breve, principalmente no modelo proposto por Knobel (1991), que o autor chama de “psicoterapia brevíssima”. Aplicada em situações de crises e emergências, diz respeito ao confronto do sujeito consigo mesmo e com a realidade na qual se encontra, verificando suas potencialidades egóicas em desajuste, através da discussão das suas circunstâncias com o terapeuta. Tal método visa, portanto, a dar ênfase às contradições que o sujeito vive (conflitos indissolúveis x capacidades egóicas), para que, assim, o sujeito utilize seus recursos psíquicos para viver a experiência de crise e aprender com ela.

A relação terapêutica ocorreu a partir da relação estabelecida na entrevista psicológica, tal como descrito por Bleger (1980). Da mesma forma, Knobel (1986) afirma que a entrevista inicial pode ser vista como uma entrevista-sessão em alguns casos, pois os próprios acordos firmados no contrato terapêutico resultam de um trabalho de Psicoterapia Breve ou brevíssima, na qual há um objetivo limitado, como, por exemplo, ajudar o paciente a se conscientizar sobre sua enfermidade e as possibilidades de tratamento. Nesse sentido, o autor diz que nem toda intervenção deve visar a uma “cura”, mas, às vezes, a um possível início de um processo de tratamento.

Nesse sentido, faz-se importante aqui lembrar o conceito de campo das relações psicológicas, proposto por Baranger e Baranger (1969) e também estudado por Bleger (1980), que sustenta a técnica de entrevista psicológica. A regra básica da entrevista psicológica não seria, portanto, obter dados completos da vida de uma pessoa, mas, sim, do seu comportamento durante a entrevista. Para isso, aplicamos a nossa função de escutar, vivenciar e observar. A compreensão sobre o sujeito vem, então, do que emerge do campo das relações emocionais, do que ali se vivencia. É nesse sentido que o autor afirma que a entrevista é uma relação que se estabelece entre duas ou mais pessoas. O conceito de campo das relações emocionais justifica, também, a forma com a qual utilizamos o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Os desenhos emergiram do campo, sendo, simultaneamente, um mediador e um produto da

interação entre entrevistador e entrevistado. Por isso, ele pode ser considerado, ao mesmo tempo, como técnica de avaliação e técnica de intervenção.

Assim, o objetivo dos encontros terapêuticos vai além da avaliação psicológica. Buscou-se oferecer acolhimento psicológico aos participantes, o que aqui se assemelha ao conceito bioniano de *rêverie*. Para Sandler (1988), a função básica da figura materna é abstrair a concretude das impressões sensoriais, auxiliando no processo de significação da experiência. A função de *rêverie* seria ajudar a depurar a concretude dos elementos sensoriais que são evacuados sobre a mãe, na forma de identificações projetivas, para que eles possam ser devolvidos ao bebê como algo digerido e transformado.

Para Ferro (1995), todo trabalho analítico se baseia na *rêverie*. Ela está presente no acolher, tornar pensáveis as angústias, e na tentativa de metabolizar o material das identificações projetivas do paciente. Por isso, “não há movimento na sala de análise que não se ocupe das *rêveries* do analista” (p. 125). Assim, o conceito permeia toda a atuação do psicoterapeuta.

Nesse sentido, alguns autores traçam semelhanças e diferenças entre a obra de Bion e Winnicott, conforme descreve Etchegoyen (1987). O autor afirma que, na sua opinião, a capacidade de *rêverie* descrita por Bion se assemelha à área da ilusão, descrita por Winnicott. Da mesma forma, Naffah Neto (2011) cita que o conceito de *rêverie* muitas vezes é comparado ao conceito de holding de Winnicott, o que pode gerar inconsistências teóricas. Hinshelwood (1992), por sua vez, também aponta que estes dois conceitos têm suas semelhanças, mas que derivam de arcabouços teóricos diferentes e não podem ser usados como sinônimos. Embora se concorde com os autores citados, no que se refere ao perigo da mistura entre teorias, faz-se importante citar que na linha de pensamento winnicottiana existem importantes trabalhos com consultas terapêuticas, que buscam oferecer o holding, a partir da escuta e do acolhimento psicológico, tal como aqui se propõe.

Segundo Winnicott (1984), as consultas terapêuticas realizadas com crianças buscam favorecer a emergência de um brincar mútuo e de uma comunicação significativa. Lescovar (2004) relata que este setting funciona como uma mãe-ambiente, no qual o analista oferece constância e confiabilidade, tanto pelo ambiente físico quanto pelo cuidado pessoal, aceitando se ajustar às expectativas da criança.

Tardivo (2013) se refere às consultas terapêuticas como um uso pleno da primeira (ou primeiras) entrevistas com a finalidade de produzir resultados terapêuticos. Nesse processo, a confiança construída tem um papel fundamental. Essa forma de trabalho pode ser o prelúdio de uma psicoterapia de longo prazo, na qual cada problema será tratado separadamente, mas, a

depende da situação, poderá ter um fim em si mesma. Trata-se, portanto, de uma tentativa terapêutica de dar conta do material que emerge nos encontros iniciais, num trabalho de intervenção precoce e de prevenção do desenvolvimento de patologias da pós-modernidade, para diferentes populações e comunidades.

Diante desta descrição, Tardivo (2004; 2007) realizou consultas terapêuticas com populações culturalmente diferenciadas, tais como os adolescentes indígenas do Amazonas. A partir da produção realizada por esse grupo, identificou uma situação de intenso sofrimento relacionada à aculturação e à carência social extrema. Segundo a autora, a partir das consultas terapêuticas foi possível escutá-los e conhecê-los, numa experiência de compreensão e confiança.

Da mesma forma, Borges (1998), partindo também da vertente winnicottiana, utilizou o Procedimento de Desenhos-Estórias com e sem tema, em consultas terapêuticas infantis. Como um dos resultados, percebeu que a utilização de tais procedimentos se mostrou útil no que se refere à investigação diagnóstica, facilitando o processo de comunicação e o vínculo entre terapeuta, crianças e seus pais.

A proposta de encontros terapêuticos aqui utilizada se beneficia de toda a literatura exposta, se assemelhando ao proposto por Bonfim (2010) no trabalho realizado com indígenas Guarani Mbya de São Paulo. Nos encontros, valorizou-se o que emergiu do campo das relações emocionais, buscando amparar e compreender os participantes, levando especialmente em conta o contexto em que essas pessoas estavam inseridas. As intervenções realizadas se limitaram a encarar ou até mesmo esclarecer alguns conflitos predominantes, inicialmente mais acessíveis, tendo como objetivo oferecer a *rêverie*, dentro do que espontaneamente surgia em cada caso.

4.1. OS CASOS ESTUDADOS

Os encontros terapêuticos foram iniciados a partir da realização de entrevistas semidirigidas com os pais, permitindo aos participantes expor suas histórias e seus problemas começando por onde preferissem e incluindo o que desejassem, tal como descreve Ocampo e Arzeno (2009). Alguns grandes temas eram de interesse da pesquisadora, tais como aspectos emocionais da experiência de migração, adaptação ao país de acolhimento, relação com elementos da cultura de origem e vivências relacionadas à viagem. A forma de se chegar a eles, porém, foi diferente em cada caso, pois, conforme afirma Bleger (1980), o campo das relações

psicológicas deve ser estruturado principalmente a partir de aspectos da personalidade do entrevistado, e não do entrevistador.

Após a entrevista com os pais, foram realizadas as entrevistas lúdicas com as crianças, diante dos mesmos pressupostos citados pelos autores acima. Nessas entrevistas, utilizou-se, além dos próprios recursos lúdicos, os desenhos livres e o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, a depender da interação realizada com a criança. A seguir, apresentam-se os casos estudados e uma análise que busca sintetizar os principais resultados neles observados⁶.

Optou-se por realizar as análises de maneira geral, considerando o todo dos atendimentos realizados, e não a análise dividida em unidades de produção, já que se considera o uso dos desenhos-estórias dentro de um aspecto processual dos atendimentos psicológicos. Assim, considerou-se cada um dos desenhos como parte de um vínculo que vai se formando entre os participantes e a pesquisadora, como parte do campo das relações emocionais. Por isso, é importante entender essas movimentações projetivas, para que, assim, se possa observar a técnica como mediadora desse contato (ARIAS, 2008; BLEGER, 1980).

4.1.1. Caso 1: Adiel e sua mãe Cristiana

Adiel contava 11 anos e era natural de Luanda, capital de Angola. Estava no Brasil há oito meses e já frequentava a escola no país. Migrou para o Brasil acompanhado apenas de sua mãe. Os pais estavam casados, porém o pai permaneceu em Angola. Tinha outros irmãos três irmãos, de 16, 17 e 22 anos, e uma irmã de 23 anos, que também moravam em Angola.

Primeiro Encontro - Entrevista com a mãe

A entrevista aconteceu em língua portuguesa, já que a família era angolana. Cristiana, de 46 anos, inicialmente se mostrou distante e silenciosa, se tornando aparentemente mais comunicativa ao longo da entrevista, porém sempre com um semblante sisudo.

É imigrante de Luanda, capital de Angola. Contou que, em seu país, trabalhava como vendedora de arroz, feijão e cebola. Estava no Brasil há oito meses e tem trabalhado numa estação do metrô, como auxiliar de limpeza.

Informou que era casada e tinha cinco filhos. Veio para o Brasil apenas com Adiel, porém, conta que a sua intenção era ter vindo com os três filhos mais novos. Conta que, quando

⁶ Os nomes aqui utilizados são fictícios, a fim de resguardar a identidade dos participantes. Porém, tentou-se preservar algumas similaridades quanto às origens e semiologia dos nomes verdadeiros.

se programou para vir, tirou o visto deles, mas a polícia federal não deixou que eles embarcassem, pois, na ocasião da viagem, faltavam apenas três dias para a volta às aulas. Adiaram a viagem e, por conta do valor da multa gerada pelo novo agendamento da passagem, não teve condições financeiras para trazer os três, optando por trazer Adiel, o mais novo. Afirmou, ainda, que planejava trazer os outros filhos dentro de alguns meses. O esposo também permaneceu em Angola.

Relatou que Adiel tinha 11 anos e que os irmãos contavam 16, 17 e 22 anos, sem fazer referência à existência de uma filha de 23 anos, fato que foi mais bem compreendido ao longo da entrevista. Contou que após a sua chegada ao Brasil, seu filho mais velho foi “aleijado” numa situação de violência urbana em Angola. Perguntei-lhe o que significava ser aleijado e ela explicou que o filho tinha recebido uma facada no braço, precisando passar por uma cirurgia. A família optou por não contar tal fato a ela logo que o ferimento aconteceu para não a preocupar, e ela ficou sabendo do ocorrido apenas após a cirurgia. Diz que isso aconteceu numa ocasião em que o filho saiu às compras e voltou tarde, já à noite, para casa.

A excessiva violência existente em Angola foi destacada por ela como o motivo da decisão de migrar para o Brasil. Em Luanda, os assaltos eram frequentes e, à noite, aconteciam “coisas feias”. Complementou dizendo que no Brasil era diferente, pois apesar do salário baixo, se podia andar tranquilamente pelas ruas.

Cristiana contou, ainda, que nasceu na República Democrática do Congo. Ressaltou que, lá, a violência era ainda mais intensa que em Luanda, principalmente para as meninas, e, por isso, ela praticamente não saía de casa. Por esse motivo, tem poucas recordações desse período. Migrou com a família para Luanda quando era muito nova, não sabendo precisar a idade. Contou que, por conta da sua história de vida, não tem amigos, somente os filhos. Cresceu frequentando somente o quintal de casa, pois tinha “medo do que acontece lá fora, principalmente com as meninas”. Atualmente, se preocupa com os filhos, tem medo de que algo possa acontecer com eles.

Relatou, ainda, que existiam conflitos entre ela e a família do marido por conta da sua religião, que é diferente da religião deles. Acrescentou que era preciso “sair para viver a vida” e, por isso, veio para o Brasil. A escolha por este país aconteceu por conta da língua, pensou que “não complicaria as coisas”.

Sobre o filho, diz que Adiel está bem, apesar de se preocupar com uma mulher nigeriana que habita a casa e que poderia fazer algum mal para ele. Conta que o nome Adiel é como um apelido, e que o verdadeiro nome de registro é outro, escolhido por ela em homenagem a um jogador de futebol do seu país. Diz que o filho gosta bastante de brincar com as crianças, mas

não é de falar muito. Afirma que ele “come de tudo e não complica nada”, isso faz com que ela possa sair sozinha e que ele fique bem.

Diz que “não pode dar muito mimo” para os filhos, mas que o pai costuma fazer isso. Diz que Adiel fala muito e faz várias perguntas. Conta que, em Luanda, ele tinha um computador, o próprio quarto, vários amigos, além dos irmãos, e que disso ele sente falta.

Segundo Cristiana, o filho “não trabalha bem na escola”. Adiel tem dificuldade com a língua portuguesa e não sabe falar crioulo⁷, coisa que outras crianças mais novas da sua “casa” já sabiam fazer. Cristiana acrescenta que ele não se sente mal por isso, pois consegue compreender bem a Matemática. Conta que solicitou à escola que o reprovasse, pois o achava muito ruim para ir para o próximo ano, mas a escola disse que não havia necessidade.

A essa altura da entrevista, Cristiana pareceu um pouco mais confortável. Conta, então, sobre uma filha mais velha, de 23 anos, a quem ainda não havia se referido. Diz que tem “ressentimento”, pois ela engravidou aos 21 anos, sendo que, na época, ainda estudava, e que ela e o marido se dedicaram muito para que a filha pudesse estudar o quanto fosse preciso. Conta que, durante a gestação, ela ainda continuou os estudos, “pariu” e voltou para as provas finais. Ficou um ano sem estudar e, então, iniciou a faculdade, mas agora parou, pois escolheu começar a trabalhar. Cristiana repete que se esforçava muito para pagar os trezentos dólares de mensalidade escolares e, por isso, ficou muito triste com a gravidez da filha. Conclui dizendo que gostaria que ela tivesse uma história diferente da sua.

Cristiana, então, falou um pouco sobre viver na casa de acolhimento. Disse que ali estava tudo bem, mas, em seguida pontuou algumas dificuldades relacionadas aos seus hábitos de higiene e alimentação. Contou que ali precisava tomar apenas um banho por dia e que isso era incômodo, já que, em Luanda, tomava até três banhos por dia. Disse também que, apesar de ter todas as refeições na casa, não podia cozinhar sua própria comida e, por isso, não podia levar marmitta para jantar no trabalho. Isso fazia com que ela “passasse fome”, pois pagar o jantar todos os dias era caro e, para poupar dinheiro, ela optava por comer apenas pão.

Contou que estava buscando uma casa para alugar, que tivesse pelo menos dois cômodos, mas que estava difícil, pois tinha medo de ficar desempregada e preferia que seus filhos chegassem ao Brasil antes de sair da casa de acolhimento, embora soubesse que já estava ali há mais tempo do que era possível. Queria que ambos, ela e o esposo, estivessem trabalhando para dar uma melhor qualidade de vida para os filhos.

⁷ As línguas crioulas são idiomas formados a partir da fusão entre as línguas maternas africanas e as línguas advindas da colonização, tais como o francês e o português.

Desde o início do contato, chamou atenção o semblante sério de Cristiana. Percebeu-se, na entrevista de Cristiana, que um dos conflitos de maior ênfase diz respeito ao papel de mulher e mãe. Mesmo quando foram colocadas questões que faziam referência direta a ela ou aos seus sentimentos, ela envolvia os filhos na resposta.

Tal observação se inicia quando Cristiana conta sobre a situação de violência urbana em Angola, destacando que os perigos vivenciados por meninas e mulheres eram ainda maiores. Depois disso, o mesmo conteúdo se repete nos conflitos com a filha, a quem não faz referência no início da entrevista, e que, apesar dos seus esforços, acabou engravidando e repetindo a sua história, o que a faz sentir raiva. O papel de mãe pareceu preencher a vida de Cristiana, bem como pareceu ser sentido como algo a anular outros aspectos da sua feminilidade. A exclusão da filha mais velha do seu relato, quando apresentava os filhos, pode representar a anulação da figura da mulher (filha), pela ocorrência da gravidez e maternidade.

Cristiana demonstrou sentir “ressentimento”, pois parece que seu desejo seria de que a filha pudesse ter rompido com o processo de repetição de seus próprios conflitos. Nesse sentido, lembramos que Moro (2005) discute o conceito de transmissão psíquica geracional a partir de duas frentes: a intergeracional, pela qual são transmitidas diretamente as histórias da família, desejos, traumas e etc., e a transgeracional, mais inconsciente, a partir da qual as gerações futuras acabam por responder aos traumas dos antepassados. Para essa autora, a reciprocidade do investimento entre a mãe e a criança resulta num processo de co-construção psíquica. Por sua vez, Correa (2003), complementa a discussão, lembrando que são nos conceitos freudianos de transferência e repetição que se ancora a definição de transmissão psíquica.

Segundo Encontro – Entrevista com Adiel

Adiel se apresentou muito sorridente, alegre e interessado em participar. Inicialmente, se mostrou também preocupado com as outras crianças da casa, perguntando se todas iam poder participar da “atividade” comigo. O diálogo se iniciou com apresentações e explicações sobre a pesquisa e sobre o que é uma psicóloga.

Perguntei como estava. Contou que morava naquela casa com a mãe e que tinha quatro irmãos, citando os seus nomes (diferente da mãe, que inicialmente falou apenas sobre os três filhos, excluindo a filha mais velha). Não citou o pai e perguntei então sobre ele. Adiel respondeu apenas “ele é legal”, dando de ombros. Sobre a escola, disse sorrindo que gostava e que tudo ia bem.

Contou que vivia há seis meses no Brasil (embora a mãe tivesse dito que eram oito meses). Quando questionado sobre a casa de acolhimento, disse que era legal, que as crianças

eram legais, mas que “às vezes, brigava com todos”. Sobre a mudança para o Brasil, foi questionado se a mãe havia contado antes que ele ia morar aqui, e ele diz que não sabia, que tinha “esquecido” o porquê. Sobre Angola, contou apenas que sentia saudades do seu videogame e do seu celular.

Seguiu-se, então, para a realização do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema:

Figura 1 – Unidade de Produção 1 de Adiel



Fonte: Produção do participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil.*

História

G: Me conta o que você desenhou?

A: Só desenhei.

G: Mas se tivesse que inventar uma história, qual seria a desse desenho?

A: Um menino, ele veio do seu país. Saiu do país para o Brasil.

G: E de qual país ele veio?

A: Venezuela.

G: Como ele está se sentindo?

A: Feliz.

G: E essa casa?

A: Vai morar aí com o pai (desenha enquanto conta). Veio para o Brasil com o irmão maior. Vão ficar com a boa vida (ri).

G: E como é a boa vida?

A: Feliz. Bem, mas vão ter problemas. Não sabem cozinhar.

G: E o que vai acontecer?

A: Vão comprar comida pronta, bolacha, depois vão aprender cozinhar.

G: Os dois vão aprender?

A: O irmão mais velho.

G: Ah, e quantos anos eles têm?

A: 10 e 17.

G: O que é isso?

A: Uma mala, tem roupa, sapato e calção.

G: E isso aqui na casa?

A: É chaminé de fogo, para ficar quente.

G: Ah é, e como é lá dentro?

A: Volta a desenhar, inserindo a figura da mãe, próximo a casa e diz: Essa é a mãe deles, ela já estava na casa. A mãe estava esperando. Ela tem 39 anos. Eles se encontram e ficam felizes. Acabou!

A esta altura, Adiel pede outra folha e faz um desenho livre:

Figura 2 – Unidade de Produção 2 de Adiel



Fonte: Desenho livre do participante.

História

A: Posso fazer outro desenho?

G: Pode sim.

(Desenha inicialmente o caminho entre as nuvens, depois a árvore e depois a casa)

G: Me conta, o que está acontecendo nesse desenho?

A: Esses são os pássaros, eles estão esperando o presente de Natal.

G: E vão ganhar?

A: Ele e o irmão. A mãe não vai ganhar (ri).

G: Ah é, por quê?

A: Ah tá bom, vai. Ela também vai ganhar.

G: E essa casa?

A: É a mesma. Aqueles do outro desenho estão lá dentro.

G: E aqui?

A: Aqui é o céu com o sol.

(Silêncio)

G: E quer me contar mais um pouco sobre essa história?

A: Não. Agora a gente já vai? Você vai chamar outra criança para atividade?

G: Sim. Nós já podemos ir. Algumas outras crianças vão fazer a atividade também, mas em outro dia.

A: Então está bom.

Análise Geral do Caso

Durante toda a produção da criança, foram destaques três elementos: a família - de venezuelanos e de passarinhos; a casa - das pessoas e o ninho dos passarinhos; e os elementos que representam a viagem - as malas, o caminho entre as nuvens e o trenó. Podemos compreender que o desenho, por si, nos conta sobre a história da migração da sua própria família e sobre a importância da casa como um elemento de acolhimento.

O destaque à figura materna como elemento de cuidado e resolução das dificuldades também aparece na produção de Adiel. Na primeira produção, a mãe é incluída quase no final da história. A criança se depara com um conflito e encontra resolução para eles: os personagens vão ter problemas, pois não sabem cozinhar, mas vão aprender e também comprar comidas prontas. Mesmo assim, frente à questão seguinte que faz referência ao interior da casa, a figura da mãe é, então, incluída, como alguém que os espera. Ela simboliza a família, mais especificamente o interior da casa, ou seja, um lugar de acolhimento da família. Assim, a sua inclusão reforça ainda mais a ideia de necessidade de apoio dessa figura para a sua adaptação ao país de destino, bem como de toda a família. Uma lareira aquece a casa da família, o que pode representar, segundo Buck (2009), a importância do calor no lar e sua sensação de conforto e acolhimento

A temática da alimentação também apareceu durante a entrevista da mãe, quando ela faz referência a não poder cozinhar na casa de acolhimento e, por isso, ter de comer apenas pão

no horário de jantar do trabalho. Acredita-se que, aqui, a saída encontrada pela mãe para a alimentação é muito similar à encontrada pela criança quando conta a história do seu desenho. Os personagens, que não sabem cozinhar, vão comer bolachas e comidas prontas. Mais uma vez, os conflitos da mãe e do filho se misturam e são comunicados por ambos. Em relação à figura paterna, destaca-se que, embora haja pouca referência ao pai nas entrevistas realizadas tanto com a mãe, quanto com a criança, ele aparece na história como alguém com quem a criança partilha das mesmas dificuldades.

Adiel mostra o desejo de unir a família no país de acolhimento. A história dos irmãos que chegam da Venezuela e encontram a mãe é similar a sua própria história e à espera dele e da mãe pelos irmãos que estão em Angola. Alia-se a essa história a observação de que Adiel, em vários momentos da atividade, mostrou preocupação com as outras crianças da casa, questionando se elas não seriam incluídas à pesquisa. Parecia estar presente um sentimento de culpa por ser o escolhido para participar, o que pode simbolizar a culpa por ser o único a migrar com a mãe. Nesse sentido, vê-se, conforme Moro (2005), o quanto é importante que a família possa sustentar afetivamente a criança imigrante, pois ela é um elo no processo que se dá entre a cultura de origem e a adaptação à nova rede social. No desfecho da história, embora tenham dificuldades no país de destino, eles conseguem aprender e se adaptar.

O segundo desenho, que é livre e ocorreu por desejo da criança, vem demonstrar o caráter fluido da construção do encontro terapêutico, discutido anteriormente. Também lembra a própria técnica original, do Procedimento de Desenhos-Estórias de Trinca (TRINCA, 1997), na qual é utilizada uma sequência de desenhos livres. Segundo o autor, as unidades de produção não devem ser consideradas isoladamente, e sim, como uma comunicação contínua, que serve ao propósito da compreensão do todo. Da mesma forma que nos explica o autor, Adiel, na segunda unidade de produção, traz novos personagens e história, mas comunica que a casa é a mesma do desenho anterior.

Nessa produção, a casa continua sendo um elemento de proteção importante, porém, há mais dados sobre o ambiente do entorno da casa, representado pela história da viagem do Papai Noel e do ninho de passarinhos. A hipótese seria a de que esta ênfase no ambiente simbolize a relação com o novo contexto, do próprio país de acolhimento.

O enredo da história, mais uma vez, é a viagem, ou, mais precisamente, a chegada após a viagem. A chegada à casa (ninho) do Papai Noel com os presentes, da qual a mãe é novamente excluída de início e, depois, incluída. A espera também é um tema que retorna na segunda produção. A mãe, na primeira história, esperava pelos filhos e esposo na casa; na segunda história, são os pássaros que esperam o Papai Noel. Cristiana e o filho esperam pelo pai e pelos

irmãos, e esperam ter uma casa no Brasil. São conflitos condizentes com a situação temporária ou provisória da casa de acolhimento e da adaptação ao país de destino. Como se eles ainda tivessem com as malas na mão, esperando para entrar em casa (no Brasil), como os personagens do seu desenho.

Interessante observar que Adiel ressalta, rindo, que a mãe não vai ganhar presentes. Ao se retomar o ressentimento descrito pela mãe durante a entrevista, ao relatar a história de sua filha, parece que há um tema importante, relacionado ao lugar da mãe na família. Tanto para a mãe, quanto para Adiel, o papel destacado inicialmente é o da mãe tendo obrigações de cuidadora, daquela que resolve os problemas dos filhos e do esposo, e não a que brinca ou recebe presentes. Tal observação reforça a hipótese da importância da mãe como referencial de segurança psíquica.

Percebeu-se que o vínculo familiar se mostrou de extrema importância neste caso, seja a partir dos relatos da mãe, seja na produção gráfica da criança. A família foi simbolizada como elemento de transmissão e mediação entre as culturas dos países de origem e de acolhimento. Segundo Moro (2005), os elementos culturais se imbricam aos elementos individuais e familiares de maneira profunda e precoce. Nesse sentido, podemos ver a família como um elemento de proteção e de transmissão cultural.

O acolhimento, o vínculo com a casa de acolhida, bem como com a entrevistadora se mostraram, desde o início, importantes. Desde o início, Adiel se mostrou aberto e contente com a participação no trabalho, porém, com preocupação com as outras crianças da casa em relação à possibilidade de elas participarem também da atividade. Notam-se recursos psíquicos que propiciam a construção de vínculos e relações sociais. Isso pode representar, também, a inclusão dos irmãos e a necessidade de unir a família na casa do Brasil. Assim, os irmãos precisam fazer parte da família, como as crianças da casa de acolhimento, que também precisam participar da atividade com a pesquisadora.

Faz-se importante ressaltar que, apesar dos conflitos citados na análise do caso, a criança demonstrou, durante toda a sua participação, recursos para lidar com as situações conflituosas que encontrou. Ela espera alguém que alimenta, alguém que presenteia, mas, também, pode aprender a cozinhar, pode comer outras coisas. Do ponto de vista das projeções, é importante observar a capacidade de criar e projetar numa história que não é necessariamente a sua, de criar personagens, o que também sinaliza recursos psicológicos mais saudáveis.

4.1.2. Caso 2: Gabriela e sua mãe Julia

Gabriela contava 8 anos e era natural de Luanda, capital de Angola. Morava no Brasil há onze meses e já estava frequentando a escola. Migrou para o Brasil acompanhada apenas de sua mãe. Era filha única. Seus pais estavam casados, porém, seu pai permaneceu em Angola.

Na data do primeiro atendimento, a gerente da instituição de acolhimento apresentou o caso, relatando que a criança vinha “dando trabalho” à instituição, pois frequentemente se envolvia em conflitos com as outras crianças, principalmente com uma família de bolivianos que também estava na instituição naquele período. Ressaltou que, apesar de ter oito anos, era muito grande e forte e talvez por isso acabasse sendo agressiva com outras crianças.

Relatou, também, que Gabriela e a mãe já estavam na casa de acolhimento há quase onze meses, mesmo com a mãe tendo conseguido começar a trabalhar. Disse que sentia que a mãe estava com medo de sair da casa e morar sozinha com a filha, e que a instituição estava tentando estimular essa mudança. Em seguida, apresentou-me para a mãe, Julia, e nos dirigimos para o local da entrevista com a mãe.

Primeiro Encontro – Entrevista com a mãe

Julia relatou ser imigrante de Luanda, capital da Angola. Contava 27 anos na data da entrevista e residia há onze meses no Brasil. Informou que ela e a filha falavam francês, português e crioulo, e que a filha também havia aprendido espanhol devido à convivência com as crianças bolivianas que residiam na casa de acolhimento. A entrevista, então, foi realizada em português.

Inicialmente, chamou atenção a aparência e atitude da mãe. Era uma jovem que parecia ter muitos cuidados com a sua beleza e vestimentas. Tinha nos cabelos um aplique cacheado, num tom castanho claro, e as unhas muito longas e pintadas num tom vivo. Estava muito bem vestida e maquiada, embora tivesse trabalhado a noite toda e relatasse estar cansada.

No início da entrevista, embora tivesse aceitado prontamente quando o trabalho foi proposto pela gestora da instituição, mostrou uma atitude ativa, séria e um pouco ríspida, que foi se suavizando ao longo do encontro. Foi apresentado o trabalho de pesquisa. Quando questionada se conhecia o trabalho da Psicologia, respondeu que nunca havia conhecido um psicólogo, mas que tinha vontade de ser atendida por um, pois todos precisam de ajuda.

Iniciou falando que gostava de residir na casa de acolhimento. Contou que já estava trabalhando na área de limpeza do metrô há três meses, e que, devido a isso, a instituição vinha discutindo com ela sobre a sua saída de lá, mas estava com medo de mudar para uma moradia própria, por estar sozinha no Brasil com Gabriela.

Era auxiliar de limpeza no metrô de São Paulo, no período noturno, em dias alternados. Sendo assim, nos dias em que trabalhava, chegava na casa de acolhimento no horário de acordar a filha e passar com ela o período da manhã, já que ela ia para a escola após o almoço. Dormia enquanto a filha estava na escola. Disse que, muitas vezes, sentia sono no período da manhã, mas que estava acostumada.

Sobre sua história de vida, Julia contou que engravidou aos 19 anos, era casada e estudava nessa época. Coursou o ensino médio completo. A gravidez não foi planejada, mas diz que gostou de ter engravidado. Sem ser questionada, disse que “não pensou em abortar”.

Questionada sobre a relação com o esposo, disse que, enquanto vivia junto com ele, “fazia comida e cuidava bem dele”. Quando questionada sobre o cuidado dele para com ela, sorriu levemente e disse que também cuidava bem dela. Acrescentou que o marido pagou o visto dela e da filha para virem para o Brasil, buscando melhoras na qualidade de vida da família. Questionada sobre o resultado dessa busca, disse que no Brasil a vida melhorou num geral. Ela esperava que o marido viesse em breve também e, assim, buscariam uma casa para viverem juntos. Tinham planos de ter mais um filho. O casal se comunicava diariamente pela internet, incluindo o contato do pai com Gabriela.

Ao ser questionada sobre suas relações sociais, relatou que tinha feito uma amiga no trabalho e que a fazia bem ter com quem conversar. Aqui, retoma-se a fala do início da entrevista, sobre a vontade de conhecer um psicólogo. Compreende-se que Julia também estava falando do vínculo que estabelece com a pesquisadora, sobre a possibilidade de ser ouvida.

Sobre os motivos de decidir vir para o Brasil, destacou o problema da violência no país de origem. Relatou que, em Luanda, ela vendia produtos de cama, mesa e banho, mas foi assaltada; fato que dificultou a situação financeira familiar, motivando a saída do país.

Em relação à Gabriela, iniciou dizendo “ela é boa, mas quando chegou no Brasil, a garganta pegou ela, mas tomou remédio e melhorou”. Foi pontuado, então, que talvez ela estivesse falando do processo de adaptação de Gabriela no Brasil, tanto física quanto afetivamente. Ela consentiu com a cabeça.

Contou, então, que a filha tinha oito anos e estava cursando o terceiro ano do ensino fundamental, mas tinha a aparência de uma menina mais velha, de dez ou onze anos e que, por isso, frequentemente, as pessoas cobravam que ela se comportasse como se fosse mais velha. Quando questionada sobre quais seriam essas pessoas, ela disse que todos. Sobre a relação dela com as demais crianças, disse que ela “brinca e às vezes briga”. Repetiu diversas vezes a partir de então, em diferentes momentos da entrevista, a expressão “ela briga”.

As brigas, segundo a mãe, se davam quando, durante a brincadeira, os outros reclamavam de algo que ela havia feito. Nessas ocasiões, Gabriela acabava batendo em outras crianças. A mãe diz que a filha não tinha controle da agressividade e que sofria e chorava por isso. Por conta disso, preferia que a filha brincasse sozinha, mas ela preferia companhia e, na Casa de Acolhimento, brincava principalmente com os meninos que lá residiam naquele momento, pois eles eram da sua mesma faixa etária.

Gabriela tinha bom desempenho na escola, e era acompanhado de perto, conforme relatou a mãe. Informou que não percebeu grandes diferenças entre a educação brasileira e a angolana. Quando questionada sobre a saúde da criança, contou que havia, eventualmente, enurese noturna quando a menina havia consumido muito líquido, mas que a saúde estava boa e que estava com todas as vacinas em dia.

Retomou-se, então, o tema sobre a decisão de migrar para o Brasil. Julia disse que a escolha de vir para o Brasil foi feita para poder “ficar à vontade por ser negra”, o que talvez não acontecesse em outros países. Investigando vivências relacionadas ao racismo, Julia disse que isso existia, mas que, no Brasil, as ofensas geralmente não vinham dos brasileiros, e sim, de outros imigrantes, incluindo aqueles que residiam na mesma casa de acolhimento. Quando questionada sobre como lidava com isso, relatou que não se posicionava quando isso acontecia e que ficava quieta, pois “viver em conjunto é difícil”. Incluiu, ainda, que já tinha familiaridade com o Brasil por meio das novelas, e que achava as vestimentas e a alimentação também parecidas, o que facilitou a decisão de migrar para cá.

Quando Julia tocou nesse assunto, compreendeu-se melhor o impacto que sua figura causou no início da entrevista. Percebeu-se que essa questão de se sentir à vontade na minha companhia, ou de “ficar à vontade por ser negra”, também estava acontecendo ali entre nós, no encontro entre ela e a pesquisadora branca e representante do país de destino na migração, o Brasil, que poderia ser a causa de sua atitude defensiva inicial. Bleger (1980) fala que, no estudo da entrevista como campo das relações psicológicas, devem ser considerados a atenção às características do entrevistador (sua atitude, dissociação instrumental, contratransferência, identificação), do entrevistado (transferência, estruturas de comportamento, ansiedades, defesas, etc) e, também, da relação interpessoal, na qual se incluem a interação entre os participantes e o processo de comunicação que se dá entre eles. Sendo assim, faz-se importante observar o impacto que a figura da entrevistada causou inicialmente na entrevistadora e, também, o impacto que a entrevistadora talvez tenha causado na entrevistada.

Bleger (1980) diz, ainda, que, durante a entrevista psicológica, temos que deduzir da história do paciente aquilo que ele não sabe, e que aquilo que não pode nos ser dado como

conhecimento explícito do sujeito pela sua própria vida nos é oferecido ou emerge a partir do seu comportamento não-verbal. Por isso, embora Julia tenha dito que se sentia à vontade no Brasil com essa questão racial, é possível levantar a hipótese de que a sua atitude era defensiva no início da entrevista.

A partir dessa compreensão e da possibilidade de aceitação mútua das diferentes características de ambas, a entrevista pôde se tornar um encontro menos ansiogênico. Nesse sentido, retoma-se a importância do conceito de alteridade, central no atendimento clínico dos migrantes, tal como descrito por Devereux (1972) e Moro (2006b). Da mesma forma, pode-se olhar para esse fenômeno a partir do aspecto de que, no momento em que esse assunto surge na entrevista, já se construiu uma relação de confiança mínima que possibilitasse tal expressão. Sendo assim, trata-se de uma via de mão dupla – falar desse assunto fortalece o vínculo, da mesma forma que poder falar desse assunto mostra que o vínculo já está minimamente fortalecido para tal. Ficou evidente, ainda, a necessidade de pertencimento, de se sentir parte da comunidade do país de destino. Compreende-se a questão do enraizamento, estudada por Weil (2001/1949), como fundamental para o desenvolvimento da identidade.

Julia concluiu a entrevista dizendo que o plano da família para o futuro era “organizar a vida” e que Gabriela é uma menina linda, embora às vezes não fosse muito compreendida. Assim, coloquei-me à disposição para conversar novamente, tanto sobre os resultados da pesquisa com Gabriela, quanto sobre outras questões que ela precisasse conversar. Porém, ela e a filha saíram da instituição algumas semanas depois de finalizado o atendimento de Gabriela.

Segundo Encontro – Entrevista com Gabriela

Gabriela se encontrava na sala de TV da instituição quando foi convidada para participar do estudo. Ela estava pintando as unhas enquanto assistia um desenho animado, e havia outras crianças menores brincando no espaço. Recebeu o contato sorrindo e afirmou que estava “pintando a bandeira do seu país” – naquele momento ela pintava as unhas com esmaltes vermelho e preto, cores da bandeira angolana. Tinha os cabelos longos e trançados, com pingentes plásticos coloridos em formato de corações nas pontas. A necessidade de pertença (WEIL, 2001/1949) também aparece no caso das crianças. As referências aos símbolos da cultura de origem, como a representação da bandeira, conforme destaca Moro (2005), podem trazer a sensação de estabilidade.

Gabriela aceitou prontamente participar da atividade, e seguimos para a sala de atendimento. O diálogo inicial se seguiu com apresentações e explicações quanto ao trabalho. Julgou-se interessante apresentar na íntegra este primeiro diálogo com a criança.

G: Gabriela, você sabe o que é uma psicóloga?

Ga: Psicólogos cuidam das pessoas que não têm casa.

G: Sim, os psicólogos cuidam dessas pessoas, mas dos sentimentos delas, das coisas que essas pessoas pensam, e não conseguindo uma casa para essas pessoas. E você, como você se sente?

Ga: Bem.

G: Já que você falou sobre ter casa, como você se sente aqui nessa casa?

Ga: Bem também.

G: Bem? Você gosta?

Ga: (Acena que sim com a cabeça).

G: E lá da Angola, você gostava? Como era lá?

Ga: Sinto saudade dos primos e das minhas coisas.

G: E você conversa com eles?

Ga: Não, só com o meu pai.

G: Sua mãe me contou que seu pai vai vir para o Brasil e que vocês vão morar em outra casa.

O que você acha de morar em outra casa?

Ga: A mãe disse “um dia a gente vai sair daqui”.

G: O que você achou?

Ga: Legal!

G: E morar aqui...

Ga: Minha mãe brigou com a mãe do Nico porque a mãe dele brigou com ela (se refere à família de bolivianos também citada pela mãe na entrevista).

G: É?

Ga: A mãe disse “não brinca com ele”.

G: E você brinca?

Ga: Às vezes. Por isso a mãe quer sair. Antes, quando ficava brava, antes eu batia.

G: E agora?

Ga: Agora eu grito.

G: É melhor assim?

Ga: Acho que sim.

G: Acho que você está me falando que está tentando controlar o que sente, a sua raiva. Controlar o que você faz quando fica com raiva.

Ga: (Faz que sim com a cabeça e fica em silêncio).

G: É assim na escola também?

Ga: Na escola não me fazem ficar brava. Eu brigava com as minhas primas.

G: Você me disse que sente saudades delas, né?

Ga: (Acena que sim com a cabeça em silêncio).

G: Às vezes a gente também fica brava com as pessoas que a gente gosta, como com as suas primas.

Ga: (Silêncio).

G: E com quantos anos você está agora?

Ga: Oito anos, mas ninguém fala que eu tenho essa idade, dizem que pareço ter dez anos.

G: E o que você acha disso?

Ga: Acho legal parecer mais velha.

G: Ah é, por quê?

Ga: (Dá de ombros).

G: Pode ser legal parecer mais velha, mas as pessoas podem também cobrar umas coisas que você talvez ainda não saiba fazer. Por isso, algumas vezes pode ser difícil também.

Ga: (Dá de ombros e pergunta o que vamos fazer).

Seguiu-se, então, para os desenhos. Gabriela se mostrou muito empenhada e preocupada em desenhar bem. Dizia o tempo todo que desenhava mal e, durante a execução da atividade, parecia sempre descontente com a sua produção. Iniciou o desenho nesse dia, mas não conseguiu finalizar. A atividade foi interrompida principalmente por se julgar que a tarefa havia se tornado demasiado ansiogênica para Gabriela e, também, pelo longo tempo que já se havia se passado. A produção no primeiro dia de aplicação foi a seguinte:

Figura 3 – Unidade de Produção 1 de Gabriela



Fonte: Produção da participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil.*

Observações da aplicação

Gabriela iniciou o desenho pela grama e montanhas. Fez, então, o sol, se irritando por ter “errado” os raios. Nesse momento para de desenhar. Pergunto se dá para consertar, ou se quer outra folha. Ela diz que dá para consertar, repassa os traços e, então, pinta a bandeira. Pinta a grama com força, mas demonstrando bastante cuidado, dizendo que “não pode sair do contorno”. Desenha, então, a flor, iniciando pela raiz, o caule e o miolo. Dá ênfase ao miolo, pintando-o repetidamente de preto e depois de marrom, por cima.

Segue para o desenho das pétalas, fazendo novamente uma expressão de reprovação, como fez quando desenhava os raios do sol. Parece ficar nervosa, expirando fortemente e volta a desenhar. Faz, então, a figura humana. Começa o desenho pela cabeça e cabelo. Novamente interrompe, com a mesma expressão de reprovação. Desenha o vestido em formato de grades. Quando finaliza o desenho da figura humana, apaga e aumenta o tamanho dos braços da figura.

Diz, então, que fez tudo errado, se mostra angustiada e para de desenhar. Vira a folha e recomeça o desenho no verso. Inicia o desenho da **Unidade de Produção 2** novamente pelas montanhas e sol, e, depois, vira novamente a folha e risca o primeiro desenho com um grande “X”, indicando que ele está errado.

Continua o segundo desenho, no verso, pela bandeira e a grama, que agora é verde clara e feita com menos pressão no lápis. Interrompe o desenho e faz uma expressão que parece indicar cansaço. Pergunto se ela está cansada e ela diz que sim e volta a pintar. Aos poucos, vai afastando a folha de si e a colocando cada vez mais perto de mim. Tenta escrever “Brazil” na bandeira. Escreve inicialmente “Ball”. Percebendo que escreveu errado, diz que não sabe escrever direito. Tenta cobrir o erro com o lápis amarelo, o que não dá certo. Escreve, então, “Bazl” e risca com muita força. Por fim, escreve “Bazlu”. Faz uma pausa, suspirando. Parece cansada. Pergunto se ela não prefere continuar na próxima semana, pois já se passou bastante tempo e o horário dela ir para a escola está próximo. Ela aceita e combinamos um segundo encontro.

Se faz importante ressaltar que, nesse primeiro encontro, Gabriela trouxe assuntos também abordados pela mãe, como a questão da necessidade de mudar de moradia, simbolizada nos conflitos que tem com o colega. Gabriela parece se culpar por tentar e não conseguir controlar os seus impulsos agressivos.

Em relação ao primeiro encontro com Gabriela, algumas questões são importantes de serem consideradas. Em primeiro lugar, julga-se interessante que, após os comentários sobre o impacto causado pela figura da mãe na entrevista, no nosso primeiro encontro com a criança

ela esteja pintando as unhas, que também é uma atividade voltada para os cuidados com a aparência. Tal observação se torna mais simbólica quando a criança nos conta que está pintando a bandeira do seu país nas unhas.

Aqui, novamente aparece a questão da necessidade de identidade e enraizamento (WEIL, 2001/1949). Sob este aspecto, Moro (2005) ressalta que, na experiência de migração, muitos referenciais simbólicos da cultura de origem são deixados para trás e que isso intensifica a sensação de desenraizamento. A autora reforça que, nessas situações, muitas vezes o único referencial estável que o sujeito tem é o próprio corpo. Nesse caso, parece que tanto os símbolos do país expressos no próprio corpo, como a bandeira pintada nas unhas, quanto a preocupação da mãe por se sentir confortável com a aparência e vestimentas das pessoas no Brasil podem indicar essa busca de estabilidade e identidade.

Isso pode ter relação com os sentimentos de desproteção que ambas apresentaram, representados pela necessidade de se mudar novamente de casa. A questão, trazida já de antemão pela gestora da instituição, refere o medo expresso pela mãe de se mudar sozinha com a criança, mesmo dizendo estar bem adaptada ao Brasil. A criança, por sua vez, sente que são seus conflitos com outras crianças que levam a mãe a querer se mudar – de qualquer forma, são os conflitos que fazem as pessoas se mudarem (inclusive de Angola para o Brasil).

Terceiro Encontro – Segunda Entrevista com Gabriela

G: Hoje a gente vai continuar o desenho da semana passada. Lembra que você fez esse desenho? (Mostro o primeiro desenho). E, depois, quando paramos, você estava fazendo este desenho (aponto para o desenho do verso).

Ga: O de antes, ao invés de fazer um vestido bonito, fiz um feio.

Figura 4 – Unidade de Produção 2 de Gabriela



Fonte: Continuação da produção da participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil.*

Observações da aplicação

Gabriela continua, então, o desenho do verso da folha. No início, parecia mais descontraída, rindo quando errava e tentando corrigir. Sua expressão mudou quando começa a desenhar o cabelo. Passou a expressar raiva e reprovar seu desenho.

Ga: Queria fazer um cabelo pequeno, mas não consigo (esfrega o rosto, contrariada).

G: E por que você gostaria de fazer um cabelo pequeno?

Ga: (Dá de ombros e não responde).

G: Não dá para consertar? Você quer usar a borracha?

Ga: (Tenta apagar). Não consigo.

G: Você quer outra folha?

Ga: Sim.

G: (Entrega a folha dizendo): Aqui não tem que fazer o desenho mais bonito ou o desenho certo. Não precisa saber desenhar. Pode fazer do jeito que você quiser, que conseguir.

Ga: Vamos do jeito mais fácil (sorri). Eu comecei assim... agora... (tenta seguir a ordem de realização do seu primeiro desenho). Ai meu pai do céu... agora vamos pegar... agora... vou ter que borrar de novo aqui, aqui... eca, eca, eca, eca, que desenho feio... agora preciso da borracha! Aqui, eu borrei... aqui. Hum, nossa, já estou cansada... não consigo (bate na mesa). Nossa. Assim, assim e assim. Por que sempre sai torto? Assim, assim e assim... (começa a cantar) Bam bambam bam bam. Lá vai eu de novo tentar fazer uma menina.

Ao final do desenho, Gabriela diz:

Ga: Já estou quase terminando... Terminei! Posso escrever meu nome?

G: Como você quiser.

Ga: (Escreve seu nome e idade).

Figura 5 – Unidade de Produção 3 de Gabriela



Fonte: Terceira produção da participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil*.

Observações de aplicação

Quando parece estar quase terminando o desenho, para de desenhar novamente, apaga o cume das montanhas e os desenha novamente. Agora, a impressão é de que Gabriela não quer terminar o desenho. Volta a fazer a grama e, mais tranquila, verbaliza enquanto desenha: “vontade de não sair daqui”. Apaga o solo que já estava desenhado e pintado, e o faz novamente. Quando vai desenhar a bandeira, tenta inicialmente usar outro lápis como régua, mas desiste e faz à mão livre. Dessa vez, seus traços parecem mais retos e firmes.

História

Título: A menina que veio morar no Brasil

G: Então, me fale sobre esse desenho?

Ga: Era para eu desenhar uma menina que veio para o Brasil.

G: E se fosse contar uma história...

Ga: Não sei...

G: Quem é ela?

Ga: Acho que eu! (Ri)

G: E o que a Gabriela desse desenho (Aponto para o desenho) está fazendo?

Ga: Quando ela chegou no Brasil e viu a bandeira e se emocionou, ficou feliz.

G: Então ela ficou feliz quando veio morar no Brasil?

Ga: Sim.

(Silêncio).

G: Onde ela foi morar?

Ga: Vai morar numa casa com muitas pessoas... conhecidos, amigos, não conhecidos.

G: E como ela está se sentindo?

Ga: Feliz.

G: E o que vai acontecer? Ela vai ficar nessa casa?

Ga: Não, vai sair, vai procurar casa com a mãe.

(Silêncio).

G: o que aconteceu antes desse momento do desenho?

(Volta a desenhar).

Ga: Não sei escrever, só sei copiar... Antes estavam... esqueci.

G: Pode inventar.

Ga: Antes morava numa casa no seu país.

G: E de onde ela é?

Ga: Da Angola.

G: E quantos anos ela tem?

Ga: 7 anos.

(Silêncio).

G: Quer me falar mais alguma coisa do desenho?

Ga: Não sei qual resposta dar.

G: Eu vejo que você fica bastante preocupada em se sair bem, em dar as respostas certas. Mas pode ficar tranquila, aqui não tem respostas certas.

Ga: (Sorri). Eu acho que a história já acabou. Mais nada... montanhas, sol, faço isso em quase todos os desenhos, eu sempre faço essas montanhas.

G: E você gosta de fazer esses desenhos?

Ga: (Ri) Só sei fazer esses!

Ao final da atividade, a mãe de Gabriela apareceu na janela da sala e disse para ela em um tom severo que ela precisava “acabar logo e ir para a escola”. A impressão foi de que a mãe falava como se a criança já tivesse passado tempo demais comigo. A criança logo se despediu

e acompanhou a mãe. Nos dias que se seguiram à atividade, as duas se mudaram da casa de acolhimento, para uma casa alugada pela mãe, segundo a gestora da instituição,

Análise Geral do Caso

Interessante notar que, nesse caso, as observações da aplicação são extensas. Gabriela expressa seus conflitos e angústias durante a execução da tarefa, o que faz do processo de execução da atividade uma rica fonte de informações sobre aspectos da sua personalidade. Sobre esse aspecto, pode-se relembrar Hammer (1991), assim como outros autores que estudam os aspectos expressivos na avaliação da personalidade. O autor afirmou que o estudo da sequência em que o sujeito produz o seu desenho pode indicar determinados arranjos defensivos, a partir dos problemas de execução que surgem durante o desenho e das soluções encontradas para continuar ou finalizar a tarefa.

Assim, especialmente neste caso, o processo de execução se mostrou tão rico quanto o resultado em si. De maneira geral, permeiam o caso de Gabriela, seja na entrevista com a mãe, na entrevista com a própria criança e, também, durante sua produção, os sentimentos de inadequação. Durante toda a produção, Gabriela suspirava fortemente, batia a mão na mesa e se criticava por seus erros, parecia se ver como inadequada, tentando, assim, anular a sua produção.

As tentativas repetitivas de apagar, riscar e tapar as figuras desenhadas com outros objetos podem estar relacionadas, segundo Piccolo (2009), ao uso do mecanismo de anulação, a partir do qual se tenta controlar o vínculo agressivo com o objeto. Nele, a partir de fantasias mágico-onipotentes intensas, um ato bom ou correto poderia apagar ou anular outra fantasia ou ato agressivo prévio. A autora ainda refere que a anulação se apoia na dissociação, evitando a integração depressiva do objeto, atacando a capacidade de síntese e consumindo grande energia psíquica, já que o aspecto perigoso do vínculo se impõe ao ego de maneira constante.

Compreende-se que essa dificuldade de integração do objeto é expressa por Gabriela na dificuldade de finalizar a tarefa. As verbalizações constantes por meio das quais se criticava durante a atividade também aparecem para reforçar tal análise. Assim, compreende-se que tanto nos seus desenhos, quanto no processo de execução e nas histórias, o mecanismo de anulação de faz presente. Interessante observar, ainda, que Gabriela apresenta tal defesa quando desenha a figura humana, que a representa mais diretamente, e não quando desenha os itens do contexto, por exemplo. Mesmo quando ela tenta corrigir a bandeira, não parece se atacar tanto por esses erros, em comparação aos erros da figura humana. Assim, os sentimentos de inadequação dirigidos à figura humana, ou seja, à sua própria figura, se mostram intensos.

Gabriela verbaliza a sua tentativa de controle da raiva. Conta que, antes, quando estava com raiva, batia nas outras crianças e que, agora, tentava gritar. Tal fala indica recursos que a criança vai desenvolvendo para dar conta dos seus conflitos. Gabriela não verbaliza a relação que os adultos fazem entre o seu tamanho e as suas reações mais agressivas, apontada pela mãe, porém, na sequência de desenhos, percebemos que o tamanho da figura humana vai sendo diminuído, conforme poderá ser observado no segundo dia de aplicação. Pode-se levantar a hipótese de que, conforme o desenho vai diminuindo, a fantasia seria de atingir as expectativas dos outros, principalmente da figura materna.

Piccolo (2009) também ressalta que, além de reconhecer a modalidade defensiva utilizada pelo sujeito, se faz importante entender por que o ego optou por ela. Nesse sentido, as tentativas de anulação, bem como os sentimentos de inadequação, chamam atenção principalmente por dois pontos: a ideia expressa por ela e pela mãe de que é uma “criança grande”, com aparência de mais velha, bem como a questão da aparência e as preocupações sobre o racismo citadas pela mãe durante a entrevista.

Tais pontos são levantados principalmente porque a menina risca a figura humana inteira no primeiro desenho e, no segundo, parece concentrar essa insatisfação mais especificamente no cabelo da figura. Por meio da identificação projetiva, Gabriela coloca a sua raiva e inadequação para fora, expulsa o que sente por si mesma e o localiza no desenho. Dessa forma, o desenho se torna errado, não ela. Quando a identificação projetiva se faz sobre um objeto externo, segundo Piccolo (2009), o ego amplia seu âmbito geográfico, pois uma parte sua passa a fazer parte do objeto externo na fantasia. Como consequência, tanto pode acontecer que o objeto seja percebido com as características da parte projetada do ego, quando que o ego chegue a se identificar com o objeto.

Compreende-se, porém, que o tema proposto para o desenho aproxima o sujeito da própria experiência, e isso pode mobilizar a angústia e potencializar o uso de defesas mais dissociativas. Porém, compreende-se que isso vai depender da psicodinâmica de cada sujeito. A identificação projetiva pode ser utilizada de maneira saudável, promovendo a relação empática e o entendimento com o objeto, como pode indicar índices de patologia, quando prevalece quantitativamente ao uso de outras defesas mais adaptadas, ou quando se une às defesas mais obsessivas, como é o caso da anulação, muito presente neste caso, na tentativa de manter o controle das partes dissociadas e projetadas do ego.

O uso do mecanismo da identificação projetiva tem função anal-expulsiva (KLEIN, 1957; PICCOLO, 2009). É a partir dele que Gabriela parece colocar sua raiva e sensação de inadequação para fora, tentando, assim, se livrar de suas partes consideradas como más, e atacar

com elas o objeto externo, que, neste caso, é a figura de si mesma, o desenho dela mesma, num movimento de autoagressão.

Interessante o fato de Gabriela relatar que, na escola, as pessoas não a fazem sentir raiva. Freud (1905/2016) destaca que, no período de latência, há um direcionamento de energia libidinal da criança para o ambiente externo, de socialização, que aqui pode ser simbolizado pela escola. Assim, a escola aparece como um elemento apaziguador, enquanto que a casa de acolhimento, nesse sentido, parece funcionar como uma extensão familiar, na qual a criança pode viver projeções relacionadas aos impulsos, tanto de raiva, quanto de amor, presentes nas relações afetivas mais íntimas. Nesse sentido, destaca-se, tal qual na pesquisa de Russo, Mendes e Marcelino (2022), a escola como espaço de coletividade, que pode auxiliar na resolução de tais conflitos.

Da mesma forma que ocorre com a escola, o contexto (paisagem) dos seus desenhos é estável, e não faz parte das reclamações de Gabriela. Na descrição da **Unidade de Produção 3**, inclusive, ressalta que faz sempre as mesmas montanhas. As falhas que acontecem quando desenha a paisagem não são intoleráveis. Mesmo quando tenta, por exemplo, corrigir a forma de escrever “Brasil” na bandeira, parece conseguir lidar com seus erros.

Percebe-se que é a figura humana, foco de suas reclamações, que vai sofrendo um processo de modificação durante o processo. É a menina quem está com a roupa errada no primeiro desenho, quem tem o cabelo errado e quem precisa diminuir de tamanho no segundo desenho. Ao final de suas produções, tem-se no desenho a mesma paisagem do Brasil, uma figura humana com “cabelo pequeno”, com tom de pele mais claro, e a indicação do seu nome e idade, como se Gabriela pudesse se sentir/ver como uma criança pequena. Segundo Erikson (1985), a tarefa global do indivíduo seria desenvolver uma identidade positiva, à medida que avança de uma etapa para a outra no desenvolvimento. Tal afirmação faz lembrar que Gabriela é vista pelos outros, e muitas vezes por si mesma, como uma criança mais velha, que deveria estar entrando na puberdade, mas, do ponto de vista afetivo, não é isso o que acontece.

Gabriela verbaliza os erros no vestido e também no cabelo: “queria fazer um cabelo pequeno”. O item de maior ênfase foi o cabelo. Inicialmente rabiscado, borrado e apagado no segundo desenho e, por fim, no último desenho, em tamanho diminuído. Nota-se, ainda, que o tom de pele escolhido para pintar o último desenho também é mais claro que os utilizados nos desenhos anteriores. Compreende-se que há uma tentativa de elaboração de conflito, quando Gabriela tenta se firmar nos desenhos como uma criança menor e até um pouco mais nova do que ela é, porém, parece que essa questão está ligada também a aspectos da relação com o racismo, desde o início apontado pela mãe. Percebe-se que nesse processo de adaptação da

figura humana ao contexto do desenho – o Brasil, ela não só precisa diminuir de tamanho, mas também rever aspectos da sua aparência, como diminuir o tamanho do cabelo afro e clarear o tom de pele.

A necessidade de pertencimento, de se sentir parte, nesse caso de Gabriela, aparece pela necessidade de ser aceita; fator que, de maneira diferente, também foi apresentado pela mãe na entrevista, quando esta ressaltou a escolha do Brasil devido à similaridade com a cultura de Angola. Compreende-se que há uma questão relacionada ao desenvolvimento da identidade, da aceitação da própria figura e de sua imagem corporal, que são importantes fatores no processo de desenvolvimento de identidade. Dessa forma, mãe e filha partilham e representam diferentes aspectos do mesmo conflito. Tal item poderia ser mais bem compreendido caso tivéssemos oportunidade de continuar os atendimentos, porém, nas semanas seguintes não tivemos mais contato, já que elas se mudaram da instituição.

O elemento bandeira também chama atenção: ele aparece tanto no primeiro contato com a criança, quando ela está pintando a bandeira do país de origem nas unhas, quanto na produção gráfica, quando ela representa a sua própria chegada ao país de destino. Nesse sentido, lembramos Aiello-Vaisberg (2013), que, ao discutir o conceito de conduta (Bleger, 1976) implicado em suas pesquisas sobre imaginários coletivos com os desenhos temáticos, afirma que os desenhos são manifestações de condutas, ou seja, são como manifestações nas quais são indissociáveis os aspectos psíquicos, somáticos, socioculturais, etc.

Percebe-se, portanto, que as necessidades afetivo-emocionais trazidas tanto pela criança, quanto pela mãe, dizem respeito principalmente à necessidade de pertencimento e adequação ao ambiente, bem como à necessidade de cumprir a expectativa dos outros, principalmente da mãe. Aqui, novamente aparece a necessidade de enraizamento (WEIL, 2001/1949), bem como a necessidade de manutenção dos referenciais simbólicos da cultura de origem, tal como descrito por Moro (2005), que, nesse caso, aparecem tanto a partir da expressão dos símbolos próprios, expressos no próprio corpo, como a bandeira pintada nas unhas, quanto na preocupação da mãe em se sentir confortável com a aparência e vestimentas das pessoas no Brasil, que indicam essa busca de estabilidade e identidade.

Ao final do último encontro, sentimos que o sofrimento apresentado por Gabriela quando ela errava o desenho parecia estar mudando de tom. Ela agora parecia manipular a sessão, fim de adiar o fim do contato com a pesquisadora. Nesse aspecto, a identificação projetiva parecia ser usada a fim de manipular a relação estabelecida com a pesquisadora. Nesse sentido, relembramos o conceito de identificação projetiva indutora (PICCOLO, 2009), que se caracteriza por seus aspectos violentos e excessivos, favorecendo uma manipulação súbita e

brusca, que tende a paralisar e anular a capacidade do objeto externo. Procura-se depositar o mau no objeto externo, mas mantendo o controle daquilo que é projetado, para evitar a reintrojeção e induzir o objeto externo a assumir ativamente as características projetadas, como se assim pudesse continuar se utilizando daquele espaço para atribuir e manter os aspectos maus na menina no desenho, clivados no campo (BLEGER, 1980), e não nela.

4.1.3. Caso 3: Andrew e seus pais, Mariela e Sid

Andrew tinha doze anos e era natural de Caracas, capital da Venezuela. Estava no Brasil há três meses, junto a seus pais e ao irmão de três anos. Já estava frequentando a escola no Brasil. A família morou no Peru por oito meses antes de chegar ao Brasil.

Antes do atendimento, a gestora da instituição de acolhimento relatou que, sempre quando via essa família almoçar, “sentia dó” de Andrew, pois o irmão mais novo impunha suas vontades, chorava muito e, por vezes, era agressivo, pegando alimentos do seu prato, e que Andrew não reagia e nada falava.

Primeiro Encontro – Entrevista com os pais

Foram entrevistados Mariela e Sid, casal venezuelano, pais de Andrew, que, na ocasião, tinha doze anos de idade. Também estava presente o filho mais novo do casal, de três anos. Andrew estava na escola no momento da entrevista. Os pais iniciaram descrevendo o percurso migratório da família. Relataram que a saída da Venezuela foi necessária devido às “dificuldades políticas”. Contaram que perderam o carro e a moto que tinham e, também, os seus empregos. Ainda havia familiares deles no país, que também perderam seus bens. Ambos eram funcionários públicos: Mariela trabalhava na área administrativa de um hospital e Sid era segurança do mesmo local.

Contaram que, inicialmente, foram da Venezuela para o Peru. O primeiro a ir foi Sid e, após quatro meses, ele conseguiu guardar algum dinheiro e mandar para a esposa, para que ela e os dois filhos o encontrassem. Ficaram no Peru por sete meses e relataram que trabalhavam em situação análoga à escravidão. Trabalhavam por longas jornadas numa fazenda de abacates e ganhavam menos de um salário mínimo. Nesse período, Andrew era responsável por cuidar do irmão mais novo, pois não conseguiram colocá-lo na escola. Os dois irmãos praticamente não saíam de casa. Pontuaram que lá havia muito preconceito em relação aos venezuelanos e que eles eram muito maltratados. Na data da entrevista, estava para completar três meses que a

família morava no Brasil. Relataram que achavam a Venezuela muito parecida com o Brasil e que se sentiam melhor aqui do que no Peru, no que se refere ao preconceito.

Apesar de se sentirem melhor no Brasil, relataram com certo pesar que estavam tentando receber benefícios sociais, mas que ainda não tinham conseguido. Ressaltaram que, embora não tivessem conseguido ainda o reconhecimento, estavam no Brasil “na condição de refugiados” e residindo num abrigo. Aqui, se retoma a recomendação do ACNUR (2016) sobre a importância de se diferenciar as nomenclaturas de migrante e refugiado, para manter a clareza sobre as causas dos movimentos migratórios. Nesse caso, se vê que a reivindicação dessa condição diz respeito à reivindicação da garantia de direitos, mas também ao acolhimento do sofrimento psíquico trazido pela vivência dessa condição.

O casal se sentia incomodado com a sua atual condição. Eram de classe média na Venezuela e ressaltaram que jamais pensaram que pudessem passar por situação de tamanha dificuldade social, ao ponto de precisarem morar num abrigo. Os pais relataram que não dormiam bem, por medo de que algum abusador pudesse fazer mal às crianças. De acordo com as regras da casa de acolhimento, Andrew dormia com o pai no quarto coletivo masculino e o irmão mais novo dormia com a mãe, no quarto coletivo para mulheres com filhos.

O casal falava com facilidade sobre os seus sentimentos e pareciam gostar da proposta da entrevista psicológica. Sid se mostrou mais emotivo e relatou ter sintomas depressivos. Disse, inclusive, que tomava medicamentos para ansiedade e depressão enquanto vivia na Venezuela e que, desde que saiu do país, não passava em consulta médica. R resaltei para Sid a importância de buscar a Unidade Básica de Saúde (UBS) para retomar seu tratamento, pois isso poderia ajudar no processo de adaptação, busca de emprego e aprendizado do idioma, sobre o qual ele relatou ter interesse no momento. Já Mariela parecia mais agitada, falando e gesticulando muito.

Após essa colocação, Sid pareceu se sentir acolhido e tomou a entrevista para si. Contou um pouco mais sobre sua história e relatou, então, que não era pai biológico de Andrew. O casamento entre Mariela e Sid se deu quando o menino tinha seis anos. O casal não entrou em detalhes, dizendo apenas que o pai biológico de Andrew era militar, ligado ao regime político que estava no poder durante esse período na Venezuela. Esse fato trazia conflitos, já que Mariela e Sid apoiavam a oposição ao regime.

Mariela contou que foi agredida pelo pai biológico da criança no final da gestação. Relatou que, em tal ocasião, ele a golpeou na barriga, e o bebê, que já estava na posição para o parto normal, “virou e ficou sentado”. Após esse evento, ela se divorciou do marido. Acha que esse acontecimento influenciou o desenvolvimento de Andrew principalmente em relação a ele

“ser distraído”. Sid complementa informando que, às vezes, o menino diz coisas sem sentido e é infantilizado, apesar de ter bom desenvolvimento escolar e intelectual. Acreditavam que se trata de um “atraso afetivo, e não de inteligência”. A mãe parecia também se culpar, relatando que no puerpério se sentia bastante triste e deprimida, e que isso pode ter afetado o filho. Segundo os pais, Andrew é um menino fechado, não consegue se expressar muito e costuma ser passivo frente aos conflitos. Além disso, toma sempre a responsabilidade de cuidar do irmão para si.

Nesse momento, Sid retomou o assunto anterior, perguntando se eu achava que daria certo a sua estadia no Brasil, e se seria possível que ele construísse uma vida de acordo com o que gostariam no país. Fez isso várias vezes durante a entrevista. Mostrava aspectos de insegurança em relação à busca de um trabalho, relatando que estava saindo para buscar um emprego, mas que primeiro gostaria de aprender o Português. O casal parecia sentir que tinha uma vida muito organizada, com muitas regras de conduta antes da migração e que, no período da entrevista, ambos se sentiam desorientados pela necessidade de reconstruir suas vidas. Nesse sentido, Jibrin (2017) lembra que pensar a condição do imigrante é partir do princípio que, pelo menos temporariamente, o sujeito carece de seu quadro cultural de referência e, em função disso, não só sua identidade fica fragilizada, como também seu projeto de continuidade de si mesmo fica interrompido. Nesse sentido, faz-se importante refletir sobre os aspectos do luto, vivenciados devido às rupturas trazidas pela necessidade da migração.

No encontro realizado com os pais de Andrew, a compreensão de entrevista psicológica como uma relação humana, na qual a escuta oferecida já é, por si, interventiva, fica evidenciada (BLEGER, 1980). O casal usufruiu da escuta e atenção que lhe foi dada, demonstrou se sentir acolhido, em meio a história relatada de abusos e preconceitos. Além disso, ambos demonstraram refletir sobre a conversa e buscar uma saída para seus conflitos. Nesse sentido, destaca-se a importância do emprego de tal técnica no acolhimento do refugiado. A escuta oferecida pode agir como elemento organizador que permite ao sujeito integrar aspectos dissociados de sua própria história, para que, assim, possa dar continuidade ao desenvolvimento de sua vida e do processo de adaptação ao país de destino.

Segundo Encontro - Entrevista com Andrew

Na semana seguinte, Andrew se encontrava no pátio da casa de acolhimento, acompanhado dos pais, já aguardando a minha chegada para o atendimento. A mãe me apresentou para Andrew dizendo que eu era psicóloga e que atendia as pessoas que chegam

para morar na casa, que iria conversar com ele e fazer desenhos. Andrew aceitou a proposta e nos dirigimos para a sala.

A conversa se iniciou com apresentações. Andrew falava pouco e muito baixo, mas manteve o tempo todo um leve sorriso. Disse que era um pouco tímido. Perguntei se ele preferia conversar em espanhol ou em português, para saber como ele se sentiria mais à vontade. Andrew respondeu que tanto fazia, pois entendia bem o português. Ficou combinado, então, que a conversa seria em português, mas que era possível utilizar um pouco de cada idioma, conforme surgisse a necessidade durante a conversa. Ele sorriu e acenou positivamente.

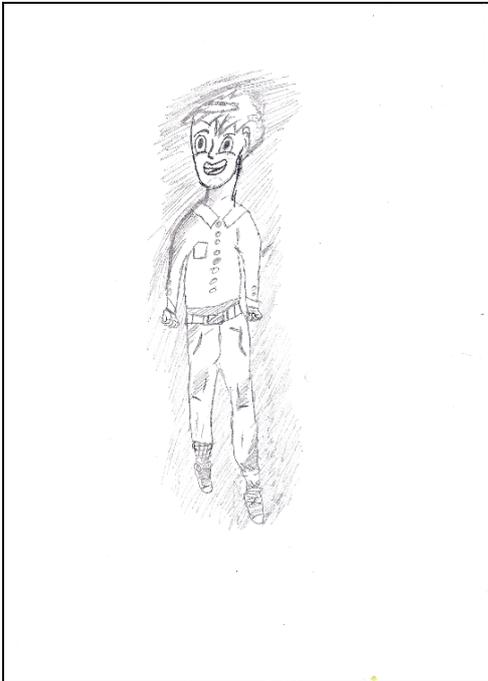
Andrew iniciou dizendo “vivi xenofobia” no Peru. Questionei o que isso significava para ele. Respondeu que as pessoas tinham muito preconceito e que ele quase não saía de casa. Disse que ele e os pais sofreram muito e, em seguida, passou a falar sobre a relação com o irmão. Contou que, no Peru, era ele que cuidava do irmão: “dava comida e depois ele ia assistir TV”. Disse, então, que o irmão era muito inquieto. Questionei o que ele fazia quando o irmão ficava inquieto. Contou que falava para ele não gritar e não chorar, mas não adiantava. Perguntei, então, se ele ainda sentia que era sua responsabilidade cuidar do irmão. Andrew respondeu que sim, que era seu dever protegê-lo. Afirmei, então, que entendia o que ele sentia, mas que aqui no Brasil já havia outras condições, como os pais poderem cuidar do irmão também, e que, agora, ele também ia para a escola. Ele acenou que sim com a cabeça e ficou em silêncio.

Perguntei como era quando ele estava na Venezuela. Ele respondeu que, na Venezuela, havia coisas boas e ruins e que, no Brasil, as coisas estavam melhores por não sentir tanto preconceito e por estar gostando da escola.

Passou espontaneamente a falar sobre o seu pai biológico. Mantinha, eventualmente, contato com ele por telefone e o conhecia pouco, mas gostaria de conhecê-lo mais. Falou sobre sua profissão de militar e o apoio dele ao regime político venezuelano atual. Contou que seus pais desaprovam essa posição, mas que ele sentia curiosidade de compreender o que o pai pensava sobre tudo o que estava acontecendo na Venezuela e de saber por que ele apoiava o regime. Relatou, no entanto, ter receio de magoar seus pais por isso. Disse que chamava Sid, o esposo da mãe, de pai, e que o considerava mesmo como um pai. Pontuei, então, que compreendia que ele tinha curiosidade, pois conhecer um pouco mais sobre o pai seria como conhecer um pouco mais sobre a sua própria história, e que talvez um dia ele possa encontrar uma forma de mostrar isso aos pais. Ele acatou e acenou com a cabeça, mas permaneceu em silêncio.

Retomo, então, a proposta da atividade com os desenhos, e ele aceita. As produções serão descritas a seguir:

Figura 6 – Unidade de Produção 1 de Andrew



Fonte: Produção do participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança ou adolescente qualquer*.

Observações da aplicação

Inicia o desenho pela cabeça, traços faciais e orelhas. Desenha de maneira bem detalhista e cuidadosa. Seu traçado é em esboço. Após finalizar a cabeça, apaga e refaz os traços faciais (olhos, nariz e orelhas).

História

A: É um menino de 16 anos.

G: E o que está acontecendo com ele?

A: Ele é muito estudioso. Está bem. Gostava de respeitar os pais, tia, professor.

G: E como ele se sente?

A: Ele sente orgulho, felicidade.

G: E ele sente só coisas boas?

A: Não, ele é muito inquieto.

G: Inquieto?

A: Ah, agitado. Só (sorri).

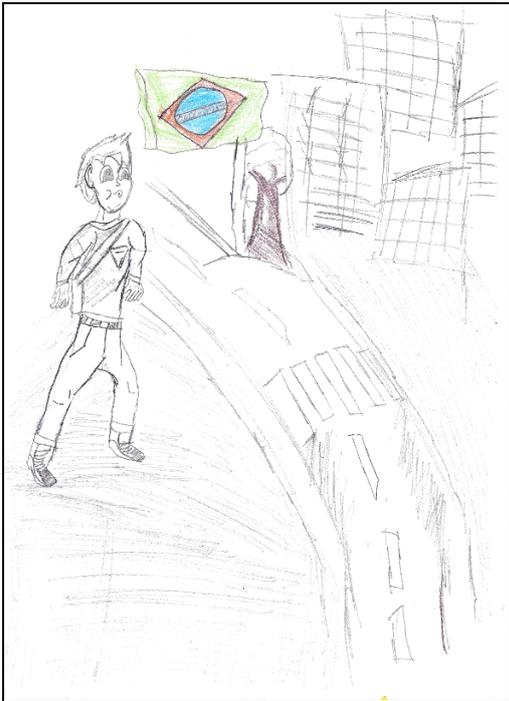
G: E o que ele está fazendo?

A: Ele vai ao parque com os amigos.

G: E o que vai acontecer?

A: Nada. Vai ficar lá... com os amigos... conversando, conversando e só. É só isso que ele quer.

Figura 7 – Unidade de Produção 2 de Andrew



Fonte: Produção do participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança ou adolescente que veio morar no Brasil.*

Observações da aplicação

Novamente, inicia pelos traços da cabeça e orelhas. Pergunta se pode ser menina ou menino. Respondo que ele poderia fazer como quisesse. Continua desenhando com muito cuidado. Observa a própria mão quando desenha a mão da figura, parecendo tentar copiá-la. Após desenhar a figura humana, desenha a bandeira. Pergunta qual é mesmo a forma que tem dentro do losango, na bandeira do Brasil. Pergunto se ele se refere ao círculo. Ele diz que sim, e continua o desenho sozinho. Depois desenha o restante do cenário.

História

A: É um menino chegando como imigrante no Brasil. Ele está um pouco triste por deixar sua família, seu país, seus amigos.

(silêncio)

G: E então ele está triste.

A: Há outros sentimentos também. Tristeza, um pouco feliz... ele pensa muito tempo.

G: E ele pensa no quê?

A: No seu país, na Venezuela.

(silêncio)

G: E ele está sozinho?

A: Está com tio, tia e mãe.

G: E quantos anos você acha que ele tem?

A: 12 anos. Ele tinha também um irmão que vivia em Manaus. Lá tem muita xenofobia. O irmão é por parte de pai, ele tem 17 anos. Não se conhecem. O irmão talvez nem saiba que ele existe.

(silêncio)

G: E o que mais?

A: Só (sorri).

G: Como vai terminar essa história?

A: Não sei (balança a cabeça negativamente). Só, é só isso.

Pergunto a Andrew se está tudo bem, se ele gostou da atividade e se gostaria de conversar mais num outro dia. Andrew diz que sim. Afirmo, então, ter percebido que a história do menino que veio morar no Brasil ainda não tinha um fim, e que isso poderia parecer um pouco com a história dele. Ele riu e disse que sim, que ainda não sabia como a história ia ser, mas que estava tudo bem. Encerramos a atividade.

Quando estavam saindo da sala, Andrew perguntou se eu poderia lhe dar um estojo. Perguntei, então, se a instituição já havia dado a ele alguns materiais escolares e se ele já havia pedido o estojo. Ele disse que sim, que havia recebido os materiais, mas que não tinha onde colocar os lápis e canetas, que ficavam sempre caindo. Disse-lhe, então, que levaria sua demanda para a assistente social da instituição, para ver o que era possível, e que iria pedir para ela lhe dar um retorno.

No final da aplicação, os pais de Andrew se encontravam no pátio da Casa. Eles perguntam como tinha sido, se estava tudo bem com o filho. Respondi que sim e que, devido

ao adiantado da hora, poderia conversar mais com eles na semana seguinte, quando voltasse à instituição. Porém, quando retornei à casa, a família já havia ido embora.

Percebeu-se que a família queria um vínculo maior comigo. Seja os pais, querendo saber o resultado do atendimento, seja Andrew, me pedindo o estojo. Acho que, do ponto de vista afetivo, buscavam o acolhimento e, também, algum tipo de sustentação, bem como alguma facilidade (influência) que fantasiavam que eu pudesse trazer em relação ao próprio processo de estabelecimento no país.

De qualquer forma, o fato de a família ter ido embora e de eu não ter conseguido realizar a devolutiva incomodou, pois foi percebido o quanto eles precisavam desse momento. Isso só me fez compreender que a técnica aqui utilizada precisaria ser a de plantão psicológico e psicoterapia brevíssima (KNOBEL, 1991), na qual se considera o atendimento como um atendimento único, com começo, meio e fim no mesmo momento, mesmo que haja a possibilidade de mais encontros posteriormente, já que não temos certeza de que eles vão ocorrer. Sempre deve haver um fechamento.

Na mesma data, a gestora da instituição afirmou que os pais “deram muito trabalho”, que brigavam e reivindicavam muitas coisas, muitos cuidados que a casa não podia oferecer, como resoluções em relação aos documentos, ter algumas regalias e melhores condições de acomodação. Disse, ainda, que alguns venezuelanos chegavam ao Brasil com “ideias de socialismo”, que exigiam casa para morar e certo tipo de ajuda que não teriam no Brasil, e que sofriam com isso durante a adaptação ao país, pois aqui era diferente e, se não trabalhassem, não conseguiriam essas coisas. Complementou dizendo que esse casal em específico por vezes acabava sendo um pouco agressivo, e agitando também os outros moradores, o que fez com que a relação ficasse difícil, provavelmente, impulsionando a saída deles. Contou que eles relataram que iam morar com um parente que estava no Brasil por um tempo, porém, a gestora não tinha mais informações a respeito.

Compreendeu-se que a família gostaria mesmo de receber mais cuidados, de diferentes aspectos, e que estava difícil se adaptar à casa e à condição social que agora tinham no Brasil. Nesse sentido, retoma-se o conceito de *rêverie*, a partir do qual se buscou oferecer acolhimento psicológico aos participantes, que, tal como descrito por Ferro (1995), consiste em acolher, tornar pensáveis as angústias e metabolizar o material das identificações projetivas dos participantes. Compreende-se que seja importante que os serviços do país de chegada ofereçam o acolhimento psicológico, sustentado pelo conceito de *rêverie*, já que o acolhimento do migrante não se encerra na recepção deles ao país. É necessário pensar em condições que fomentem a dignidade e o acesso a boas condições de desenvolvimento de suas vidas. Assim,

se faz importante observar a dificuldade vivenciada nesse momento pela família. A experiência da migração causa rupturas, com as quais é difícil de lidar.

Análise Geral do Caso

Chama atenção o processo de execução dos desenhos de Andrew. O menino mostrava fisicamente o que está se desenhando, copiando detalhes, por exemplo, de sua própria mão. Parece haver certo uso do mecanismo de identificação (KLEIN, 1957; PICCOLO, 2009), a partir do qual se chama atenção para os próprios detalhes e ênfases do desenho. O processo de identificação, aqui presente, pode estar relacionado a aspectos do desenvolvimento da identidade, conforme discutido ao longo desta análise.

Na primeira produção, alguns aspectos expressivos contidos no desenho são importantes de serem observados. A partir de um sombreamento, a figura humana fica em evidência no centro da folha, porém, o mesmo sombreado que circunda toda a figura, parece também a isolar. Além desse isolamento, aparentemente causado pelo sombreamento, a figura humana é representada com a face levemente voltada para o lado e com as mãos fechadas. A reflexão que pode ser feita aqui diz respeito ao quanto Andrew sente ou percebe a possibilidade de estabelecer contato, fato que, posteriormente, também será tratado por ele na história desse mesmo desenho.

A figura grande, quase centralizada, indicaria, segundo Buck (2009), a necessidade de expansão do eu, constrição e fantasias compensatórias. Assim, aparece aqui a necessidade se colocar em evidência. Importante lembrar que Andrew está no período de desenvolvimento que compreende a transição entre a latência e fase genital, na qual aspectos da construção da identidade são evidenciados. Aberastury (1983) faz referência aos três lutos básicos vivenciados nesse período de transição. São eles: o luto pelo corpo infantil, pelos pais da infância e pela identidade infantil.

Importante relacionar, também, tal hipótese a uma tentativa de colocar em evidência a sua própria história de vida. A percepção que a entrevista trouxe é de que parece que o grupo familiar, a partir de diferentes arranjos, às vezes acaba tomando conta da situação, por exemplo na necessidade de Andrew cuidar do irmão e no padrasto que, em vários momentos, tomou o espaço da entrevista para si. Há, também, a história da paternidade e o receio que Andrew tem de magoar a família com a sua curiosidade sobre o pai, mais uma vez valorizando mais a família do que a ele mesmo.

Chama atenção a qualidade do desenho e a ênfase nos detalhes da vestimenta da figura: cinto, bolsos, botões, detalhes da camisa e do tênis. Parece estar presente uma espécie de

idealização, expressa pelo cuidado com a própria aparência. Tal aspecto, de natureza narcísica, segundo Hammer (1991), aponta para aspectos de fragilidade egóica. Porém, há um aspecto contraditório que sustenta tal hipótese de idealização, pois no contato comigo, Andrew se coloca de maneira retraída e inibida, falando muito baixo, parecendo inseguro, mas, nos desenhos, aparece forte, bem arrumado, fazendo o que deseja. Aspectos de insegurança também podem ser vistos no tipo do traçado, que é em esboço, o que indica, segundo o mesmo autor, a presença de tentativas de controle, insegurança e ansiedade ou, em alguns casos, a busca de controle através de defesas mais rígidas e obsessivas.

Foi difícil para Andrew iniciar a história. Ficou calado por muito tempo, sempre com um leve sorriso. A história apresentada reforça as hipóteses até então levantadas. Nela, o personagem sai e apenas conversa com os amigos, o que pode indicar o desejo de viver situações próprias à sua idade, relativas à socialização. Na transição entre latência e período genital, considera-se que o grupo de amigos, da escola ou de familiares dos amigos, auxilia o processo de elaboração da maioria dos conflitos mencionados por Aberastury (1983) e Knobel (1981) como esperados para essa etapa do desenvolvimento. De qualquer forma, parece que aqui Andrew pode se valorizar, se ver destacado da família, fazendo algo que poderia ser trivial, como encontrar os amigos para conversar despreziosamente. Porém, embora haja esse desejo, a figura humana ainda aparece sozinha e, conforme discutido anteriormente, ao mesmo tempo evidenciada e isolada pelos próprios conflitos.

Isso vai ao encontro da hipótese de sobrecarga vivenciada pelo menino, em função do seu papel na família, aqui simbolizada pela necessidade de cuidar do irmão mais novo, da casa e dos afetos dos pais (medo de magoá-los). Andrew relata, ainda, a sua recente experiência no Peru, na qual estiveram em evidência a situação de isolamento e o medo do preconceito.

As figuras humanas desenhadas por Andrew apresentam características expressivas de movimento, indicando o ato de caminhar. Hammer (1991) relata que a representação de movimento nos testes gráficos geralmente indica bom potencial cognitivo e de comunicação do sujeito. Julga-se interessante que a indicação de movimento possa representar o movimento migratório, percurso pelo qual o participante está passando, e, inclusive, a própria condição de movimento que a migração para o Brasil trouxe, haja vista a situação de isolamento recentemente vivenciada no Peru. Principalmente no segundo desenho, a figura parece andar em direção à representação do país de destino, o Brasil. Alia-se a essa hipótese a não finalização da história trazida, o que indica que a história ainda está acontecendo, não acabou, e que ele continua caminhando.

Os aspectos acima descritos podem levar a pensar em características do desenvolvimento da identidade (ERIKSON, 1985). No Brasil, parece que Andrew pode se ver com mais individualidade e vivenciar aspectos da adolescência. Além disso, agora a família se vê numa situação social particular, a partir do “status de refugiado”, conforme os pais ressaltaram na entrevista. No primeiro desenho, Andrew representou apenas uma figura humana sozinha, sem nenhum complemento. No segundo, ele aparece numa situação de migração, e a figura humana ganha movimento e mais detalhes.

Assim, no segundo desenho, estão presentes elementos que simbolizam o processo de migração: a ênfase no cenário, que parece representar uma fronteira demarcada por uma estrada, e a mochila que o personagem leva. A referência a seguir as regras, repetida pelos pais durante a entrevista, aparece aqui. O cruzamento da estrada será feito pela faixa de pedestres. Na segunda produção, Andrew parece se sentir mais à vontade com a tarefa. Dessa vez, as mãos, que no primeiro desenho eram fechadas, agora estão abertas, o que pode representar certa abertura para o contato. Dentre os detalhes, chamam atenção, também, os traços faciais: olhos, orelha e boca grandes, com traço forte e bem marcado.

O uso das cores também chama atenção nessa produção. Os únicos itens pintados do desenho são a bandeira, símbolo do país de destino, e o tronco da árvore, que pode indicar o enraizamento, o sentimento de pertencimento (WEIL, 2001/1949). Aliás, bandeira e árvore são representadas lado a lado, quase se fundindo numa mesma figura. Ambos os elementos podem estar simbolizando o processo de migração e a necessidade de pertencimento, ou seja, a expectativa de enraizamento e de pertença ao país de destino.

Durante a execução, Andrew solicitou meu auxílio para desenhar a bandeira brasileira. Pediu auxílio, mesmo parecendo saber a resposta, desenhou de forma correta assim que lhe respondi, seguiu com a pintura nas cores adequadas e também escreveu corretamente a frase “Ordem e Progresso”, que consta na bandeira brasileira. Compreendeu-se a pergunta de Andrew quase como um pedido de autorização para desenhar a bandeira brasileira, como se eu fosse sentida como representante do país de destino.

Tal percepção influencia o vínculo que se constrói entre entrevistadora e entrevistado. Dessa forma, embora a percepção nesse momento tenha sido de que ele sabia como desenhar a bandeira, seria da propriedade da pesquisadora brasileira saber como ela é, seria uma forma de reconhecer o seu lugar e demonstrar que ainda está se adaptando e aprendendo sobre as coisas do Brasil. Nesse sentido, Bleger (1980) ressalta a necessidade de incluir o entrevistador (pesquisador) no campo e centrar os estudos, além da personalidade do entrevistado, também na interação entre os participantes (entrevistador e entrevistado), no processo de comunicação

que ocorre a partir da projeção, introjeção, identificação, etc., e nas ansiedades que emergem do encontro.

O interesse do participante pela figura paterna também é importante de ser observado. Ela aparece tanto diretamente, durante a entrevista inicial com o participante, como também a partir da inclusão de um irmão por parte de pai, como personagem da segunda história. Aberastury e Salas (1984) citam que a história de vida do pai, embora muitas vezes pouco evidenciada, é de importante influência e transmissão geracional de conflitos. Para ilustrar tais ideias, os autores tomam trechos da tragédia grega, também utilizada por Freud para simbolizar a vivência do complexo triangular na Psicanálise, chamando atenção para trechos importantes da história de Laio, suprimidos na obra de Freud, mas que antecedem e determinam o desenrolar da história de Édipo.

Da mesma forma, o trecho da história onde Andrew fala sobre o irmão por parte de pai que mora num local onde também há xenofobia, situação que ele relatou ter vivido no Peru, parece aproximar Andrew da história da família paterna. Aqui, ele mostra a necessidade ou a busca de fazer parte, de se identificar com o pai e com a família paterna. Além disso, a figura de irmão mais velho parece representar para ele aspectos da proteção paterna. Andrew cuida do seu irmão mais novo e parece buscar para si também um irmão mais velho, que possa exercer essa função.

Hinshelwood (1992) define identificação como o estabelecimento de um relacionamento com o objeto, baseado numa semelhança percebida pelo ego. Trata-se de um fenômeno complexo, que implica num reconhecimento mais sofisticado de que o objeto tem uma existência própria – e não fundida ao ego, como acontece em etapas mais primitivas do desenvolvimento, por meio do mecanismo de identificação projetiva. Andrew faz questão de sublinhar que talvez o irmão nem saiba da sua existência, e isso nos faz pensar que o processo de identificação, aqui, não é primitivo, no qual há mistura com o objeto. Parece que ele consegue considerar as existências separadas das histórias, fazendo uma busca depressiva para participar dela.

O desfecho da produção de Andrew, trazido na segunda história, é profundamente simbólico. Há referências às vivências de luto, que incluem perdas e ganhos, trazidas pela experiência da migração, no qual os sentimentos de tristeza e de felicidade se misturam. Mistura essa que também se relaciona a sua história familiar, pregressa ao evento da migração, e à história sem fim, que simboliza esse momento de chegada ao Brasil, de início de uma nova vida, onde se encerra uma experiência e se inicia outra, ainda que ambas se influenciem e coexistam. Assim, compreende-se que a queixa dos pais sobre o atraso afetivo de Andrew tem

a ver com esses sentimentos de isolamento e de inadequação, de não se sentir totalmente parte dessa nova família e de medo de magoar os pais, por isso o menino se coloca num local tão recolhido, quase sem se manifestar.

4.1.4. Caso 4: Iago e sua mãe Itzae

Iago tinha oito anos e era natural de Caracas, capital da Venezuela. Morava no Brasil há um mês e já estava frequentando a escola. Migrou para o Brasil acompanhado de sua mãe, da irmã de 17 anos e do irmão de 14 anos. O pai já estava no Brasil há um ano, residindo na casa de acolhimento também. Tinha outros cinco irmãos do primeiro casamento da mãe, que moravam em diferentes países. Iago e sua mãe falavam pouco a língua portuguesa, mas a compreendiam bem. A entrevista, então, se deu em português, com algumas partes em espanhol.

Existiam preocupações com Iago por parte da gestora da casa de acolhida, que relatou que ele vinha apresentando “crises de ansiedade” quando chegava na escola. Na casa de acolhimento, frequentemente perguntava pela mãe, se ela não havia ido embora e o deixado sozinho ali.

Primeiro Encontro – Entrevista com a Mãe

Foi realizada a entrevista com Iago e sua mãe Itzae, ambos venezuelanos. A mãe iniciou perguntando se ele poderia ficar ali com ela durante a entrevista, pois ele não conseguia ficar muito tempo sem ela. Itzae se mostrou comunicativa e aberta ao vínculo interpessoal. Contou que trabalhou como ajudante de cuidadora de crianças no “maternal”, que tinha 51 anos e que estava no segundo casamento. Seu atual esposo era advogado e tinha 35 anos. Tinha com ele três filhos, sendo uma menina de 17 anos, um menino de 14 anos e Iago de 8 anos. No primeiro casamento teve cinco filhos, sendo que o mais velho tinha 31 anos e o mais novo 20 anos.

O esposo, pai de Iago, estava no Brasil há um ano, residindo ainda na casa de acolhimento. Itzae havia saído da Venezuela dois meses antes da data da entrevista, com os três filhos do casal. Passaram um mês em Boa Vista, capital de Roraima, na residência de um dos seus filhos “adultos” do primeiro casamento e haviam chegado há um mês em São Paulo. Relatou que resolveram migrar para o Brasil já que, na Venezuela, não tinham mais comida, trabalho e as coisas estavam difíceis. Complementou dizendo que, na escola de Iago, os professores estavam faltando muito.

Em relação à preocupação da gestora, a mãe diz que para entender a situação com Iago era necessário conhecer toda a história dele. Contou que ele sofreu um acidente no maternal,

mesmo local no qual ela trabalhava na época. Iago tinha dois anos e, nessa ocasião, saiu andando pela escola à procura da mãe, sem que ninguém percebesse. Ficou preso acidentalmente num escritório e ninguém o escutou. A mãe acredita que ele ficou lá cerca de 40 minutos. Quando o encontraram, estava muito assustado e “foi nesse dia que teve a primeira crise”. Segundo a mãe, nessas crises, Iago fica muito “nervoso, agitado, chora muito, chegando a ficar sem ar”.

Depois desse episódio, numa outra ocasião, o irmão mais velho o deixou cuidando de um bebê por cerca de quarenta minutos e Iago teve outra “crise de ansiedade”. Não ficou claro quem era esse bebê. Atualmente, essas crises ocorrem quando ele vai para a escola. A mãe, então, começou a chorar e contou que precisa sair da escola escondida, e que ela também chora. Após uma breve pausa, concluiu dizendo “é bem difícil essa separação”.

Ressaltou que Iago queria ir para a escola, dizia que gostava de estar lá, mas que gostaria que a mãe ficasse lá com ele. Os professores relatavam que às vezes ele a procurava pelos corredores e dizia sentir medo que ela o deixasse lá. Na casa de acolhimento, o menino também costumava perguntar frequentemente para as pessoas onde a mãe estava, se ela não havia ido embora e o deixado.

Questionada sobre sua família de origem e sua história, Itzae pareceu um pouco reticente. Contou que não foi a mãe quem a criou e que a senhora que cuidou dela já faleceu. Perguntei sobre a origem do seu nome, que parecia de origem indígena. Itzae deu de ombros, dizendo que também não conheceu o seu pai e que, devido a isso, a sua família era os seus filhos, voltando rapidamente a falar dos filhos. Contou, sorridente, que quatro dos filhos adultos do primeiro casamento moravam fora da Venezuela, sendo que dois estavam no Equador, um, no Peru e um, em Roraima. Em relação aos filhos do casamento atual, ressaltou a dificuldade que tem com o filho de 14 anos, no que se refere a sua agressividade. Incluiu que os filhos, em geral, não têm uma relação muito próxima com o pai. Atribui isso ao fato de o pai ter “pouca atitude e força”. Concluiu dizendo que era como se ela tivesse um outro filho, se referindo ao esposo.

Em relação à adaptação ao Brasil, a mãe contou que ela e as crianças estavam gostando e se adaptando bem, mas que ela, particularmente, gostaria de voltar para a Venezuela. Contou que o seu plano, quando decidiu vir para o Brasil, era deixar os filhos mais velhos com o pai e tentar voltar somente com Iago para o seu país, porém, durante esse período em São Paulo, percebeu que o pai não tinha autoridade e que não conseguiria cuidar dos filhos adolescentes, então ela havia decidido ficar também. A mãe justificou a ideia de deixar os filhos com o pai, dizendo que a busca de emprego e de uma melhor condição de vida era mais possível para os filhos fora da Venezuela.

Diante de todo o relato da entrevista, causou certa surpresa a sua fala sobre deixar os filhos maiores com o pai e voltar para a Venezuela. Nesse sentido, observar tal reação contratransferencial na situação transcultural, tal como ressalta Devereux (1999/1967), além dos autores da Psicanálise de modo geral, fez surgir a hipótese de que, embora, por um lado, o apego demonstrado pela mãe por Iago fosse intenso, podia também trazer em seu bojo uma ameaça de abandono, o que potencializaria a sensação de um vínculo ambivalente e ameaçador.

Ao final da entrevista, aproveitou-se a oportunidade para apresentar o trabalho a Iago e convidá-lo para participar. Ele aceitou, acenando positivamente com a cabeça, e combinamos um encontro para a semana seguinte. Embora eu tenha tentado dirigir-lhe o olhar e falar com ele ao longo de toda a entrevista, o menino se manteve em silêncio durante todo o tempo, com um leve sorriso nos lábios.

Segundo Encontro – Entrevista com Iago

Na semana seguinte, encontrei Iago acompanhado da mãe. A mãe iniciou se dirigindo a Iago e dizendo para ele contar para mim que, durante aquela semana, tinha chorando ao chegar na escola e que a procurava no corredor, na hora de ir embora.

Ao entrar na sala, Iago se manteve inicialmente calado, olhando para o chão e fazendo pouco contato. Parecia estar com medo. Optou-se, então, por realizar esse encontro de forma mais livre, a fim de fortalecer o vínculo. Convidei Iago para desenhar o que ele quisesse, utilizando, portanto, o recurso de desenhos livres, inspirados na técnica de Procedimento de Desenhos-Estórias, de Trinca (1997). Durante a atividade, pudemos conversar sobre a proposta da pesquisa e buscou-se estabelecer um *rapport* que possibilitasse o andamento do processo.

Figura 8 – Unidade de Produção 1 de Iago



Fonte: Desenho livre produzido pelo participante.

Observações da aplicação

Na primeira versão, o desenho tinha uma única figura humana na janela superior da casa. Durante a história, foi desenhando as demais figuras.

História

G: Você quer me contar um pouco sobre o seu desenho?

(Iago fica em silêncio).

G: Quem é a pessoa que está na janela?

I: É você (se referindo a mim).

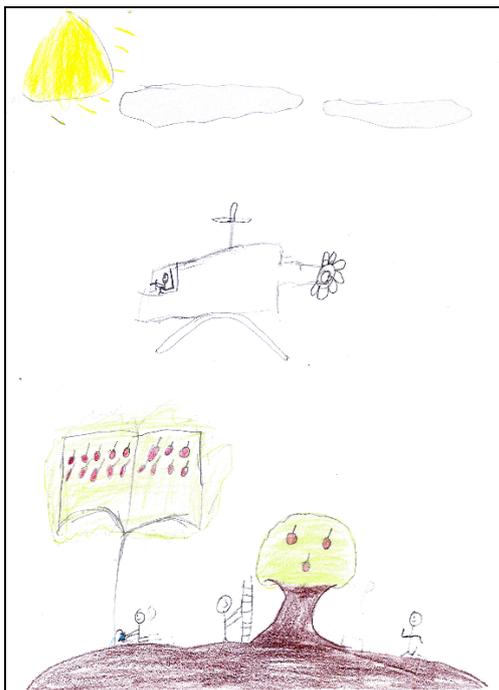
(Iago volta a desenhar. Inclui as demais figuras humanas nas janelas, na parte inferior da casa e do lado de fora. Aponta para as janelas do andar central da casa e diz que aquelas eram as suas irmãs, que a mãe estava embaixo cozinhando e o pai, no exterior da casa).

G: E onde fica esta casa?

I: Na Venezuela. (entrega o desenho a mim).

Pergunto se ele quer contar um pouco mais sobre aquela história, se quer dar um nome, e ele diz que não. Depois de um breve silêncio, questiono se o menino gostaria de desenhar mais, e ele acena positivamente com a cabeça.

Figura 9 – Unidade de Produção 2 de Iago



Fonte: Desenho livre produzido pelo participante.

G: Me conta um pouco sobre a história do seu desenho?

I: Eu e meus irmãos. Eles estão fazendo um jardim. Tinha muito lixo, lixo. Fizeram um jardim. Agora tem um jardim.

G: E onde fica este jardim?

I: Na Venezuela.

G: E isso aqui? (aponta para o helicóptero).

I: É um helicóptero passando.

G: Quem será que está nele?

I: Não sei.

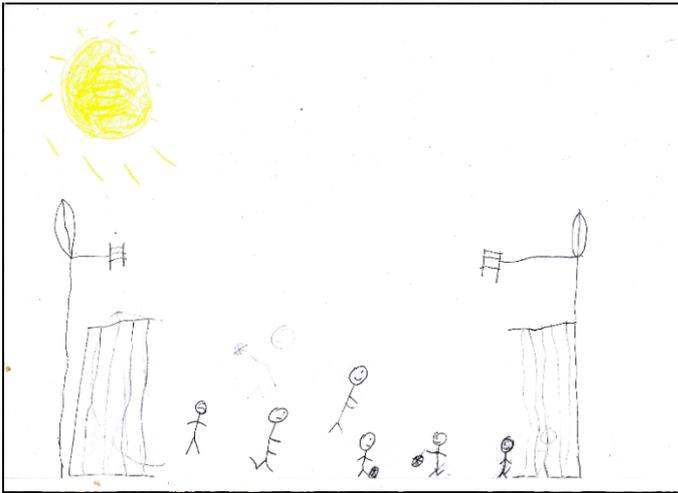
G: E o que mais acontece nessa história?

Iago dá de ombros e muda de assunto. Em seguida, se levanta, caminha pela sala, observa os livros nas estantes e pergunta “para que é esta sala?”. Explico que aquela era a sala do curso de língua portuguesa. Iago avista jogos de quebra-cabeça numa das estantes de livros. Pergunta se podemos usar os jogos. Digo para ele que, devido ao nosso tempo estar acabando, podemos combinar de nos encontrar na semana seguinte, continuar a atividade dos desenhos e também jogar. Ele aceita, acenando com a cabeça e esboçando um leve sorriso.

Terceiro Encontro – Segunda Entrevista com Iago

Nesse dia, iniciamos relembrando a Iago que, na semana anterior, ele fez alguns desenhos livres, e que hoje eu gostaria de pedir para ele desenhar algo. Ele concorda, e eu sigo com a sugestão do tema “Desenhe uma criança que veio morar no Brasil”.

Figura 10 – Unidade de Produção 3 de Iago



Fonte: Produção do participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil*.

Observações da aplicação

Iniciou o desenho pelo cenário: desenhou as cestas de basquete, depois uma estrutura arredondada à esquerda, e a apagou. Desenhou as figuras humanas e as bolas. Pintou o sol (único item colorido do desenho). Desenhou os dois gols, apagando uma das figuras humanas para poder completá-los.

História

I: É uma criança e outras que estão jogando futebol e outro jogo que tem que jogar a bola lá (aponta para a cesta).

G: E onde eles estão?

I: Estão na Venezuela.

G: E como eles estão se sentindo?

I: Felizes com os amigos.

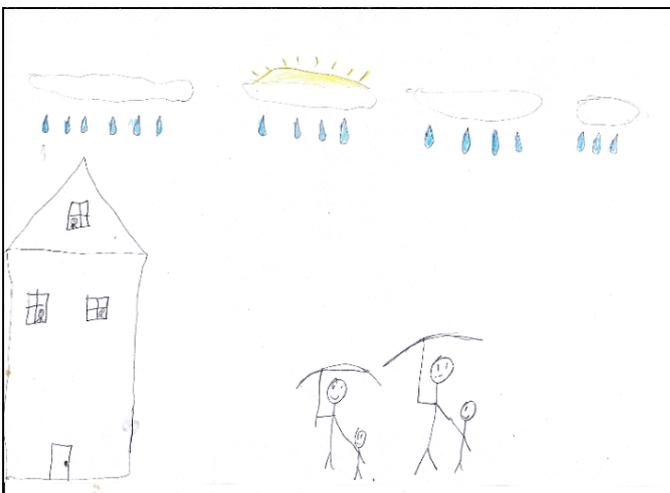
G: E o que vai acontecer?

I: Depois eles vão voltar para as suas casas e só.

Decidi solicitar outro desenho a Iago, repetindo o mesmo tema. Tal decisão ocorreu devido às possibilidades de entraves por conta do idioma e às particularidades afetivas da criança, já observadas. Assim, entrega outra folha, repetindo a instrução: “Agora quero que você desenhe uma criança que veio morar no Brasil”.

Iago fica em silêncio, parecendo refletir por alguns minutos, e então pergunta: “Numa casa?”. Respondo: Como você quiser.

Figura 11 – Unidade de Produção 4 de Iago



Fonte: Produção do participante, a partir da rerepresentação da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil*.

Observações da aplicação

Inicia o desenho pela casa, depois nuvens e gotas de chuva e, por fim, desenha as figuras humanas (primeiro a dupla de figuras da direita e depois a da esquerda).

História

I: São pessoas morando no Brasil. Moram numa casa como aqui (faz sinal com a mão indicando a casa de acolhimento onde estamos).

G: E elas vieram de onde?

I: Da Venezuela.

G: E como elas estão?

I: Estão felizes com suas mães. E os irmãos estão na escola.

Iago empurra o desenho na minha direção e pergunta: “Posso agora brincar com o quebra-cabeça?”.

Consinto, então nos dirigimos aos jogos e os montamos juntos. Iago manuseia as peças com facilidade, demonstrando boa capacidade de raciocínio e desempenho psicomotor. Enquanto montávamos, ele se mostrou sorridente e manteve uma atitude mais comunicativa. Contou que no próximo domingo seria seu aniversário de nove anos e que estava feliz. Falou também sobre o pai, que ele falava pouco, mas que gostava dele e que queria ser advogado como ele quando crescesse. Após dois quebra-cabeças montados, encerrou-se a atividade. Iago pareceu muito satisfeito com sua produção, tentando guardar os quebra-cabeças montados dentro das caixas. Percebendo que não era possível, pareceu um pouco contrariado, mas logo riu da situação.

Após o atendimento, a mãe de Iago aguardava no pátio. Conversamos sobre os traços de ansiedade de separação e sentimentos de desproteção, inicialmente observados na criança e também nela. Ressaltei os recursos psicológicos observados na criança e os benefícios que ele poderia obter com um atendimento psicológico e sugeri a busca da Unidade Básica de Saúde para tal. A mãe concordou e disse que iria buscar atendimento para ele assim que se estabelecesse. Estava um pouco apressada, pois se aproximava o horário de levar Iago para a escola. Sugeri, então, que marcássemos um dia para conversar melhor sobre os resultados, mas, nas semanas seguintes, soube que a família havia saído da casa de acolhimento para morar com alguns parentes.

Análise Geral do Caso

Para uma melhor compreensão do caso, se faz importante retomar alguns aspectos da entrevista com a mãe, antes de se analisar as produções de Iago. Durante toda o relato de Itzae, o tema da maternidade pareceu estar fortemente presente. Parecia que, quando falava sobre a história de Iago, estava falando sobre si mesma, ou seja, sobre as suas próprias questões referentes à maternidade e a sua história de vida. Dessa forma, os sentimentos de ansiedade relacionados ao vínculo materno-filial pareceram ser uma questão importante não só para Iago, mas também para sua mãe. Itzae foi evasiva quando falou de sua história de separação de sua mãe biológica, reforçando “minha família são meus filhos”, fugindo desse tema na entrevista. Falar dos filhos parecia, então, uma forma de deslocamento, a partir da qual não precisava fazer contato com a ausência de sua própria figura materna, ou da falta de conhecimento de suas origens, redirecionando o relato para os seus filhos.

Assim, tanto Iago, quanto sua mãe demonstravam sentir angústia quanto à separação materno-filial. A ansiedade de separação, segundo Klein (1957), faz parte do processo de individuação da criança e é fruto da relação simbiótica vivenciada pela dupla. A autora entende que não é só a criança que vive tal angústia, ela é vivenciada pela dupla mãe-filho. A criança sofre com o processo de desenvolvimento e individuação, e a mãe também sofre. No caso em questão, observa-se que, embora haja poucos dados sobre a história de vida da mãe, ficou claro o seu incômodo relacionado à ausência de sua própria mãe. Parecia que Itzae tentava compensar a ausência da sua própria figura materna assumindo o lugar de mãe para vários filhos, de cuidadora de crianças, de pessoa que acolhe. Da mesma forma, também me senti assim acolhida na entrevista com ela, devido a sua facilidade de contato e abertura ao vínculo.

Em relação à ansiedade de separação, Dalgarrondo (2019) relata que esse quadro faz parte do DSM-5 e da CID-11. O autor o descreve como um conjunto de sintomas de intensa ansiedade, relacionados à separação de figuras significativas, percebidas como protetoras. Geralmente, segundo o autor, a criança apresenta intenso medo de ir à escola ou de permanecer em ambientes sem sua figura protetora, chorando e ficando com medo que algo ruim ocorra. Ressalta, ainda, que muitas vezes a criança solicita que a mãe fique na sala de aula com ela, além de apresentar dificuldades para dormir sozinha e pesadelos relacionados à separação. Para o diagnóstico, os sintomas devem persistir por longo tempo e serem suficientemente graves para prejudicar o desempenho escolar e social da criança. Embora visto atualmente como um quadro psicopatológico, é importante que essa classificação seja feita com cautela.

Notou-se traços ambíguos acentuados no vínculo existente entre Iago e Itzae. Tal ambiguidade pode ser notada quando ela relata, ao final da entrevista, que pretendia deixar os filhos com o pai. Dessa forma, Iago pode ter medo de também ser deixado pela mãe, como a ameaça que existe aos irmãos mais velhos. Interessante pensar, ainda, que essa mãe, com tantos filhos, também vê o esposo como um filho. Parece que ela queria deixar os filhos com o pai, mas não pode, porque ele também é frágil como seus filhos.

Considera-se que a **Unidade de Produção 1**, realizada no encontro com a criança, complementa tais ideias. No início do encontro, Iago parece com medo do contato com a pesquisadora. Diante disso, é interessante notar que ele inicia sua primeira produção colocando a própria pesquisadora no desenho. Na continuação do desenho, todas as figuras humanas que estão no desenho são femininas e, portanto, também representantes da figura materna. Parece que há, ali, um aspecto de projeção da relação materno-filial simbiótica para a entrevistadora, bem como para as demais figuras femininas. Para Iago, estabelecer o vínculo pode ser se fundir

ao outro, a partir de aspectos de identificação projetiva (PICCOLO, 2009, ZIMERMAN, 1999), tal como discutido mais adiante.

Em relação aos aspectos expressivos contidos na produção de Iago, os desenhos são infantilizados, em formato de palito e sempre são apresentadas várias figuras humanas. Ele repetiu com frequência o ato de apagar uma das figuras humanas dos desenhos e substituí-la por outros objetos. A hipótese é de que essas figuras representem os numerosos irmãos, espalhados em diferentes países, e de que a figura repetidamente apagada e substituída represente, a partir do mecanismo de anulação de Piccolo (2009), as próprias fantasias do participante de ser apagado e substituído, ou seja, o medo de que o abandono da mãe pudesse acontecer a ele.

Os desenhos são voltados para os quadrantes esquerdos na maioria das vezes em que há indicação de movimento. É importante lembrar que os teóricos das técnicas projetivas gráficas, como Hammer (1991) e Buck (2009), indicam que os quadrantes esquerdos, em relação ao observador, são representantes dos aspectos regressivos, de busca de segurança no passado. Há, portanto, uma tendência de Iago de desenhar à esquerda e de contar histórias que se passam na Venezuela, talvez numa tentativa de buscar esse lugar familiar e seguro, representado pelo país de origem.

Na história apresentada na primeira produção, o pai fica do lado de fora da casa. Só as figuras femininas estão lá dentro. Iago parece simbolizar aqui dois aspectos importantes. O primeiro, também trazido na entrevista com a mãe, é a distância e a fragilidade do pai. O segundo diz respeito às figuras femininas que estão dentro da casa, ou seja, a proteção familiar parece ser representada aqui pelas figuras femininas. A mãe na base da casa, lavando louças, as irmãs no andar superior e a pesquisadora no último andar. Há um aspecto de aceitação da pesquisadora como uma figura de cuidado e proteção, mas se percebe que este vínculo recentemente iniciado já eleva a figura da pesquisadora para esse lugar das mulheres que cuidam.

A história construída na **Unidade de Produção 2** complementa tal reflexão. É a única história da série na qual ele está presente. Ainda que de maneira passiva, ele está presente no trecho “Eu e meus irmãos. Eles estão fazendo um jardim. Tinha muito lixo (basura), fizeram um jardim...”. No jardim, duas árvores frutíferas estão presentes. Numa delas, à esquerda do observador, o interior da copa tem uma figura com um formato mais angular, que lembra um livro aberto, no qual duas linhas de frutas são representadas. Na outra árvore, três frutos são representados. Embora a presença de frutos seja vista por autores como Hammer (1991) e Buck (2009) como representantes de imaturidade afetiva e de necessidades e ansiedades orais, a

hipótese que aqui se apresenta relaciona os frutos à representação dos numerosos irmãos de Iago; a lista de irmãos do primeiro casamento registrada na copa com formato de livro, e os irmãos do segundo casamento, com os quais Iago e a mãe viajaram para o Brasil, na copa da árvore da direita. A copa da árvore com formato de livro representaria, portanto, a própria história da família.

Tal hipótese se reforça com a história de Iago. São os irmãos limpando a *basura*⁸ e fazendo um jardim. Cada um está cuidando de algo, separadamente. Aqui, as expectativas da família em relação à migração também podem estar presentes. Cabe aos filhos transformarem a história da mãe, da família, num belo jardim. O helicóptero, representado na mesma produção, pode ser visto como uma referência à viagem, ao movimento. Não só a viagem ao Brasil, mas aos deslocamentos dos irmãos, cada um em seu país, de uma forma geral.

A maioria dos itens coloridos por Iago indicavam as partes superiores dos desenhos. Somente na produção 2 ele pinta, além de itens do plano superior (telhado, sol, nuvens, copa das árvores), o tronco da árvore, o solo e o objeto com o qual rega a raiz de uma das árvores. O tronco se mistura ao solo, ambos se tornando uma coisa só, o que traz uma ênfase para esse possível indicador de necessidade de enraizamento e segurança (WEIL, 2001/1949).

Na **Unidade de Produção 3**, apenas o sol, elemento sempre presente nos desenhos, foi pintado. Mais uma vez, há diversas figuras humanas desconectadas, ou seja, parece que estão brincando sozinhas, sendo que duas delas, inclusive, brincam com suas próprias bolas. Parece que não há muita interação entre os personagens. Novamente, uma figura humana é apagada depois de pronta.

Assim, embora em todas as produções as figuras humanas sejam numerosas, elas parecem estar frequentemente sozinhas ou aparentemente desconectadas, fazendo atividades individuais, em cômodos diferentes ou olhando em diferentes direções. Apenas na **Unidade de Produção 4**, na qual se retomou o tema proposto, foram representadas mães e seus filhos, havendo uma ligação entre as figuras. Tal questão faz pensar sobre a intensa relação existente entre Iago e a mãe, principalmente em função do tema, que é a criança que veio morar no Brasil. A mãe, aqui, aparece como o elemento de proteção que sustenta as mudanças advindas pelo processo de migração.

O desenho faz referência a um ambiente chuvoso, e por isso se faz importante lembrar os estudos com o teste da pessoa na chuva, que é uma interessante ferramenta que ajuda a avaliar os arranjos defensivos utilizados pelo sujeito para lidar com situações de desproteção e

⁸ Lixo, em espanhol.

ansiedade. Num estudo preliminar, Paludo, Costa e Silva (2010) apresentam uma proposta de validação do Desenho da Figura Humana na Chuva (DFH-Chuva) de Machover. Os autores o descrevem como um instrumento que avalia a forma como o sujeito vivencia as pressões do ambiente e a forma como elas são percebidas, já que o elemento chuva representaria as pressões externas vivenciadas pelo sujeito, bem como possibilitaria a compreensão de questões do desenvolvimento e a projeção de aspectos culturais.

Nesse instrumento, um dos elementos de correção é o guarda-chuva, que representaria a proteção do sujeito frente a pressões externas ou a situações de estresse vivenciadas no cotidiano (PALUDO; COSTA; SILVA, 2010). Interessante notar que, no desenho de Iago, são as mães que seguram os guarda-chuvas, aspecto que pode reforçar a ideia de que as capacidades de proteção da criança são projetadas maciçamente na figura materna, sendo que a criança se sente sem recursos para se proteger sozinha.

Num estudo exploratório que pretendeu apresentar o instrumento do Desenho na Pessoa na Chuva e discutir sua relevância no atendimento de crianças vítimas de violência, Vagostello (2007) cita a presença do guarda-chuva como um dos itens que diferenciava as produções do grupo controle e do grupo experimental. A maioria das crianças do grupo experimental, que comprovadamente havia sofrido algum tipo de violência, não representou um guarda-chuva ou qualquer outro elemento que representasse o mesmo tipo de proteção. No caso de Iago, os guarda-chuvas são representados, mas são as mães quem os seguram “As crianças estão felizes com as suas mães”. Assim, parece que, embora haja ansiedades advindas da mudança, do fato de residir num abrigo, a proteção é diretamente projetada na figura materna. Estar seguro na chuva é estar em dupla, com a mãe.

Na maioria das histórias, parece que Iago representa com frequência outras pessoas, tais como a mãe, os irmãos e a pesquisadora, mas ele mesmo, ou alguma figura com quem se identifique mais diretamente, aparece apenas em uma dentre as quatro produções. Embora saibamos que qualquer elemento da produção de um sujeito também o representa, parece que Iago aparece sempre diluído ou fundido nas outras figuras. Assim, a autoproteção, que poderia ser feita pelos seus próprios recursos egóicos, parece sempre entregue a outra pessoa, frequentemente a mãe.

Observa-se, portanto, aspectos que se relacionam a defesas como a identificação projetiva, próprias à relação simbiótica, segundo Zimmerman (1999). Durante o desenvolvimento humano, a identificação projetiva tem importante valor, já que favorece a comunicação entre mãe e bebê, ajudando o bebê a ir se reconhecendo, reconhecendo suas potencialidades e, assim, ir desenvolvendo sua individualidade. Nesse sentido, Iago parece ainda atribuir seus próprios

recursos egóicos à mãe, principalmente no que se refere a seu potencial de autoproteção. Segundo Zimerman (1999), na simbiose, predomina na mãe não o desejo de ajudar o filho a crescer até que ele tenha condição de se emancipar, mas sim, o desejo de que ele seja algo que ela possui e que poderá complementá-la. Assim, faz-se necessário retomar a discussão realizada anteriormente, sobre os aspectos trazidos pela mãe na entrevista, em relação à sua própria história. A postura evasiva da mãe ao tocarmos no assunto de sua história de vida já revela sua importância, pois, segundo o autor, o filho entra na história da mãe, como fonte de projeções diretas da sua própria história:

“...é possível que ela sinta o filho como uma posse sua, dentro do seu projeto inconsciente de uma gestação eterna. Pode acontecer, portanto, que a mãe tenha uma necessidade vital do seu filho e o induza a funcionar como sendo o seu complemento sexual ou narcísico, ou ambos (...), de modo a garantir o seu seguro-solidão...” (p. 108).

Em relação ao contato estabelecido entre a pesquisadora e a criança, notou-se que a proposta de atendimento inicialmente mais livre, inspirada livremente na técnica de desenhos e histórias, auxiliou no processo de *rapport*, funcionando como mediador da entrevista, tal como anteriormente observado Arias (2008) e postulado por Moro e Lachal (2008), Tardivo (2004; 2007; 2013) e Aiello-Vaisberg (1997; 2013). Cabe, aqui, destacar a efetividade dos encontros terapêuticos e atendimentos no formato de plantão psicológico.

Compreendemos que a própria proposta de pesquisa baseada nos estudos de caso traz uma questão metodológica importante a ser discutida, que é a questão da padronização dos procedimentos. Em relação às indicações psicoterapêuticas psicanalíticas para o atendimento de crianças, Moro e Lachal (2008) dizem que “como as crianças não são todas as mesmas, o método não pode ser padrão” (p. 93). Ressaltam que essa afirmação se aplicaria a qualquer paciente, e não apenas às crianças. Partindo de uma perspectiva kleiniana, afirmam que, no trabalho com criança, os mediadores são importantes. No caso em questão, os jogos e os desenhos livres assumiram, portanto, esse papel de mediadores do contato.

4.1.5. Caso 5: Adofo e sua mãe Lueji

Adofo contava sete anos e era natural de uma área de garimpo, na cidade de Diamantes, região de Luanda Norte, Angola. Estava no Brasil há três semanas. Ainda não estava frequentando a escola e, em Angola, a havia frequentado por poucos meses. Migrou para o Brasil acompanhado de sua mãe, o pai e a irmã de três anos. A mãe estava grávida, com três a quatro meses de gestação.

Primeiro Encontro - Entrevista com a mãe

Lueji contava 28 anos na data da entrevista. A entrevista foi realizada em língua portuguesa. Mostrou-se pouco falante no início, embora tivesse prontamente concordado com a proposta da entrevista. A família estava no Brasil há poucas semanas. Estava grávida, de três a quatro meses. Veio para o Brasil acompanhada pelo esposo, o filho Adofo, de 7 anos, e a filha mais nova, de 3 anos.

Lueji contou que havia chegado ao Brasil sem roupas e documentos. Pagaram um atravessador, para que pudesse embarcar para o Brasil. “Tenho uma blusa e uma saia”. Repetiu várias vezes que queria “trabalhar logo”, me perguntando se eu achava que ela iria conseguir um trabalho rápido no Brasil. Pontuou-se, então, a necessidade de adaptação ao Brasil e de emissão de documentos para que ela pudesse trabalhar. Ela se mostrou ansiosa, esfregando as mãos, sem nada dizer, permanecendo numa postura reflexiva. Questionei se ela estava sentindo um pouco de ansiedade ou um pouco de medo, frente a tudo isso que estava acontecendo. Ela respondeu que não.

Na medida em que a conversa se desenvolveu, Lueji se mostrou um pouco mais tranquila e aberta ao vínculo, falando mais sobre a sua história. Porém, no geral, manteve uma postura silenciosa, muitas vezes respondendo às perguntas apenas dizendo sim ou não e sempre esfregando as mãos uma na outra.

Contou que a família era proveniente do norte de Angola, da cidade de Diamantes, e que lá trabalhava junto ao esposo no garimpo de pedras preciosas, como acontecia com a maioria dos moradores da região. O garimpo ficava numa área de floresta e a comunidade não dispunha de muitos recursos.

Relatou que quando a ação do governo, denominada “Operação Transparência”, chegou à cidade, determinou que todos saíssem do garimpo e que, por isso, ela e a família precisaram ir embora, sem poder levar os seus pertences: “perdemos tudo”. Por isso, resolveram migrar para o Brasil. Segundo notícias jornalísticas da época, a Operação Transparência foi um programa do governo angolano que visava diminuir a imigração ilegal e o tráfico de diamantes

nas cidades da região de Luanda Norte. Ndomba (2019) afirma que, na visão da população local, a operação trouxe fome e perseguição policial, já que boa parte da população sobrevivia do garimpo ilegal e de negociações não oficiais de pedras preciosas, com grandes empresas. Por conta da possibilidade do garimpo, a migração ilegal para a região era intensa. Os relatos da população sobre a operação eram de fome e impossibilidade de adentrar a floresta não só para garimpar, mas também para caçar, já que, muitas vezes, aqueles que estavam caçando eram confundidos com os que tentavam garimpar. Nesses casos, a resposta da polícia era relatada pela população como violenta.

Compreendeu-se que a vivência recente de tais conflitos sociais poderia se relacionar à postura da mãe durante a entrevista. Lueji parecia assustada e ansiosa, o que se justifica, também, por ser a primeira vez que nos encontramos; ela parecia não saber até onde poderia confiar, se havia riscos em falar comigo, etc. Tal fato, segundo Moro e Lachal (2008), é comum nas entrevistas com pessoas migrantes e refugiadas, que podem não falar muito sobre a história de vida no país de origem. Nesse sentido, os autores chamam atenção para a necessidade de se repensar as questões colocadas na entrevista com as pessoas migrantes, pois as formulações interrogativas consideradas adequadas pelo entrevistador podem ser consideradas violentas ou intrusivas por não respeitarem as regras culturais do sujeito.

Percebendo seu incômodo e a necessidade de adaptação e estabelecimento de um vínculo de confiança, já que era recém-chegada ao Brasil, decidiu-se dar continuidade a entrevista posteriormente, marcando um segundo encontro. Nas semanas seguintes, encontrei Lueji pela casa e a convidei para conversar, mas ela sempre encontrava um motivo para dizer que não podia, relatando todos os afazeres que ainda tinha a fazer no mesmo dia, que se referiam sempre às tarefas domésticas, de cuidados com os filhos ou de compromissos relacionados à emissão de documentos. O pai também foi convidado para conversar, mas apenas sorria e balançava a cabeça negativamente, dizendo que poderíamos conversar com Lueji sobre os filhos.

Embora tenha sido possível notar a dificuldade de Lueji para falar mais sobre seus afetos e sua história durante a entrevista, notou-se que ela parecia querer estar ali conversando, mas não necessariamente num atendimento psicológico. Ela demonstrava que queria mais a companhia proporcionada. Assim, nos breves encontros que ocorreram nas semanas seguintes, seus relatos sobre os afazeres de mãe e cuidadora traziam a sensação do assunto trivial, como se ela tivesse encontrado uma vizinha ou outra conhecida, com quem conversava brevemente sobre tudo o que ainda tinha por fazer naquele dia. Aqui, retoma-se a necessidade de acolher e

oferecer a escuta dentro daquilo que os sujeitos precisam e suportam no momento, por meio da capacidade de *rêverie* (BION, 1993/1970; FERRO, 1995).

Segundo Encontro - Entrevista com Adofo

Adofo se mostrou sorridente, alegre e aberto ao contato interpessoal. Logo no diálogo inicial, trouxe falas interessantes, conforme o trecho abaixo:

G: Oi Adofo, tudo bem?

A: Tudo bem. Eu sinto tudo bom (sorri).

G: Ah é? E você só sente coisas boas?

A: Não! Porque têm muitas coisas ruim no mundo.

G: Quais coisas ruins?

A: Ah, tem muitas crianças morando perto no lixo, perto de rio sujo.

G: Ah é, e aonde acontece isso?

A: Lá na Angola. Aqui no Brasil não! Aqui é tudo bem!

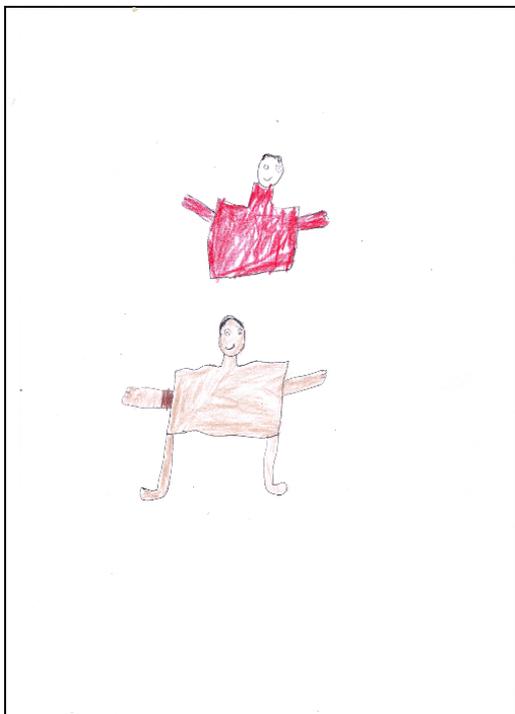
Após o diálogo, Adofo andou pela sala, observando-a. Sua atitude era exploratória. Segundo Efron, Fainberg, Kleiner, Sigal e Woscoboinik (2009), tal atitude permite aproximação, guardando um tempo de reação inicial para a configuração do campo e para desenvolver uma atividade. Importante lembrar que ele estava há poucas semanas no Brasil e ainda não havia começado a frequentar a escola, fato que pode reforçar essa sua atitude exploratória.

Perguntou sobre os livros e os quebra-cabeças que tinham ali. Explicou que se tratava da sala onde as pessoas têm aulas de língua portuguesa e, por isso, havia ali aqueles materiais. Ele, então, pediu para montar um quebra-cabeça e seguimos para essa atividade. Como em outros casos estudados, a atividade lúdica auxiliou no estabelecimento do *rapport* inicial, já que ele se mostrava tão interessado por aquele novo ambiente. Durante a execução do jogo, foi possível conversar sobre a pesquisa, sobre o que era o trabalho de uma psicóloga, etc., o que favoreceu o estabelecimento do enquadre, tal como descrito por Bleger (1980) e Ocampo e Arzeno (2009).

Adofo montou o quebra-cabeça com rapidez e facilidade, demonstrando bom desempenho psicomotor. Durante a execução disse, com expressão de surpresa, que nunca tinha brincado com um jogo daqueles antes. Quando foi convidado para os desenhos, perguntou se

poderia copiar a imagem do quebra-cabeças. Pontuei, então, que naquele momento gostaria de pedir que ele fizesse um desenho diferente e ele aceitou.

Figura 12 – Unidade de Produção 1 de Adofo



Fonte: Produção do participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança qualquer*.

Observações da aplicação

Iniciou a figura pela cabeça e traços faciais, dando ênfase ao sorriso, repassando o lápis preto várias vezes nos lábios. Ele mesmo sorria enquanto desenhava. Tal traço parecia representar a sua própria postura alegre e ativa, mantida durante todo o encontro. No início da atividade, ele se mostrou muito interessado pelos lápis de cor, principalmente pelos que representavam os diferentes tons de pele. Na versão original do primeiro desenho, apenas a figura humana bege foi apresentada, para a qual ele contou o trecho da história, um menino de seis anos que precisava lavar suas roupas. A figura de roupa vermelha foi acrescentada ao longo de sua história e, inicialmente, representa a mãe. Depois, ao longo das histórias, a mesma figura vermelha vai se tornando outros personagens, parecendo assumir um papel de cuidadora, suprimindo diferentes necessidades da criança, que vão surgindo ao longo de suas produções, conforme se pode observar ao longo da análise.

História

A: É um menino de seis anos. A mãe pediu para ele lavar roupas que ele sujou, ele lavou. Ficou muito cansado e decidiu sair fora. E foi para o mar. Viu um tubarão grande e depois pulou no mar. E veio um ciclone e muita neve e aí apareceu.

G: O que apareceu?

A: Ele bateu no chão e saiu fogo.

G: Quem fez isso?

(volta a desenhar, produzindo a figura vermelha)

A: Faz fogo que não deixava ele passar para chegar na gruta, com o tesouro. Aí ele fez um barco de fogo. Passou, passou, passou e pegou o tesouro. Viu um papagaio de pirata e uma espada de pirata bem grande. Pegou um cristal que o fez lavar a roupa muito rápido e limpar a casa e a mãe mandou ele estudar.

Pede outra folha, dizendo que vai fazer os amigos. Produz o seguinte desenho:

Figura 13 – Unidade de Produção 2 de Adofo



Fonte: Desenho livre produzido pelo participante.

Continuação da história

A: Eles inventam espadas e boinas coloridas, que o levam para outro mundo.

G: E quem vai viajar para o outro mundo?

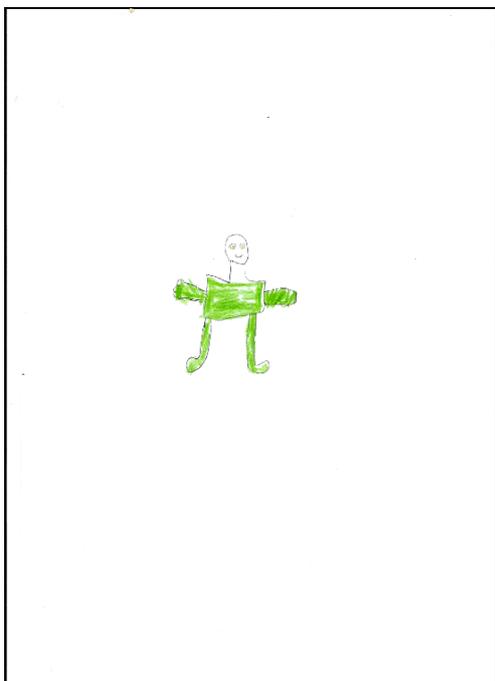
A: A pessoa que inventou o fogo (aponta para a figura humana vermelha, do primeiro desenho).

G: A mãe?

A: É, agora é a pessoa que inventou o fogo.

G: Agora vou lhe pedir um outro desenho.

Figura 14 – Unidade de Produção 3 de Adofo



Fonte: Produção do participante, a partir da instrução: *desenhe uma criança que veio morar no Brasil*.

Observações da aplicação

Inicia o desenho pela cabeça e olhos verdes. Depois desenha o corpo, pintando-o totalmente de verde.

História

A: O nome dele é Noite. Tentou ser um ninja verde e não conseguiu ter o poder dele e depois foi se juntar a uma cobra. Os outros ninjas vieram: vermelho, preto... desceram até no fundo, onde os outros dois estavam. O ninja verde desceu de elevador. Colocaram uma madeirinha e foram para o barco derrotar o inimigo. Foram no Bugão (carro), onde sai muito fogo. O ninja vermelho caiu no fogo.

G: E o que aconteceu?

A: O ninja verde não caiu. Ajuntaram os poderes das armaduras e todas as cobras. O mestre do fogo ninja vermelho ficou com o pai, que é mestre do fogo. O pai do ninja branco é robô. O pai do ninja verde não tem poderes, mas tem quatro braços. A ninja da água entrou no robô e pegou a abaga (adaga) do tempo, de cores. Estavam procurando o mestre dos ninjas e viajaram na Cidade de Negonijogo, é cidade de tijolos. Também não é em Angola!

G: E como termina esta história?

A: Termina com o ninja verde ficando mesmo como ninja verde, no navio. O de quatro braços, de fogo, queria casar com a ninja da água. Fim ninja, todos na espada, todos os ninjas foram no casamento. Soltaram poderes e abriram as portas noturnais. Cinco ninjas.

G: E o ninja verde?

A: Carregou todos os ninjas na perna dele. E o ninja verde ficou mais velho.

Análise Geral do Caso

Na produção de Adofo, observa-se acentuada riqueza expressiva. Sua produção é repleta de aspectos imagéticos e de fantasias infantis, o que, segundo Efron, Fainberg, Kleiner, Sigal e Woscoboinik (2009), caracteriza uma atitude verdadeiramente lúdica. A criança se manteve muito ativa durante toda a atividade, falava e gesticulava. Cada pergunta que lhe era feita servia de estímulo para a história ganhar ainda mais ação. Sua postura foi alegre e ativa durante todo o encontro. No início da atividade, mostrou-se muito interessado nos lápis de cor, principalmente nos que representavam os diferentes tons de pele. Ressalta-se que Adofo pouco frequentou a escola em seu país e que vivia numa situação social de poucos recursos. Diante disso, apresenta-se a hipótese de que o setting e os materiais ali apresentados eram novos para ele, por isso agia como se estivesse vivendo uma grande aventura, tal como expresso em suas histórias.

Parecia, em alguns momentos, se afastar das temáticas propostas, porém, ao longo da análise das histórias, foi possível perceber que ele estava, sim, tratando dos temas, e que o conteúdo projetivo ali presente se referia as suas próprias vivências, tais como as tarefas impostas pela mãe, os poderes do pai, a viagem e o seu próprio crescimento. Hammer (1991) ressalta que, muitas vezes, a expressão motora é tão ou mais eloquente do que as palavras. No que se refere aos testes projetivos, a observação da atitude do sujeito traz informações valiosas.

Na versão original do desenho apresentado na **Unidade de Produção 1**, apenas a figura humana bege estava representada, para a qual ele contou o trecho da história, um menino de seis anos que precisava lavar suas roupas. A figura de roupa vermelha foi acrescentada ao longo de sua história e, inicialmente, representa a mãe. Depois, ao longo das histórias, a mesma figura vermelha vai se tornando outros personagens, parecendo assumir um papel de cuidadora, suprimindo diferentes necessidades da criança, que vão surgindo ao longo de suas produções, conforme se pode observar ao longo da análise.

Quanto à aparência, seus desenhos se diferenciam muito pouco, exceto em função das cores. A figura humana tem praticamente as mesmas características em todos os desenhos. Em

geral, os corpos são quadrados ou representados em formato de palito, como no segundo desenho, referente à **Unidade de Produção 2**. As figuras humanas se apresentam sem muitos detalhes ou diferenciação sexual. Os personagens são diferenciados pelas cores. A figura que é inicialmente representante da mãe, mais adiante, se torna a figura paterna, bem como a pessoa que inventou o fogo é representada apenas com a parte superior do corpo. Interessante observar que a mãe de Adofo estava grávida no momento do atendimento, sendo que tal traço poderia representar algum tipo de referência a essa temática ou área de conflito.

As cores foram tomando ainda mais importância quando se percebeu que todos os personagens são ninjas que se nomeiam e diferenciam pelas cores e elementos da natureza que representam. Há o Ninja verde, o vermelho, o preto, o branco. A Ninja da água e o Ninja do fogo. Há também a adaga de cores, recuperada dentro do robô (pai de um dos ninjas), que controla o tempo.

Adofo solicita uma segunda folha de papel, para desenhar os amigos. Tal aspecto chama atenção a partir de duas hipóteses. Inicialmente, as figuras representadas por ele lembram bebês, talvez pela necessidade de elaborar questões relacionadas à própria gravidez da mãe. Por outro lado, ele nomeia as figuras como amigos, e, depois disso, passa a contar a história dos colegas ninjas. A segunda ideia é de que o mundo social deve ser representado como algo externo, que precise ser representado em outro lugar, em outra folha.

A figura materna, representada secundariamente na primeira produção, se torna, na **Unidade de Produção 2**, um dos personagens principais, sendo aquele que criou o fogo. A mesma figura depois se transforma no pai, durante a história. Há, portanto, um aspecto de continuidade e interação entre as figuras dos diferentes desenhos, um aspecto narrativo, que conta uma história na qual há interação entre os personagens. As histórias são, sem dúvida, mais ricas que os desenhos. Interessante observar o aspecto de continuidade de uma mesma história, existente entre os desenhos. Há um caminho de fantasia, de um conto que a criança trilha para relatar a sua história, da sua família e da migração.

Embora aparentemente ele não faça uma referência direta ao tema solicitado para a **Unidade de Produção 2**, o desenho da criança que veio morar no Brasil, estão ali elementos que fazem referência a uma viagem: a cidade imaginária fora de Angola, a viagem feita de Bugão (carro) e de barco, que poderia representar a viagem para fora de Angola.

No caso de Adofo, a figura paterna também aparece como frágil, o que, conforme Aberastury (1982), pode acentuar os sentimentos de insegurança e desproteção na criança. Os pais das histórias precisam ter poderes ou muitos braços para poder ajudar. Importante lembrar

que, na ocasião do convite para a entrevista, o pai disse que tudo o que fosse relacionado ao filho podia ser falado com a mãe.

Embora os personagens das histórias sejam numerosos, o herói, que inicialmente parecia ser a figura vermelha, quem inventou o fogo, é representante da figura materna e, depois, também da paterna. Conforme também observado na produção anterior, ao longo da produção parece que a figura de identificação mais direta da criança, ou seja, o protagonista da história, se torna o ninja verde. É interessante observar o desenvolvimento dele durante as histórias e o seu desfecho, que pode representar o seu próprio crescimento: “carregou todos os ninjas na perna dele. E o ninja verde ficou mais velho”.

A criança, que começou a sequência de desenhos falando das tarefas domésticas que a mãe solicitava, terminou fazendo referência a “carregar todos na sua perna”, ficando mais velho, ou seja, crescendo. Tal questão também lembra o diálogo inicial na entrevista, no qual Adofo fez referência aos problemas sociais vividos pelas crianças do seu país e do mundo, bem como as expectativas de uma vida melhor no Brasil. Embora se trate de uma hipótese, lembramos que a literatura pesquisada, conforme destacado por Pereira (2020), coloca a criança migrante num lugar de destaque na família, muitas vezes sendo responsável por uma série de tarefas, como cuidados com os irmãos e aprendizado da língua, que lhes trazem responsabilidades importantes – de carregar a família e ficar mais velho – como Adofo conta em sua história.

4.1.6. Caso 6: Christine e sua mãe Darline

Christine contava oito anos e era natural de Porto Príncipe, capital do Haiti. Estava no Brasil há um mês. Ainda não estava frequentando a escola. Migrou para o Brasil acompanhada de sua mãe e do pai. A mãe estava gestante de oito meses. O casal tinha ainda dois filhos mais velhos, de dezesseis e nove anos, que ficaram com sua família em Porto Príncipe. Antes de chegar no Brasil, a família viveu no Chile por um ano e meio.

Primeiro Encontro - Entrevista com a Mãe

A maior parte da entrevista aconteceu em espanhol, com alguns trechos na língua portuguesa e em francês. Darline e sua filha Christine eram provenientes de Porto Príncipe, capital do Haiti, e estavam no Brasil há um mês. Na data da entrevista, Darline tinha trinta e três anos e, conforme já dito, estava grávida de oito meses. O esposo também foi convidado a participar da entrevista, mas não aceitou.

Contou que a família não veio diretamente do Haiti para o Brasil. Inicialmente, Darline migrou juntamente com o marido e a filha Christine, de oito anos, para o Chile e lá viveram por um ano e meio. O casal tinha ainda dois filhos mais velhos, de dezesseis e nove anos, que ficaram com sua família em Porto Príncipe. Disse que pretendia trazê-los ao Brasil quando estivesse estabelecida financeiramente. Justificou a decisão de migrar para o Brasil, em decorrência do frio intenso do Chile. Disse que achava que no Brasil o clima seria um pouco mais parecido com o do Haiti e, por isso, se sentiria melhor. Quando questionada sobre sua adaptação ao Chile, disse que lá também moravam muitos outros haitianos. Complementou dizendo que havia um pouco de discriminação, mas também pessoas muito boas.

Permaneceu com o semblante triste e chorou durante toda a entrevista. Quando lhe perguntei se ela estava triste, respondeu que sim, pois havia uma senhora também haitiana no seu quarto que falava coisas muito ruins para ela e ela não sabia o motivo disso. A situação estava difícil. Questionei, então, se ela já havia dito algo para essa senhora e ela disse que não. Perguntei se ela pretendia tomar alguma providência, como falar com a gestora da instituição, e ela disse que não.

Ficou em silêncio por algum tempo e depois disse que também estava triste por causa do marido. “Estamos um dia bem e o outro não. Brigas”. Chorando, disse que gostava dele, mas que eles brigavam muito e que ela não entendia o porquê. Concluiu dizendo que ele não dava muita atenção para ela.

Darline falou pouco sobre a sua vida no Haiti. Disse sua família havia ficado lá e que sentia muita falta deles. Quando questionada sobre o motivo de decidir sair do seu país, respondeu que todos os haitianos e haitianas desejam sair do país, pois gostam de viajar. Perguntei se havia alguma dificuldade no seu país e ela disse que não, que lá a vida era boa.

Passou a falar sobre a sua adaptação ao Brasil. Disse que o marido já estava procurando trabalho e que ele já sabia falar um pouco de português. Ressaltou que também queria trabalhar após o nascimento do bebê, e não apenas cuidar dos filhos.

Contou que, além de francês e crioulo, também falava um pouco de espanhol. Ressaltou que a filha falava espanhol muito melhor do que ela, e a senhora haitiana, a quem havia se referido anteriormente, também se irritava por isso. Complementou dizendo que a filha ia muito bem na escola no Chile. Como chegaram ao Brasil num período de final de ano, Christine começaria a frequentar a escola apenas no ano seguinte.

Nessa altura, ela retomou o tema da sua tristeza, dizendo que a vida não estava boa, que ela estava triste e não sabia o que fazer para melhorar. Perguntei, então, se ela falava com alguém sobre a sua tristeza. Darline respondeu que a filha sabia e sempre dizia que a mãe era

triste. Ela, então, voltou a falar sobre a senhora do quarto, afirmando que ela dizia coisas ruins também para a sua filha, deixando a menina triste. Pareceu tentar transferir para essa senhora a responsabilidade por deixar a filha triste.

Pontuei, então, que percebia que, naquele momento, havia muitas coisas novas. Além das questões que já tinha anteriormente na sua vida, tais como as brigas com o marido, havia agora a gravidez, a chegada ao Brasil e tantas outras coisas. Por isso, seria importante que ela desse um tempo para as coisas irem se organizando, para se habituar ao Brasil e às pessoas daqui, para que então pudesse entender o que poderia fazer para se sentir melhor. Darline sorriu, dizendo que sim, que eram muitas novidades. Aqui, mais uma vez tentou-se oferecer a escuta e intervenções breves, conforme proposto por Knobel (1986; 1991), que auxiliassem na integração de elementos da sua história, tentando favorecer o processo de organização desse momento da sua vida.

Segundo Encontro - Entrevista com Christine

O primeiro encontro com Christine aconteceu no mesmo dia da entrevista com a mãe. Christine se mostrou silenciosa e com um semblante muito sério inicialmente, parecendo se sentir insegura. Cumprimentei-lhe em francês, e ela sorriu timidamente. Aos poucos, foi se tornando mais aberta ao contato. Disse que estava bem, que gostava do Brasil, que tinha amigos na casa de acolhimento e que também gostava de morar no Chile e da escola de lá.

Expliquei-lhe sobre a pesquisa. Christine pareceu não compreender muito bem o que era uma psicóloga, relacionando à profissão do médico, quando lhe disse que os psicólogos tentavam compreender o que as pessoas sentiam. Disse-lhe que sim, que era parecido, mas que eu iria tentar conhecer os sentimentos dela, não o corpo, como o médico às vezes faz.

Convidei Christine para desenhar e ela aceitou. Porém, quando lhe apresentei os materiais de desenho, ela pegou um dos lápis na mão, ficando quieta e imóvel, e nada desenhou. Tentei estimulá-la, mas ela foi parecendo cada vez mais assustada. Perguntei, então, se ela queria brincar de outra coisa, e ela negou com a cabeça, sem nada dizer. Permanecemos um tempo em silêncio.

Christine pareceu ficar com sono, bocejando repetidamente. Perguntou se poderia ir embora. Consenti, perguntando se ela gostaria de desenhar na próxima semana. Christine acenou positivamente com a cabeça, segurando espontaneamente minha mão, e seguimos para o pátio de mãos dadas. Ao encontrarmos a mãe, esta perguntou se foi tudo bem e respondi que sim, mas que gostaria de encontrá-la novamente na próxima semana. A mãe consentiu e nos despedimos.

Nessa data, a sala que comumente era utilizada para atender aos participantes da pesquisa estava sendo utilizada para outro fim. A gestora da instituição, então, indicou outro espaço, onde ocorriam as atividades de autocuidado (recebiam cabeleireiros voluntários e havia um bazar de roupas). O local estava muito fechado e quente, e alguns pernilongos nos incomodavam. Naquele momento se formulou a hipótese de que, além da ansiedade causada pelo primeiro encontro, o ambiente também não favorecia o atendimento. Também por isso se propôs um novo encontro na semana seguinte.

Terceiro Encontro – Segunda Entrevista com Christine

Christine chegou com um livro infantil de histórias bíblicas nas mãos. A gestora da instituição, que passava pelo corredor naquele momento, fez-lhe um elogio e perguntou se ela já sabia ler. Ela respondeu com um semblante sisudo “sim, mas em espanhol”.

Ao entrar na sala, perguntei-lhe se ela estava bem e como havia sido sua semana. Ela respondeu que só havia brincado, nada mais. Perguntei, então, se ela queria desenhar, e ela respondeu que não sabia, fazendo uma expressão de sono e bocejando, da mesma forma que havia ocorrido no encontro anterior.

Christine começou a folhear o livro que havia trazido e, de repente, parou na história de Salomão. Olhou o desenho com interesse e perguntou o que ele estava fazendo. Respondi que estava escrito que Salomão havia construído uma casa para Deus. Ela continuou olhando com interesse para a figura. Voltou a folhear o livro, olhando as outras figuras, e disse que estava escolhendo uma nova (história) para lerem juntas. Porém, de repente, lançou o livro sobre a mesa, parecendo voltar a ficar desanimada ou com sono. Chamou a atenção a mudança abrupta de semblante da criança, que expressava acentuado desânimo. Tentei, então, a estimular para escolhêssemos outra história, como ela havia sugerido antes, mas ela voltou a bocejar e a dizer que estava com sono.

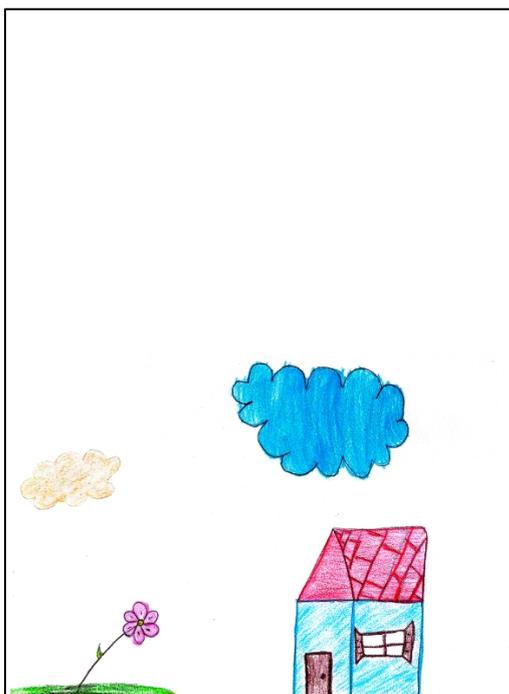
Convidei, então, Christine a voltar à proposta do desenho da semana anterior. Ela esfregou os olhos, dizendo que não sabia, e que queria ir para o quarto dormir. Peguei uma folha e comecei a desenhar uma flor. A menina, então, disse que iria segurar a folha para mim; o vento do ventilador estava fazendo com que o papel voasse. Depois da flor, perguntei o que mais poderíamos desenhar. Ela respondeu “uma casa”. Consenti e pedi que ela escolhesse a cor com a qual pintaríamos a casa. Ela escolheu o azul para a casa e também o verde para o caule da flor e a grama. Enquanto eu pintava a casa, Christine pegou um lápis e desenhou uma nuvem, na mesma folha em que eu desenhava. Posteriormente, a pintou também de azul.

Nessa altura, enquanto pintava a nuvem, subitamente agiu da mesma forma observada anteriormente. Parou a pintura da nuvem pela metade, dizendo que estava com sono e que queria voltar para o quarto e dormir. Disse-lhe que precisávamos terminar o desenho antes de ir embora. A menina, então, pega novamente o lápis e termina a pintura da nuvem.

Depois disso, pega o livro e o folheia mais uma vez. Christine, então, pede que eu desenhe mais uma nuvem, agora branca. Aponta para a caixa de lápis de cor, escolhendo um tom de bege bem claro e o entrega para mim, que desenho e pinto a nuvem com a cor sugerida.

Christine pede novamente para ir embora. Respondo que tudo bem, mas que percebia que ela estava triste e desanimada e, por isso, queria brincar ou conversar mais um pouco com ela. Respondeu que não, que não estava triste, apenas cansada mesmo, e encerrou-se a atividade.

Figura 15 – Unidade de Produção 1 de Christine



Fonte: Desenho livre produzido conjuntamente pela participante e a pesquisadora.

Embora fique clara a necessidade de avaliação psicológica de Christine, a fim de investigar a hipótese de sintomas de apatia observados durante os dois encontros, pensou-se em suspender a participação da menina na pesquisa, pois se compreende que a proposta do DET poderia mobilizar ainda mais angústias na criança. Porém, ocorreu um terceiro encontro, de maneira espontânea, que trouxe um desfecho interessante para o caso, conforme descrito a seguir.

Quarto Encontro – Christine na Oficina

O terceiro encontro com Christine aconteceu de maneira espontânea e não programada. Naquela ocasião, havia poucas crianças na instituição. No pátio, estavam apenas uma família argentina, com dois filhos de quatro e dois anos, e uma mãe com um bebê recém-nascido. Propus às crianças e a suas mães uma oficina lúdica, mais especificamente de expressão gráfica, conforme já utilizado em pesquisa anterior, como descrito em Arias (2008).

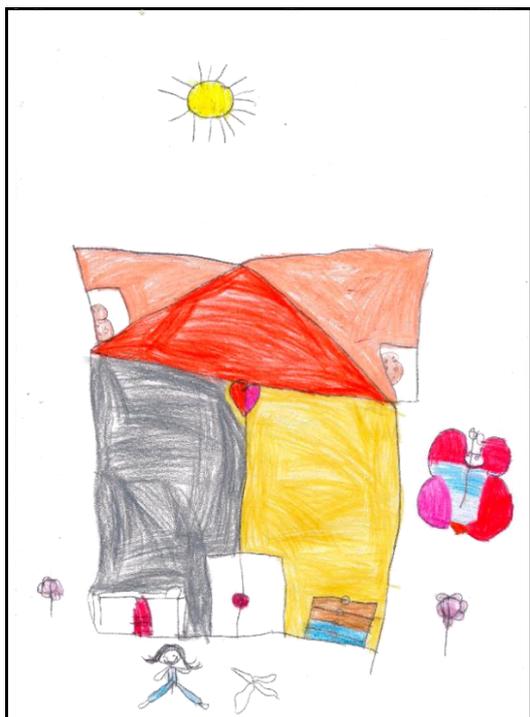
Minutos depois, Christine e sua mãe Darline apareceram no pátio. A mãe de Christine, então, diz para a menina participar da atividade, mas ela se nega, encostando o corpo na perna da mãe. A mãe insiste de maneira agressiva que ela participe, gritando e a empurrando na direção do grupo. Christine se aproxima de mim, deita a cabeça no meu colo e chora copiosamente, por um longo período. Acolho Christine, tentando não interferir muito, passando o braço levemente pelos seus ombros, e continuo desenhando com as crianças menores. Compreendeu-se que era importante deixar que ela participasse assim mesmo.

Nesse meio tempo, Darline, que parecia não dar atenção ao choro da filha, aproximou-se, muito sorridente e afetuosa, da mãe que estava com o bebê recém-nascido e o segurou no colo. As duas mães permanecem conversando num volume baixo, rindo, como se trocassem confidências. Nessa data, faltava apenas uma semana para o nascimento do bebê de Darline.

Aos poucos, Christine se levanta e começa a desenhar, ainda chorando silenciosamente e sempre encostada no meu braço. Nesse momento, as outras duas crianças mais exploram o ambiente do que desenhavam, lançando os lápis e amassando as folhas. Christine me pergunta porque ele (o menino mais novo) só faz isso e não desenha. “Isso o quê?”, pergunto a ela. “Isso! Mexer!”. Respondo que ele ainda é pequeno e parece estar conhecendo as coisas. Christine, então, fica em silêncio, olhando para o menino com um semblante sisudo. Vez ou outra olhava para a mãe, que brincava tranquilamente com o bebê.

Quando finalizou o desenho, ela o empurrou na minha direção e se despediu, dizendo que iria para a sala de TV. A mãe, sem olhar para ela ou se manifestar quanto ao seu afastamento, continuou ali brincando com o bebê.

Figura 16 – Unidade de Produção 2 de Christine



Fonte: Desenho livre produzido pela participante na oficina de expressão gráfica.

Análise Geral do Caso

Uma dúvida surgiu sobre a inclusão do caso de Christine na presente pesquisa, já que a criança não quis realizar o Procedimento de Desenho-Estória com Tema. Decidiu-se por incluí-la, mesmo não sendo possível aplicar o instrumento previamente programado, devido a seu material ser muito rico e demonstrar a flexibilidade dos estudos de casos. Um atendimento clínico não dá errado, já que os resultados são aqueles que emergem no campo (BLEGER, 1980; BARANGER; BARANGER, 1969). Por isso, faz-se importante trabalhar com o material clínico que se tem.

Entende-se que o material aqui exposto é rico e é justamente a partir da negativa que a criança pareceu se vincular e expor seus sentimentos. Compreendeu-se, portanto, que Christine precisou se sentir acolhida de outra maneira, a partir das diferentes interações que surgiram durante os encontros. Faz parte do processo de acolhimento a aceitação, no tempo do outro.

Assim, mantendo o contato com ela e observando os desdobramentos do caso a cada encontro, observou-se um material projetivo rico, que apenas dessa forma Christine poderia ter trazido. O traço de apatia está presente por toda a produção. Compreende-se que a negativa de Christine também é a sua forma de expressá-lo. Dalgarrondo (2019b) define apatia como déficit ou redução motivacional em comportamentos dirigidos a algum objetivo. Chama

atenção para o fato de que a apatia é um sintoma comum aos transtornos depressivos, embora, muitas vezes, seja negligenciado, já que frequentemente se dá mais valor às manifestações da tristeza.

A criança se negava a brincar, parecendo estar sempre desvitalizada e chorosa. Segundo Assumpção Junior e Kukzynski (2012), na experiência depressiva da criança, podemos observar um retraimento do Eu, devendo sempre se considerar o seu momento evolutivo, para melhor compreensão da sintomatologia. Esse retraimento pode trazer diminuição do contato com o ambiente, manifesto através do desinteresse, da falta de reatividade, da anedonia e da fadiga constantes.

A mesma desvitalização pareceu estar representada na nuvem quase branca, que a criança pediu para que eu desenhasse, e, também, no movimento de interromper bruscamente as atividades que estava fazendo e pedir para ir embora dormir. A partir do mecanismo de anulação, descrito por Piccolo (2009) parecia que ela tentava também se apagar.

Esse aspecto é importante de ser visto como algo presente na família, vivido de diferentes formas por seus membros. Traços depressivos puderam ser observados tanto nos encontros com Christine, quanto na entrevista com a mãe, que relatou o sentimento de intensa tristeza e chorou muito. Durante a entrevista, a mãe parecia exaltar a capacidade de adaptação da filha ao Chile e, agora, ao Brasil, como se assim afirmasse que não se sente capaz para tal.

Nesse sentido, o interesse de Christine pelo desenho da casa, na história de Salomão, assim como pedir que eu desenhasse uma casa logo depois, demonstra os conflitos que a criança sente devido às perdas e rupturas (MORO, 2005) advindas do próprio processo de migração e a necessidade de se estabelecer e se sentir parte. A criança também demonstra sentir falta da escola chilena. Pode-se compreender que a mudança para o Brasil instala, mais uma vez, uma ruptura e, em decorrência dela, um processo de luto que possivelmente intensifica os aspectos depressivos observados.

Segundo Ferro (1995), o desenho deve ser considerado como uma representação do tipo de relações presentes no mundo emocional da criança, numa certa medida aproximando-se também da sua realidade externa. Nesse sentido, o primeiro desenho, realizado em conjunto entre a entrevistadora e a criança, teve a função de aproximação e estabelecimento do vínculo terapêutico. Diferentes teóricos da Psicanálise de crianças destacam a interação que existe no brincar entre terapeuta e paciente como uma forma de comunicação, a partir da qual se estabelece o vínculo e na qual a criança pode projetar diferentes aspectos de seus conflitos para elaborá-los. Essa interação pode ser observada, ainda, nos relatos clássicos de atendimentos

clínicos de Klein (1969/1932), Aberastury (1982), bem como no jogo do rabisco de Winnicott (1984).

O desenho realizado por Christine durante a oficina tem uma série de características que chamam atenção. A principal diz respeito ao caráter de divisão da casa, que acompanha todo o desenho. Ela é pintada de cores diferentes, assim como aparece na cômoda, no detalhe do coração e no telhado. É como se duas casas se unissem. Característica similar se nota nas nuvens do desenho do encontro anterior. Parece que sempre está presente um traço de cisão, de ruptura, que nesse momento, pode representar a (ou as) ruptura causada pela viagem (gostava do Chile, sabe ler em espanhol, sua casa), assim como pode representar o momento de ameaça causado pelo nascimento do irmão, que se aproxima. De qualquer maneira, Christine vive um momento de diversas rupturas.

O caráter de divisão que permeia o desenho parece também representar as mudanças bruscas de humor observadas durante os encontros de Christine. Parecia que ela queria brincar, aceitava as atividades, mas, em seguida, desanimava e desistia.

4.1.7. Breve síntese dos casos atendidos

Bleger (1980) relata que, quando se entrevista vários integrantes de um grupo, instituição ou família, as similaridades, divergências e contradições dos resultados são notórias e constituem dados muito importantes sobre como cada membro se organiza numa mesma realidade, um campo psicológico que lhe é específico. Assim, a totalidade traz um retrato do caráter do grupo, suas tensões e conflitos, assim como de sua organização particular e dinâmica psicológica. Diante disso e partindo do pressuposto de que se trabalha aqui com conceitos psicanalíticos considerados como universais, mas vivenciados por cada cultura a seu modo, conforme dissertam Moro e Lachal (2008), faz-se importante observar alguns aspectos comuns aos casos estudados.

Quanto aos **aspectos expressivos e projetivos das produções gráficas**, procurou-se considerar, nesta pesquisa, principalmente o aspecto narrativo e relacional do desenho, porém, alguns detalhes importantes devem ser considerados. Para Ferro (1995), toda aproximação interpretativa do desenho depende do vértice do contexto. O desenho é visto como uma fotografia da verdade relacional e afetiva da dupla terapeuta-paciente, bem como do campo das relações psicológicas. Aiello-Vaisberg (2013) insiste para que o procedimento de desenho-estórias, com tema ou não, seja utilizado como um “rabisco brincante, sublinhando sua

capacidade de facilitar a troca de comunicações emocionais em campos relacionais, no sentido do estabelecimento de uma dialogia” (p. 282-3).

A bandeira foi um elemento gráfico frequente nas produções, ilustrando o aspecto relacional dos desenhos. Ela apareceu como forma de se apresentar, tal como ilustrado no caso de Gabriela, que pintava a bandeira do seu do país de origem no primeiro encontro, e como uma forma de representar a chegada no país de destino. Gabriela e Andrew pediram auxílio para desenhar a bandeira brasileira, tirando dúvidas quanto à sua constituição. Na relação terapêutica, a pesquisadora parece ter sido colocada no lugar de representante do país de destino – o que de fato ela é –, autorizada a saber detalhes sobre a sua bandeira, ou seja, sobre o seu país. Da mesma forma, alguns pais pareciam também ver a pesquisadora como alguém que poderia não só tirar dúvidas e ensinar sobre o país de destino, mas também anunciar se a migração daria certo, tal qual aconteceu no caso de Andrew.

Aspectos da **subjetividade grupal** (AIELLO-VAISBERG, 1997) podem ser considerados a partir da observação das narrativas dos Desenhos Temáticos, que giraram em torno da experiência da viagem e chegada ao país de destino, com a ajuda e, algumas vezes, com as complicações trazidas pelos pais e/ou pela própria casa de acolhimento, e com um final feliz, que acontecerá no país de acolhimento, na companhia da família, com destaque para a figura materna. Mesmo no caso de Andrew, o mais velho dos participantes, em que a história ainda não tem um fim, e no caso de Christine, que não contou a história, parte dessa narrativa está presente. Compreende-se que as narrativas comuns aos DETs foram influenciadas pelo próprio tema proposto, que fazia parte das vivências atuais dos participantes. Assim, podemos ver que a utilização do DET ajudou a entender como as crianças migrantes e refugiadas estudadas olhavam para a sua própria experiência.

A **relação com a experiência de migração** se mistura à história de vida prévia dos participantes. Na pesquisa, eles falaram de quem já eram, de suas próprias histórias, nas quais se circunscrevem as experiências da migração que acabara de acontecer. Compreende-se que a experiência da migração abarca a vivência de uma situação de luto. Referências tanto às perdas, quanto aos ganhos, indicam tais vivências. Sentimentos de tristeza e de felicidade que se misturam. No caso de Andrew, isso fica ilustrado na história apresentada no DET, na qual se misturam os sentimentos de tristeza e de felicidade.

Em relação aos lutos citados, os resultados encontrados nesta pesquisa se assemelham aos descritos por Bezerra (2016). A autora, que também utilizou o Procedimento de Desenhos-Estórias, além de entrevistas estruturadas na tentativa de compreender os impactos psicológicos da imigração involuntária de crianças de seis a doze anos, residentes na região de Florianópolis

há pelo menos um ano, obteve resultados que mostraram que as crianças vivenciam no processo migratório situações percebidas como ameaçadoras, de rupturas e perdas. Foram identificados sintomas somáticos, de depressão e de ansiedade, relacionados à experiência.

Algumas **defesas** observadas nas produções devem ser consideradas, tais como a identificação projetiva, a cisão, o isolamento, a anulação e a idealização. Defesas esquizoparanóides, como a dissociação, a identificação projetiva e a cisão representam um aspecto de ruptura, que podem se relacionar ao próprio tema representado – a migração. Parece estar presente a representação de um afastamento dos objetos ruins, simbolizados nas vivências anteriores à migração, dos objetos bons e, por vezes, idealizados, que viriam após a migração. A fala de Adofo ilustra este aspecto: “tem muitas coisas ruins acontecendo lá em Angola, mas aqui no Brasil tudo é bom”.

Importante ressaltar que há uma situação de crise importante, instalada pelas perdas e pela ruptura causada pela própria experiência de migração, o que pode intensificar as defesas de isolamento e anulação e, em casos com traços mais sintomáticos, a própria vivência de defesas paranóides, como a cisão. Nesse sentido, Steiner (1997) afirma que a elaboração do luto pode auxiliar a integração das partes do ego desintegradas pela identificação projetiva. Percebe-se, portanto, a necessidade do acolhimento e apoio psicológico que auxiliem no processo de elaboração de tais lutos.

Participantes mais velhos, como Adiel e Andrew, que contavam, respectivamente, onze e doze anos, vivenciam essa experiência de luto causada pela migração inscrita junto a outras mudanças e lutos próprios dessa fase de desenvolvimento. Aberastury (1983) resalta que, no período de transição da fase de latência para a adolescência, três importantes lutos deverão ser elaborados. São eles referentes à perda do corpo infantil, dos pais da infância e da identidade infantil. Dessa forma, uma nova expressão da identidade começará a ser construída no período inicial da adolescência, que aqui será influenciada pela própria experiência da migração.

Num geral, se faz importante considerar que a faixa etária eleita para a participação das crianças no presente estudo, compreendida entre os sete e os doze anos de idade, compreende o período de latência e a transição para a fase genital, intervalo do desenvolvimento em que a socialização e o próprio processo de escolarização se tornam especialmente importantes (FREUD, 1905, ABERASTURY, 1983). Sob este aspecto, aparece aqui a importância destacada, pelas crianças participantes, da escola, amigos, colegas da própria casa de acolhimento. Ir para a escola no Brasil foi visto como algo que define a entrada da criança na vida do país de acolhimento e, por isso, vai ser importante garantir um adequado processo de adaptação também nessas instituições.

As narrativas frequentes apontam para as **necessidades afetivo-emocionais** de pertencimento e de adequação e adaptação ao ambiente. Nesse sentido, lembra-se que Weil (2001/1949) considera o enraizamento uma das mais importantes necessidades humanas. O processo de elaboração de tais lutos pode favorecer um processo de construção identitária que agregue agora as influências culturais do país de acolhimento. Aqui se faz oportuno retomar o conceito de mestiçagem, trazido por Moro (2006). A autora define como mestiçagem as pertencas múltiplas que devem ser elaboradas pelo imigrante. A partir da mestiçagem, as identidades dos imigrantes e, também, do país de destino se modificam.

No que se refere à **relação com figuras parentais**, as crianças estudadas mostram frequentes preocupações com o seu papel no grupo familiar. Desejos de unir a família, responsabilização pelo cuidado dos irmãos, afazeres domésticos, aprendizagem da língua e suporte afetivo da mãe na viagem são algumas das preocupações observadas.

Percebeu-se a importância da figura da mãe e, mais especificamente, da relação materno-filial nos casos estudados. A figura materna foi vista como cuidadora da família e aquela que pode proteger a criança, fato que pode, por um lado, trazer segurança e estabilidade nesse processo de mudança de país, mas que, por outro, parece reforçar os aspectos simbióticos dessa relação. Conforme descrito anteriormente, as crianças estudadas também demonstram assumir um lugar de apoio à mãe e à família em geral. Diante dessas interações, as relações materno-filiais parecem ser vivenciadas a partir de aspectos simbióticos. Sob este aspecto, lembramos que Zimerman (1999) relata que, na relação simbiótica, predomina também na mãe o desejo de que o filho seja algo que ela possui e que pode complementá-la, numa espécie de gravidez eterna, que poderá protegê-la da solidão. Acresce-se a isso o fato de que, em outras pesquisas, tais como de Pereira (2020), também se observou que as crianças migrantes e refugiadas acabam assumindo responsabilidades extras na família.

Em relação à figura paterna, é importante considerar de antemão que, dentre os seis casos estudados, em dois deles as mães migraram sozinhas com seus filhos. Quanto aos demais pais, dois deles estavam presentes na instituição e não aceitaram o convite para participar da pesquisa, um pai não estava presente na instituição nas ocasiões em que encontramos a mãe e a criança e, apenas no de caso de Andrew, o pai, que, na verdade, era padrasto, aceitou participar. Os resultados mostram que, nas produções das crianças, a figura paterna foi percebida como ausente e frágil. Tal resultado corrobora o encontrado entre as crianças indígenas Guaranis Mbyas de São Paulo (ARIAS, 2008). Segundo Aberastury e Salas (1984), o pai sentido como ausente ou frágil pode suscitar uma formação superegóica conflituosa, tanto

extremamente severa, quanto inexistente, o que pode trazer prejuízos ao desenvolvimento da criança, tais como os sentimentos de insegurança e de falta de orientação.

Nesse sentido, Tardivo (2004, 2007), que também encontrou resultados similares dentre os jovens indígenas de diferentes etnias, habitantes do município de São Gabriel da Cachoeira, destaca que os pais também se sentem perdidos, não conseguindo oferecer aos filhos o cuidado e a sustentação, pois estes dependem de recursos psicológicos que os pais também não possuem. A família toda vive uma situação de intenso sofrimento.

O elemento casa foi visto como uma importante representação, tanto do ponto de vista gráfico, como no caso de Adiel e Christine, quanto a partir da presença nas histórias, tais como apresentadas por Iago e Gabriela. Diferentes tipos de casas foram representados; a casa da família no país de origem, a casa de acolhimento e a casa que ainda vão buscar no país de acolhimento. De qualquer maneira, a casa pode ser vista como uma representante simbólica da morada. Autores clássicos como Hammer (1991) e Buck (2009) se referem à casa tanto como a morada do eu, representada pelo corpo, quanto como morada nas relações familiares. Neste estudo, pode-se complementar essa ideia, pensando na morada como pertença aos países de origem e de acolhimento.

Ainda em relação à presença da casa em estudos de natureza similar ao presente, Grubits (2003) relata que as pesquisas conduzem à compreensão dos desenhos da casa, que são sempre presentes nos desenhos infantis, como expressão de aspectos culturais, sociais e psicológicos vivenciados pelas crianças. A autora estudou os desenhos de casas de crianças indígenas Guarani Kaiowá e Kadiwéu. Os resultados mostram que a casa foi compreendida por tais crianças como um elemento que simboliza o suporte, no qual se integram a história pessoal e os aspectos culturais e sócio-culturais propriamente ditos. Foram observados aspectos da construção identitária infantil, relacionados às contradições do ser ou não ser um indígena do seu grupo. Da mesma forma, vê-se que, na presente pesquisa, a casa aparece como um símbolo de acolhimento e cuidado, e como um aspecto da construção identitária que une a história do país de origem, da família, ao contexto atual.

Assim, a situação da migração se mistura à história familiar prévia. Nos relatos dos pais, percebeu-se com mais clareza a história de repetições de conflitos, na qual a experiência da migração também se inscreve. Aliás, a migração às vezes se dá também por motivos familiares, como ilustrado no caso de Adiel, em que as diferenças religiosas entre a família da mãe e a do pai foram relatadas como um dos motivos para se decidir migrar.

A busca pelo desenvolvimento da identidade também se mostra presente nos relatos dos adultos. As falas das mães sobre buscar um país no qual pudessem se sentir à vontade com os

costumes e idioma, bem como a importância de se sentirem parecidas fisicamente com os brasileiros, trazem a sensação de pertença e de familiaridade, importantes no processo de construção identitária. Tal reflexão só vem reforçar a afirmação de WEIL (2001/1949), que se refere à necessidade de enraizamento como uma das mais importantes necessidades humanas.

Sob este aspecto, destaca-se também o conteúdo relacionado ao risco da violência vivenciado pelas mulheres, tema que foi diretamente abordado por duas dentre as três mães negras entrevistadas. Cruzam-se, aqui, portanto, diferentes conflitos relacionados à discriminação; ser mulher, negra e estrangeira. Sob este aspecto, faz-se importante ressaltar o caráter interseccional das vivências dessas mulheres, a partir do qual se cruzam diferentes marcadores da discriminação, tais como a questão do gênero, de ser negra e migrante. Sob esse aspecto, Fogliatto (2022) alerta que, para se analisar as experiências das mulheres migrantes, não basta pensar nelas apenas a partir da condição de migrantes, mas sim, considerar o caráter interseccional de suas experiências. A autora discutiu a situação das mulheres senegalesas migrantes, que são minoria dentro da sua própria comunidade, já que apenas 2% dos migrantes do Senegal no Brasil são mulheres. Notou a necessidade de pensar o caráter interseccional de suas vivências, que atravessa a formação identitária, pois, além de serem minoria na sua própria comunidade, são mulheres, negras e migrantes no Brasil. Concluiu que é importante não reduzir essas mulheres a seus marcadores identitários, mas sim, considerá-los, a fim de defender que suas vivências sejam compreendidas de maneira mais completa.

Tanto no relato das mães, como das crianças, foi possível observar a presença de tais preocupações, como destacado nos casos de Gabriela e Andrew. Gabriela apresentou intensa insatisfação com seu desenho, centrando suas críticas principalmente no cabelo da personagem, o qual devia ser diminuído, ficar pequeno. Sua produção resultou numa figura humana de pele mais clara e com uma diminuição significativa no tamanho do cabelo. Andrew, por sua vez, relatou os eventos de “xenofobia” vivenciados por ele e sua família na situação de trabalho no Peru. Ambas as situações destacam, portanto, que os conflitos relacionados às discriminações às pessoas, devido à condição de migrantes, se somam a outros marcadores sociais que influenciam esse processo, tais como questões de gênero, classe, etnia, etc.

4.2. O ESTÁGIO NA CLÍNICA TRANSCULTURAL FRANCESA: REFLEXÕES SOBRE DISTÂNCIAS E PROXIMIDADES

Após o período de coletas de dados no Brasil, conforme apresentado anteriormente, no capítulo sobre o método, o estágio doutoral na França aconteceu na Maison de Solenn – Hospital Cochin, em parceria com a Universidade Paris Descartes. Nele, pude atuar como coterapeuta, nos atendimentos da clínica transcultural.

A intenção de apresentar o estágio é de refletir sobre as técnicas de atendimento psicológico nas situações de migração e de contribuir para a discussão crítica dos casos brasileiros, como mais uma das partes que podem ajudar na compreensão do fenômeno, conforme o método de estudos de casos múltiplos descrito por Stake (2000; 2011). O objetivo do estágio foi compreender as técnicas de intervenção psicológica utilizadas na clínica transcultural, a partir da realização de um estágio de observação dos atendimentos às crianças, adolescentes e famílias em situação de imigração e refúgio, na instituição citada. Por isso, é importante pensar no presente trabalho a partir do viés da observação.

Observar, segundo Pedinelli e Fernandez (2015), é a ação de olhar os fenômenos com atenção, para então descrevê-los e tentar explicá-los. A observação, ferramenta essencial do método clínico, se inicia pelo olhar e requer um ato de atenção que amplia ou tem seu foco na percepção de objetos ou aspectos desses objetos. Requer um ato cognitivo, onde o observador busca selecionar informações que julga pertinentes no campo perceptivo. A observação, portanto, é guiada por princípios e objetivos, e executa uma escolha dos fenômenos para a coleta de dados.

Ressalta-se, assim, que a escolha do material a ser observado foi aqui guiada pela tentativa de refletir sobre o manejo dos casos clínicos atendidos na clínica transcultural, a fim de aprofundar a discussão do método empregado nesta pesquisa para o atendimento dos casos no Brasil. Assim, o relato da experiência se faz importante, pois, embora a ideia do estágio não fosse de coletar dados de estudos de casos em solo francês, a participação nos atendimentos permitiu o desenvolvimento do pensamento crítico sobre as estratégias de acolhimento e atendimento psicológico de migrantes, observadas no nosso país.

Compreende-se, porém, que o modelo francês de atenção ao migrante pode trazer inspirações, mas também tem seus limites. Quando se pensa o acolhimento dos migrantes no Brasil, um modelo de outro país, seja qual for, não pode ser apenas importado e implantado. Qualquer serviço social e de saúde e, em decorrência, também o de saúde mental, deve ser

criado levando em consideração a história, cultura e o *modus vivendi* local (SANTOS, 2009; SANTOS; MENESES, 2009).

Ressalta-se, ainda, que outros países têm se influenciado pela teoria etnopsicanalítica e pelo método da clínica transcultural no desenvolvimento de serviços de saúde especializados no atendimento do imigrante, como os realizados no Canadá (BORGES; PROCREAU, 2012) e no Instituto de Ciências Psicológicas, Humanas e da Vida em Portugal (ISPA, s/d). No Brasil, o método ainda é pouco conhecido e as publicações embasadas em tal teoria não são numerosas, por isso, ressaltamos a necessidade já descrita de realização de pesquisas e aprofundamento da interação teórico-técnica com instituições que já são referência na área.

A Maison de Solenn oferece diferentes modalidades de atendimentos psicológicos e multiprofissionais, principalmente ligados ao sofrimento psíquico de adolescentes e suas famílias. Um dos importantes departamentos é o da Clínica Transcultural, no qual foi realizado o estágio. A clínica transcultural é um dispositivo clínico de atenção à saúde em nível de prevenção secundária (CAPLAN, 1980), centrado no atendimento de famílias de migrantes, voltado para o estudo da parentalidade no exílio e para o atendimento clínico da segunda geração, que são crianças e adolescentes nascidos na França, que portam os traumas relacionados à migração, mas que nem sempre se apropriam deles, já que, muitas vezes, tais traumas foram vividos diretamente pelas gerações passadas, e não por eles.

A maioria dos atendimentos é realizada em grupo, por equipes multiprofissionais e multiétnicas, com famílias que apresentem sofrimentos psíquicos relacionados às questões da história familiar de migração que não vêm sendo compreendidas por outras equipes de saúde básica e atendimento social, que fazem, então, o encaminhamento das famílias para essa clínica (MORO, 2015).

Assim, a formação do grupo tem suas especificidades. Trata-se de um grupo de profissionais, atendendo a um grupo familiar. Geralmente, dele fazem parte terapeutas e coterapeutas de diferentes origens, formações e funções. Integram os grupos de atendimento: o terapeuta principal, o segundo terapeuta, os coterapeutas fixos (geralmente funcionários da instituição e parceiros) e os viajantes (estagiários e profissionais visitantes), a família atendida e, por vezes, o mediador/tradutor e o profissional solicitante. Porém, é no terapeuta principal que se concentra a relação transferencial com a família e, por isso, os demais terapeutas se dirigem a ele quando fazem suas intervenções. É ele que faz a palavra circular entre o grupo, reorganizando e discutindo com os pacientes o material resultante das pontuações dos demais terapeutas.

A função do grupo é de multiplicidade e circulação da palavra. O grupo é um mediador do contato. Segundo Moro (2005), sua função, a partir de uma perspectiva bioniana, é de pensar e fazer junto, e é isso que garante o aspecto transcultural da experiência, já que a diversidade de origens étnicas e de formações profissionais também dos terapeutas é ferramenta do próprio grupo.

Em relação ao suposto incômodo que um grupo grande poderia causar aos pacientes, a terapeuta principal e, também, alguns pacientes falavam sobre a ideia da representação da comunidade e da resolução de conflitos a partir da discussão em grupo em algumas culturas, principalmente as africanas. Inclusive, em algumas culturas, a relação dual do atendimento individual clássico pode ser considerada como invasiva e de intimidade pouco apropriada (MORO; LACHAL, 2008). Os pacientes eram comunicados sobre o enquadre do grupo e aqueles que não se sentissem à vontade com a proposta eram encaminhados para um grupo menor ou, até mesmo, para o atendimento individual. A decisão pelo atendimento era, então, partilhada com os pacientes, e adaptações no enquadre eram possíveis, em função das necessidades observadas.

O primeiro grupo era formado da terapeuta principal, a Profa. Dra. Marie Rose Moro, psiquiatra de origem hispano-francesa. O segundo terapeuta era do Togo e coterapeutas eram do Brasil, Japão, Sri Lanka, Itália, Argélia, Marrocos, Colômbia, França, Canadá, Alemanha, dentre os quais havia psiquiatras, psicólogos, enfermeira, estudantes de Psicologia e residentes de Psiquiatria.

O segundo grupo tinha um número menor de integrantes, sendo formado pela terapeuta principal, a Dra Rahmeth Radjak, psiquiatra de origem franco-indiana. O segundo terapeuta era um psicólogo de Camarões e os coterapeutas eram do Chile, Haiti, Alemanha, França, Brasil, Canadá, dentre os quais havia psiquiatras, psicólogos, enfermeira, estudantes de Psicologia e residentes de Psiquiatria.

As principais origens das famílias atendidas durante o período do estágio foram do Mali, Costa Do Marfim, Senegal, República Democrática do Congo, Argélia, Marrocos, Burkina Faso, Síria, Líbano, China e Sri Lanka. Faz-se importante citar que, dos países citados, todos os que são do continente africano viveram um processo de colonização francesa (embora se reconheça o trágico caminho percorrido pelos refugiados na Europa e que, muitas vezes, eles estão em países que os aceitaram, não necessariamente que os escolheram). Vemos, então, a migração como um processo inscrito na história e na política (ROSA, 2018, MORO, 2005; 2015). No Brasil, algo semelhante acontece quando, nas entrevistas, as pessoas citam a escolha pelo Brasil por buscar facilidade e similaridade cultural. No Brasil, algo semelhante acontece

quando, nas entrevistas, as pessoas citam a escolha pelo Brasil por buscar facilidade e similaridade, já que foram destacados como motivos para a busca da migração para o Brasil tanto a questão da língua portuguesa ser compartilhada entre o país de origem e o país de destino, conforme exposto pelas mães angolanas participantes, quanto uma possível similaridade cultural pela proximidade geográfica, conforme relataram os participantes venezuelanos.

As terapias etnopsicanalíticas ou transculturais desenvolvidas pela equipe dirigem-se, principalmente, às mães migrantes e a seus filhos, cujo sofrimento se exprime de maneira culturalmente codificada. Trata-se de enquadres inspirados nas psicoterapias breves, num quadro que apresenta várias especificidades: possibilidade de utilização da língua materna da mãe, trabalho sobre as representações culturais da criança, elaboração da alteridade da criança secundária à situação migratória (MORO; LACHAL, 2008). Da mesma forma, na pesquisa realizada no Brasil, a participação das mães nos atendimentos foi muito mais frequente do que a dos pais. Diante disso, a figura materna foi percebida como quem traz segurança afetiva, enquanto que a figura paterna foi sentida como frágil e ausente.

Na clínica transcultural, há uma valorização da língua materna, a língua de origem da comunidade à qual a família pertence, e não necessariamente o idioma imposto pela colonização (MORO, 2005). Aqui, o intérprete ganha um valor importante no grupo, pois, além de poder traduzir o atendimento na língua de origem das famílias atendidas, ele, que tem a mesma origem cultural, serve também como uma ponte na compreensão dos signos culturais próprios à cultura materna.

Para Santos e Meneses (2009) a ideia do multiculturalismo pressupõe a presença de uma cultura dominante que aceita, tolera ou reconhece a existência de outras, ao passo que a interculturalidade pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para o enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilhem do mesmo espaço cultural. Embora se considere que atingir o objetivo intercultural citado pelos autores seja um tanto utópico, já que se reconhece que aspectos de discriminação e racismo são estruturais à nossa sociedade, considera-se que aspectos como a valorização da língua materna e as diferentes origens dos terapeutas participantes podem caminhar no sentido desse conceito.

No Brasil, durante o acolhimento, embora não tenhamos ido tão longe ao ponto de trabalhar com as línguas de origem, percebemos que a nossa abertura para o espanhol e francês já foi de grande valia. Percebeu-se que a simples opção dada às famílias de falar em seus idiomas aproximava e auxiliava no desenvolvimento do vínculo de confiança. Havia um incentivo por parte da instituição para que os migrantes aprendessem e falassem português, o

que tem o seu valor, já que essas pessoas buscam agora estabelecer suas vidas aqui, mas, como se justificava na clínica transcultural, há termos e sentimentos que não podem ser traduzidos e somente poderão ser expressos dentro daquele contexto.

Houve, ainda, uma facilidade trazida pelas próprias famílias atendidas no nosso país, pois, no momento, habitavam a instituição de acolhimento famílias originárias de países de língua portuguesa, espanhola e francesa. Caso a realidade fosse outra, precisaríamos do intérprete para a efetivação da pesquisa, e isso foi pensado previamente. Tal realidade só aponta para a necessidade de se instrumentalizar e formar o intérprete para trabalhos como esse.

Em relação, ainda, às línguas maternas, Rezzoug, Plaën, Bensekhar-Bennabi e Moro (2007) apontam as dificuldades encontradas pelas crianças migrantes em relação ao bilinguismo, visto muitas vezes como um problema pelas escolas, que o relacionam a transtornos de linguagem e dificuldades de aprendizagem. Assim, é possível identificar as dificuldades específicas com que se deparam os filhos dos migrantes, que frequentemente cessam toda expressão da fala assim que são imersos em um ambiente linguístico diferente do de origem, o que traz a noção, segundo as autoras, de um mutismo extrafamiliar.

Importante citar que, durante os atendimentos observados na clínica transcultural francesa, eram os pais os que com mais frequência precisavam do intérprete. As crianças e os adolescentes geralmente dominavam a língua francesa, já que lá a experiência se deu com famílias que viviam na França há anos, sendo que muitas dessas crianças e adolescentes já haviam nascido na França. Muitas vezes, eles não se identificavam com o idioma do país de origem dos pais, não o conhecendo profundamente, e isso trazia sérias limitações no que se refere às interações familiares.

No trabalho com crianças e adolescentes da segunda geração de famílias migrantes, nascidos na França, Moro (2006) observou que, muitas vezes, os pais, que efetivamente fizeram a viagem, aceitam o lugar de imigrantes, mas seus filhos não se identificam com tal estereótipo, o que pode trazer conflitos familiares importantes. A viagem dos pais é algo posto na vida dessas crianças, bem como na história de suas famílias, mas elas buscam o caminho da mestiçagem, ou seja, de se inscrever no mundo do país de acolhimento.

Importante citar que, tal qual ocorreu na pesquisa brasileira, era comum escutar das pessoas atendidas que elas buscaram migrar para um país no qual se sentissem à vontade com os costumes e idioma. Também aconteceu, algumas vezes, de pessoas de origens africanas se sentirem identificados com a pesquisadora estagiária, dizendo que ela entendia como eles se sentiam, já que, no Brasil, havia muitas pessoas das mesmas origens que eles. Tais observações

reforçam as ideias de Weil (2001/1949), que coloca o enraizamento, ou seja, a necessidade de se sentir parte, como uma das mais importantes necessidades humanas.

A partir das experiências acima citadas, reforça-se a necessidade de que as intervenções do terapeuta sejam subsidiadas pelo conceito de contratransferência cultural de Devereux (1999/1967). Em relação a esse conceito, Moro e Lachal (2008) destacam que é importante levar em consideração as reações do terapeuta que vive uma determinada cultura, que encontra um paciente de outra cultura e vive uma relação com ele. Essas reações abarcam aspectos sociais, políticos e da história pessoal do terapeuta. Será importante desalojá-las e, para isso, ele precisará primeiro reconhecê-las e elaborá-las, como parte integrante do dispositivo clínico.

Nesse sentido, recorda-se que, logo que iniciamos o contato com a Profa. Dra. Marie Rose Moro para coorientar este trabalho, ela acolheu muito bem a proposta, afirmando, porém, que seria sempre importante lembrar que não era preciso ir para a França para se estudar a migração, já que o Brasil é um país de diversidade cultural e fluxos migratórios internos intensos, com destaque às culturas indígenas. Aqui retomam-se os trabalhos anteriormente realizados por Tardivo (2004; 2007), autora que difundiu o uso da técnica também com populações de grupos culturais variados, tais como os adolescentes indígenas de São Gabriel da Cachoeira e os indígenas Guarani Mbya de São Paulo, como descrito por Tardivo, Vizzotto, Bonfim e Arias (2012) e pela própria pesquisadora (ARIAS, 2008), afirmando que esses são importantes estudos com aspecto transcultural, realizados com populações essencialmente brasileiras.

Em relação, ainda, à diversidade cultural, Moro (2006) define mestiçagem como a assimilação das pertencas múltiplas, que não dependem apenas de fatores biológicos, geográficos e geopolíticos, mas que se relacionam às experiências íntimas e afetivas, compostas das mesmas questões que aparecem na clínica psicanalítica em geral. Nesse sentido, as crianças não se inscrevem apenas na história das transmissões familiares verticais, mas buscam também reescrever suas próprias histórias, podendo, por um lado, honrar a história de luta de seus familiares e, por outro, desenvolver processos menos salutares, mais relacionados à pulsão de morte do que à pulsão de vida. A mestiçagem estaria ligada à pulsão de vida em suas múltiplas formas, em que elas mesmas seriam representantes e inventoras de novas formas de viver.

A observação da autora citada – sobre as questões trazidas serem compostas das mesmas questões que aparecem na clínica psicanalítica em geral – também pode ser encontrada na pesquisa realizada no Brasil, conforme discutido na síntese dos casos atendidos. Assim, vê-se a necessidade de se inscrever a experiência da migração em um psiquismo em formação e de compreender qual o significado que aquele sujeito vai dar para essa experiência em sua vida.

Falamos aqui, portanto, de um processo de ressignificação que sofre influências sociais ou grupais, mas que é essencialmente individual.

A proposta de estudo da presente pesquisa valorizava a compreensão da experiência de migração da criança e, por isso, se pensou no esquema de atendimento individual, e não familiar, como observado na França. Faz-se importante destacar que, mesmo assim, buscou-se pautar nosso raciocínio em relação ao desenvolvimento das crianças nos estudos da parentalidade e compreender sua inscrição num grupo familiar (BORGES et al, 2018). Voltaremos a esse ponto no próximo capítulo, que busca integrar todos os resultados vistos na presente pesquisa numa análise mais abrangente.

4.2. ANÁLISE FINAL: INTEGRAÇÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa possibilitou observações sobre um fenômeno múltiplo da migração e refúgio, reflexões sobre as técnicas de atendimento voltadas para a população migrante em situação de acolhimento, bem como permitiu compreender um pouco mais sobre os aspectos psicodinâmicos da migração.

4.3.1. Acolhimento psicológico nas situações de migração e refúgio

No que tange às técnicas de atendimento das pessoas em situação de migração e refúgio, acredita-se que os resultados deste trabalho apontam para a importância do apoio psicológico no acolhimento inicial dos migrantes, a fim de agir num âmbito preventivo e facilitar o processo de migração. O método utilizado permitiu a valorização da escuta psicológica, sem impor formatos rígidos de coleta de dados, o que sustentou os encontros. Em relação ao enquadre proposto para os atendimentos realizados, percebeu-se que o formato dos encontros terapêuticos, construídos ao longo da pesquisa, foi adequado por permitir que os sujeitos fossem escutados e ajudados diante do que necessitavam e podiam suportar naquele momento. Assim, relembremos que Knobel (1991) fala da importância das técnicas de psicoterapia breve, mesmo quando aplicadas em atendimentos únicos, como acontece em boa parte das situações de emergência ou nas quais a própria situação impõe a possibilidade de um limite não muito claro no número de encontros.

Dessa forma, a atuação numa casa de acolhida, do tipo casa de passagem, se mostrou como uma das situações nas quais não se tem a possibilidade de se estabelecer um limite muito claro no número de encontros. O projeto de pesquisa pensado inicialmente previa encontros

onde pudéssemos realizar uma devolutiva à família atendida e, ainda, uma fase posterior, na qual convidaríamos pais e filhos para participarem de oficinas terapêuticas. Já nos primeiros casos, porém, esse modelo se mostrou pouco eficiente, já que não foi possível trabalhar algumas necessidades de devolutivas – por parte dos participantes e da pesquisadora. Por isso, a proposta de Knobel (1991), que propõe atendimentos estruturados como únicos, com começo, meio e fim, mesmo que venhamos a encontrar o paciente mais de uma vez, se mostrou adequada para a construção do método de pesquisa aqui proposto.

Aos que criticam o modelo como limitado, Knobel (1986) relata que tal trabalho exige a renúncia à onipotência terapêutica do profissional:

“...tenhamos que nos limitar a uma mera ajuda, a um simples aliviar ou até, às vezes, a um promover ou estimular reestruturações mais “sadias” da personalidade. Para deixar de ser um mestre condutor, curador da alma humana, e passar a ser um simples interlocutor devidamente treinado para ajudar, aliviar e às vezes conseguir que uma pessoa *se cure...*” (p. 49).

Diante disso, foi importante citar a pesquisadora no método, como participante. Foi a partir da sugestão da banca de qualificação que a pesquisadora pode compreender o seu lugar de observadora, inserida na relação terapêutica, que viu um método se construir a partir das necessidades do estudo. Tal como exaustivamente citado no presente estudo, Bleger (1980) descreve a necessidade de incluir o entrevistador (a pesquisadora) no campo e centrar os estudos não só na personalidade do entrevistado, mas também na interação entre os participantes (entrevistador e entrevistado), no processo de comunicação que ocorre a partir da projeção, introjeção, identificação, etc., e nas ansiedades que emergem do encontro. Nesse sentido, buscou-se oferecer acolhimento psicológico aos participantes a partir de uma postura inspirada principalmente pelo conceito bioniano de *rêverie*, tentando, assim, tal como descreve Ferro (1995), acolher, tornar pensáveis as angústias e metabolizar o material das identificações projetivas dos participantes.

Aqui se ressalta, portanto, o valor da entrevista psicológica, que, segundo Bleger (1980), se dá numa relação humana, na qual a escuta oferecida já é, por si, interventiva. Segundo o autor, nenhuma situação pode apreender a totalidade do repertório de condutas de uma pessoa, portanto, nenhuma entrevista pode esgotar a personalidade de um paciente, mas somente um segmento da mesma. Assim, a entrevista não pode suprir o conhecimento e a investigação de caráter mais extenso e profundo, como um tratamento psicanalítico por exemplo, porém, este não pode prescindir da entrevista.

Durante toda a execução desta pesquisa, buscou-se ressaltar que a tentativa de valorizar o aspecto da escuta e da observação permeou o estudo, por considerar-se que são importantes ferramentas na realização de estudos desta natureza. A observação, em especial, serve ao fomento da indagação e formação de ideias (HAYMAN, 1973), para se refletir sobre técnicas de atendimento voltadas para pessoas que vivem códigos culturais tão diversos – só assim se poderá entrar no vínculo sem impor o nosso modelo pré-estabelecido.

O emprego de tal técnica no acolhimento de pessoas migrantes e refugiadas foi importante, pois a escuta oferecida pôde agir como elemento organizador, ou seja, permitir ao sujeito que integre aspectos dissociados da sua própria história, para que, assim, ele possa dar continuidade ao desenvolvimento de sua vida e do processo de adaptação ao país de destino.

A entrevista psicológica se mostrou, então, eficaz no que se refere ao estabelecimento de um vínculo de confiança e acolhimento. Aqui cabe a discussão de uma escuta compreensiva que agregue os aspectos culturais do migrante. No caso da presente pesquisa, destaca-se que a simples abertura para se utilizar a língua do país de origem da família atendida quando necessário, foi um elemento que permitiu uma mudança de postura e o favorecimento de um *rapport* que facilitou o vínculo. Tal fator foi observado principalmente nas entrevistas com os pais, mas também pôde-se destacar o seu valor nos encontros com as crianças, tal como ilustrado no caso de Iago (que, das crianças estudadas, era a que menos falava português) e no caso de Christine (com a qual o simples cumprimento no idioma do seu país permitiu que a criança se abrisse um pouco mais ao vínculo, ainda que timidamente).

Na presente pesquisa não tivemos a possibilidade de aprofundar o uso da língua materna, tal qual nos estudos de Rezzoug, Plaën, Bensekhar-Bennabi e Moro (2007), que discutem o tema ainda mais profundamente, tratando do fato de que há uma necessidade de valorização da língua materna dessas famílias. Porém, a abertura oferecida para se incluir os idiomas de origens dos participantes na entrevista, conforme fosse necessário e caso fosse possível, pôde abrir espaço para discussões que fomentam o direito ao bilinguismo nos países de acolhimento, principalmente no que se refere aos serviços de assistência, saúde e educação.

Na presente pesquisa, a utilização do idioma de origem teve mais a função de aproximar, de favorecer o vínculo terapêutico, do que de propiciar uma comunicação direta, já que os participantes falavam português ou um idioma próximo, como o espanhol. Nesse caso, fez-se uma mistura, “*un mélange*”, que deu certo. Porém, caso houvesse a participação de pessoas falantes de idiomas mais distantes, seria necessário o trabalho do intérprete, tal qual ocorre na clínica transcultural francesa, conforme apresentado no capítulo anterior (MORO, 2005; MORO; LACHAL, 2008). Tal fator estava previsto e havia sido discutido com a gestora da

casa de acolhimento com a participação dos próprios educadores, que fazem o trabalho de intérpretes na instituição. Porém, durante o período de coleta de dados, não havia ali famílias com filhos na idade de participação que tivessem origens que tornassem esse trabalho necessário. Sob esse aspecto, se faz importante a capacitação e preparo de profissionais da área para trabalharem como intérpretes. Embora não seja propício o aprofundamento desta discussão no momento, sabe-se que o problema da língua se refere a problemas educacionais mais amplos no nosso país, e atinge a sociedade brasileira como um todo.

A proposta de estudo da presente pesquisa valorizava a compreensão da experiência de migração da criança e, por isso, se pensou no enquadre de atendimento individual, e não no familiar, como observado na clínica transcultural francesa, descrito no capítulo anterior. Sob este aspecto, Moro e Lachal (2008) afirmam que o enquadre grupal, embora bastante difundido na área, deve ser usado apenas se necessário, já que os pressupostos da área não se resumem a esse dispositivo. Por isso, faz-se importante destacar que, mesmo realizando atendimentos individuais, buscou-se considerar o desenvolvimento das crianças pautado nos estudos da parentalidade e inscritos num grupo familiar, como sugerem Borges, Peirano e Moro (2018).

A utilização dos desenhos e entrevistas psicológicas nos primeiros atendimentos psicológicos oferecidos aos participantes auxiliou no estabelecimento do vínculo, bem como permitiu que eles pudessem simbolizar aspectos das suas histórias. Os desenhos, mais especificamente o Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias, já haviam se mostrado profícuos na mediação do contato com participantes oriundos de grupos culturais específicos em pesquisa anterior, em que se estudou a percepção de crianças indígenas Guarani Mbya sobre as relações familiares, na qual a língua também era entrave em algumas ocasiões. Naquela pesquisa, os desenhos puderam facilitar o estabelecimento do vínculo (ARIAS, 2008), e outras pesquisas realizadas no mesmo contexto podem ainda ser citadas, tais como Bonfim (2010) e Tardivo (2004; 2007).

Da mesma forma, pôde-se perceber que o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema se mostrou adequado para a presente pesquisa devido principalmente a dois importantes aspectos. Primeiramente, por ser uma técnica projetiva pouco estruturada, possibilitando que o participante se expressasse dentro de suas particularidades afetivas e culturais no campo das relações emocionais que emergia naquele momento. Outro aspecto, não menos importante, seria que a proposta do tema, aplicado à própria experiência da viagem ao Brasil, permitisse situar a experiência clínica numa parte do campo que dizia respeito à simbolização da migração e da pessoa migrante para os próprios participantes.

Embora o tema proposto tenha sido o desenho de uma criança que veio morar no Brasil, não se teve a pretensão de utilizar os desenhos na detecção de traumas relacionados à migração, mesmo porque isso não seria condizente com a abordagem teórica na qual este estudo foi pautado. Acredita-se que a utilização dos desenhos-estórias permite abordar a temática, porém, a partir do recorte que o sujeito possa fazer naquele momento. Nesse sentido, Ferro (1995) afirma que o desenho permite a “presentificação” de movimentos emocionais do par, e, quando se derruba a ilusão de poder encontrar imediatamente o ponto de emergência da angústia, o terapeuta pode construir todos os desenvolvimentos narrativos possíveis junto ao paciente. O autor considera, portanto, o desenho como algo que remete ao funcionamento mental do par naquele momento, o que é um ponto de partida seguro para a busca de soluções criativas e transformadoras para o par. Assim, o desenho é considerado como uma síntese do funcionamento do par, ou seja, da dupla terapêutica naquele momento, funcionamento esse que pode mudar e se transformar continuamente.

Ferro (1995) afirma, ainda, que o desenho deve ser considerado como uma representação do tipo das relações presentes no mundo emocional da criança, numa certa medida aproximando-se também da sua realidade externa. Em relação a esse aspecto, lembramos que Moro e Lachal (2008) chamam atenção para o fato de que muitos têm dificuldades para falar sobre a experiência da migração em seus diferentes aspectos – causa da migração, possíveis traumas ou dificuldades na viagem, história de vida no país de origem. Por isso, a proposta dos desenhos livres e desenhos temáticos pode ajudar a abordarmos indiretamente o objeto.

Em pesquisa anterior (VIZZOTTO; BONFIM; HELENO; ARIAS, 2012), falou-se sobre o uso dos desenhos-estórias para facilitar a entrevista de crianças em situação de violência doméstica. Ressaltou-se a recomendação de que o tema da violência não fosse abordado em perguntas diretas, sendo que tais verbalizações deveriam acontecer apenas se a criança desejasse. Da mesma forma, Moro e Lachal (2008) chamam atenção para a necessidade de cuidado com as questões a serem colocadas na entrevista com os migrantes, assim como a seus códigos sociais de hierarquia familiar, etc. A fala sobre o tema deve vir do outro, não sendo trabalho da clínica transcultural insistir apenas no assunto migração.

O trabalho aqui realizado com as crianças parte da ideia de encontros brincantes, trazida por Aiello-Vaisberg (1997, 2003). Segundo a autora, investigações científicas dessa natureza se organizam mediante os encontros inter-humanos e são eles que ditarão os passos a serem seguidos. Durante tais encontros, pesquisadores obtêm material clínico, e os participantes podem ser prontamente beneficiados. Esse material também pode emergir a partir da proposta

do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, pois a autora considera que o uso de uma técnica projetiva deve ser vivido como um acontecimento lúdico, como uma “forma sofisticada de brincar”.

Compreende-se, assim, que a própria proposta de pesquisa baseada nos estudos de caso traz uma questão metodológica importante a ser discutida, que é a da padronização dos procedimentos de pesquisa. Moro e Lachal (2008) dizem, em relação às indicações psicoterapêuticas psicanalíticas para o atendimento de crianças, que elas devem ser refletidas da seguinte forma: “como as crianças não são todas as mesmas, o método não pode ser padrão” (p. 93). Os autores ressaltam, ainda, que, no trabalho com crianças, os mediadores são importantes. No caso da presente pesquisa, os jogos, os desenhos livres e temáticos e a própria atitude lúdica da pesquisadora tiveram esse papel.

A atitude lúdica é definida por Trinca (2012) como uma disposição mental que tem como paradigma o brincar da criança, algo que frui na entrega aos relacionamentos, entretenimento e divertimento. A atitude lúdica do psicoterapeuta está, portanto, presente não apenas quando se propõe uma brincadeira estruturada, mas permeia o encontro terapêutico, como uma forma de linguagem e relação (AFFONSO 2012; KLEIN, 1969/1932). Em alguns casos da presente pesquisa, principalmente de crianças mais novas como Adofo e Iago, aparece mais concretamente a proposta do brincar, do jogo, da encenação de histórias. Mas também nos outros casos, como, por exemplo, o de Gabriela, que encontramos no espaço de TV da instituição pintando as unhas com esmaltes coloridos, essa atitude esteve presente.

A interação a partir do brincar, da entrevista e da execução dos desenhos resulta em situações clínicas, a serem consideradas a partir do conceito de campo das relações emocionais. Bleger (1976) considera que o estudo de um fenômeno deve ser feito em função das suas relações em um dado momento. As situações se dão dentro de fenômenos extremamente amplos e, para se estudar esses fenômenos, propõe o conceito de campo, que se refere a um corte hipotético e transversal da situação. Conforme afirma Bonfim (1993), o campo não trata de outra coisa senão a situação total, considerada em um dado momento. Assim, um objeto psicanalítico, tal como nomeado por Baranger (1992) a ser destacado aqui é o próprio encontro com a criança migrante e sua família, que ocorre dentro de uma situação extremamente ampla – que é a própria migração. Não pretendemos, portanto, esgotar essa situação ou abordá-la de maneira total, mas sim, valorizar aquilo que emerge a partir de um recorte do campo, proposto pelos encontros terapêuticos.

Sendo assim, considera-se que, nos atendimentos das crianças, tanto a atividade lúdica, quanto os desenhos compuseram os encontros terapêuticos como mediadores do contato,

possibilitando, ao mesmo tempo, o processo de avaliação e intervenção proposto por Tardivo (2004; 2007; 2013), bem como por Trinca (1986), no qual buscamos ter uma visão global do paciente e intervir na medida em que é possível. Para Trinca (1986), o diagnóstico deve ser abrangente e ser realizado a partir de uma perspectiva nosológica, ou seja, que inclui os fatores estressantes e os acontecimentos vitais de nosso existir cotidiano, e não apenas nosográfica, a qual parte simplesmente da descrição da patologia. Assim, todas as experiências emocionais das pessoas migrantes e refugiadas são importantes, e não apenas os sintomas psicopatológicos que venham a desenvolver.

4.3.2. A experiência emocional da migração e refúgio: os casos observados

A pesquisa com estudos de caso tem o aspecto de olhar para cada participante de maneira única, compreendendo suas características únicas – cada sujeito é inédito. Por isso, é difícil integrar resultados advindos de pessoas tão diferentes, como as aqui estudadas. Apesar disso, parte-se de aspectos universais, advindos de uma leitura psicanalítica dos fenômenos observados. Além disso, na presente pesquisa houve a tentativa de integrar o pensamento transcultural, que valoriza o fato de que os conceitos psicanalíticos universais são vividos por cada um a partir de particularidades culturais (MORO, 2005). Por isso, se faz importante, neste tópico, a integração de algumas características relevantes observadas nos casos estudados.

No encontro com o terapeuta, a criança busca expressar, a partir do brincar, suas fantasias de enfermidade e seus desejos de cura (ABERASTURY, 1982). Nesse sentido, a terapeuta fez parte dessas projeções, principalmente assumindo um lugar de cuidado. As crianças manifestaram suas necessidades de apoio para se integrar (TARDIVO, 2012). Isso foi expresso de diferentes formas pelos participantes, tal como incluindo a pesquisadora diretamente na história como personagem, como fez Iago ou, ainda, quando solicitaram ajuda para produzir a bandeira do Brasil, como Gabriela e Andrew. Tal interação também aparece no caso de Adiel, quando ele modifica o desenho a partir das perguntas da pesquisadora, e no caso de Adofo, em que tanto o desenho quanto a história parecem ganhar mais ação a partir do diálogo com a pesquisadora. A interação está presente de maneira ainda mais direta no caso de Christine, quando desenham juntas. A pesquisadora, aqui, apareceu como um apoio no processo de elaboração de questões relacionadas aos conflitos psíquicos pré-existentes, bem como aos relacionados ao processo de mudança e adaptação ao país de destino, sendo incluída como aquela que conhece o idioma, a bandeira e os costumes do Brasil.

É importante citar que se pode perceber que os participantes vivem a história da migração a partir dos recursos psíquicos que possuem, ou seja, a história da migração se

inscreve numa vida psíquica já existente, no desenvolvimento de uma personalidade que já está em andamento. A fala de Itzae, mãe de Iago, é uma importante representante disso: “para se compreender a situação do filho, seria necessário conhecer toda a história dele”. Nesse sentido, ressalta-se a importância destacada por Galina, Silva, Haydu e Martin (2017) das pesquisas sobre saúde mental de migrantes e refugiados considerarem os eventos pré e pós-exílio, e não apenas os desafios encontrados no país de destino, ou considerar de antemão a existência de sintomas de estresse pós traumático e depressão como consequência da migração, tal como descrito por Jibrin (2017) e Knobloch (2015). Ousa-se incluir, nessas experiências, as que aconteceram durante a viagem, já que, em muitos casos, os caminhos percorridos pelos refugiados para chegar ao país de destino são sabidamente tortuosos.

Nos estudos de caso percebeu-se a representação de aspectos de uma ruptura e de diferentes formas de se vivenciar os lutos advindos do processo de migração. Em alguns casos há a presença de defesas paranóides, que visam afastar os objetos maus e ameaçadores, projetando no país de acolhimento os objetos bons, num eventual processo de idealização. Aqui, se faz importante que a atuação do psicólogo e de demais profissionais que atuam no acolhimento dessas famílias seja efetivada, a fim de favorecer que a criança e a família possam integrar, aos aspectos bons, também as dificuldades e desafios impostos no ato de viver num novo país, tal como ilustrado no caso de Adiel “eles vão ficar com a vida boa, feliz. Mas vão ter problemas também”.

É necessário, também, integrar os vários aspectos das casas que foram representadas pelos participantes nessa pesquisa. A casa que tinham no país de origem, a casa de acolhimento, a casa que estão procurando no Brasil. A casa, ainda, como própria representação dos países de origem e de acolhimento. De qualquer maneira, a casa pode ser vista como uma representante simbólica da morada. Autores clássicos como Hammer (1991) e Buck (2009) se referem à casa tanto como a morada do eu, representada pelo corpo, quanto a morada nas relações familiares. Neste estudo, pôde-se complementar essa ideia, pensando na morada como símbolo de pertença e enraizamento, tal como se refere Weil (2001/1949), ao país de origem e de acolhimento. Ainda em relação à presença da casa em estudos desta natureza, Grubits (2003) relata que as pesquisas conduzem à reflexão dos desenhos da casa, sempre presente nos desenhos infantis, como expressão de aspectos culturais, sociais e psicológicos vivenciados pelas crianças.

A família apareceu como importante elemento nas produções da criança. Importante pensar o papel de transmissão da família como um elo entre a cultura de origem e a adaptação ao país de destino, um elemento de fixação identitária. Borges, Peirano e Moro (2018) falam sobre a importância da família como elo de transmissão da cultura de origem à criança. Porém,

relatam que a migração e o desenraizamento podem implicar perdas de raízes ligadas às tradições, deixando as famílias sem sua bagagem interpretativa necessária à leitura cultural dos sofrimentos psíquicos e físicos de seus filhos. Por isso, ressalta-se, aqui, a importância do apoio psicológico para a família como um todo.

Percebeu-se a importância da figura da mãe e, mais especificamente, da relação materno-filial no recorte dos casos aqui atendidos. É importante considerar que, com exceção do caso de Andrew, participaram da pesquisa apenas mães e filhos, seja por terem viajado sozinhas com seus filhos, seja porque os pais não aceitaram o convite para participar da pesquisa. O que pode denunciar que a mãe é vista como a cuidadora, aquela que pode proteger a criança, fato que, por um lado, pode trazer segurança e estabilidade nesse processo de mudança de país, mas que também pode reforçar os aspectos simbióticos dessa relação. Lembra-se, ainda, que na relação simbiótica, a criança também tem o papel de sustentar afetivamente a mãe.

A ausência paterna e a necessidade de inclusão do pai nos atendimentos psicológicos de crianças não são exclusividades deste estudo. Os resultados mostram que, nas produções das crianças, a figura paterna foi percebida como ausente e frágil. Tal resultado corrobora com o encontrado entre as crianças indígenas Guaranis Mbyas de São Paulo (ARIAS, 2008). Segundo Aberastury e Salas (1984), o pai sentido como ausente ou frágil pode suscitar uma formação superegógica conflituosa, tanto extremamente severa, quanto inexistente, o que pode trazer prejuízos ao desenvolvimento da criança, tais como os sentimentos de insegurança e de falta de orientação. Lembra-se, ainda, de Tardivo (2004, 2007), que encontrou resultados similares dentre os jovens indígenas, destacando que os pais também se sentem perdidos, não conseguindo oferecer aos filhos o cuidado e a sustentação, pois não possuem recursos psicológicos para tal.

Diferente das pesquisas de Moro (2005, 2006b), nas quais as crianças estudadas são da segunda geração das famílias migrantes, já nascidas na França, os casos aqui apresentados se referem às crianças que protagonizaram a viagem. Certamente, este estudo tem seus limites no que se refere à compreensão dos impactos dessa viagem na construção da identidade dessas crianças, o que seria até prematuro, haja vista que essa é uma história que está apenas se iniciando. Porém, compreender como essas crianças e seus familiares vivenciaram esse momento de migração tem caráter preventivo e pode auxiliar o processo de mestiçagem, ou seja, de construção de pertencimentos múltiplos (MORO, 2006b), que se inicia.

Conhecer o trabalho da clínica transcultural francesa fez surgir, ainda, uma reflexão sobre a existência de déficits na rede de acompanhamento das famílias de migrantes no Brasil,

do ponto de vista social, e a falta de serviços de saúde especializados em atender essa demanda. Atualmente, no Brasil parece que os esforços se encerram no acolhimento e adaptação das pessoas migrantes, ou seja, no momento presente. Porém, pôde-se observar, na França, que muitas vezes os problemas continuam ou se manifestam por anos ou até em gerações posteriores. Isso aponta para uma descontinuidade das políticas públicas, que faz com que o trabalho seja principalmente voltado para o aspecto assistencialista, pois ressalta a ajuda de que essas pessoas precisam, devido à situação de vulnerabilidade social no momento de chegada ao país.

Nesse sentido, retomam-se as reflexões de Freud (1985) acerca da ação do tempo no processo de formação de um sintoma. O autor afirma que a memória é um conjunto complexo de sintomas que vão se formando ao longo do tempo. Trata-se de uma vivência em que o novo e o antigo – o trauma e o traço mnésico – se articulam na elaboração do sintoma, portanto, nem todo sintoma se desenvolve já no momento do trauma.

Os estudos de caso realizados no Brasil tratavam, no momento do atendimento, de uma experiência com aspectos presentes, relacionada à migração atual. Aqui, se ressalta a importância do acolhimento eficiente, porém, os cuidados com esses sujeitos não podem se encerrar por aí. São necessários investimentos tanto no acompanhamento dos egressos de tais instituições, quanto o fomento do desenvolvimento de pesquisas e serviços de saúde capacitados para pensar e atender o fenômeno da migração em longo prazo, favorecendo a saúde psicológica e o processo de construção da identidade das pessoas migrantes.

Encontra-se, no processo de construção identitária dessas crianças, segundo Moro (2006), a questão das diferenças e, mais precisamente, da alteridade. Essas diferenças precisam ser compreendidas e aceitas no que se refere, portanto, ao acolhimento na escola, nos sistemas de saúde e nos locais de moradia, ou seja, em toda a sociedade que as recebem. Senão, as reações frente às diferenças poderão ser de racismo e intolerância. A diversidade cultural deve ser coletivamente valorizada.

Com a ocorrência dos diferentes tipos de migração, tanto as identidades das pessoas que migram, quanto dos locais de destino, se modificam. Moro (2006a) ressalta que tais modificações acontecem num processo que pode ser muitas vezes doloroso, mas que também tem seu potencial criativo. Juntas se constroem as mestiçagens, ou seja, as pertencas múltiplas dos indivíduos e dos grupos. Diante disso, retoma-se uma das justificativas para a realização desta pesquisa, abordada no capítulo de apresentação, referente ao alto índice de diagnósticos de autismo entre as crianças migrantes. Reforça-se, portanto, que, no contexto de um país

diverso como o Brasil, a capacitação dos profissionais de saúde e educação para atenderem tal demanda deve ser considerada de extrema necessidade.

Destaca-se, ainda, o contexto de temor quanto às discriminações e violências destacadas pelos participantes, em especial pelas mulheres. Faz-se importante ressaltar o caráter interseccional de suas vivências, a partir do qual se cruzam diferentes marcadores da discriminação, tais como a questão do gênero, de ser negra e migrante. Sob este aspecto, Fogliatto (2022) alerta que, para se analisar as experiências das mulheres migrantes, não basta pensar nelas apenas a partir da condição de migrantes, mas sim, considerar o caráter interseccional de suas experiências. A autora ressalta a importância de não reduzir essas mulheres a seus marcadores identitários, mas sim, de considerá-los, a fim de defender que suas vivências sejam compreendidas de maneira mais completa.

Nesse sentido, Knobel (1991) lembra o compromisso social dos profissionais que exercem psicoterapia, e ousa-se complementar que esse compromisso deve se estender a todos os profissionais de saúde. O autor relata que é absolutamente necessário que aqueles que exerçam atividades no campo da psicoterapia tenham consciência do seu lugar na sociedade, assim como do lugar daqueles que o consultam. “O terapeuta (...), concentrado tão só (...) com o que se pode denominar mundo interno de um doente é, ao meu critério, uma caricatura do psicanalista que Freud descrevia como ideal...” (KNOBEL 1991, p. 193). Compreende-se, portanto, que a atuação numa Psicologia Clínica bem feita sempre estará atrelada a compreensão do contexto sócio-político na qual se insere.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que os objetivos do presente estudo foram contemplados, uma vez que, em primeiro lugar, foi possível conhecer a experiência emocional das crianças migrantes e refugiadas estudadas e, ainda, a dos seus familiares. Observou-se que a relação com a experiência da migração se mistura a história de vida e com os recursos psíquicos prévios dos participantes. Nessa experiência, se misturam os afetos relacionados à expectativa e à esperança e, também, às angústias decorrentes do rompimento com uma realidade conhecida. No presente estudo, as experiências de migração e refúgio foram vivenciadas como uma situação de crise, para a qual são instaladas as tentativas da elaboração de lutos.

No encontro com a terapeuta, as crianças buscaram expressar, a partir do brincar, suas fantasias relacionadas aos conflitos e dificuldades e seus desejos de serem cuidadas. Nesse sentido, a pesquisadora fez parte dessas projeções, principalmente assumindo um lugar de cuidado, de modo que as crianças manifestaram suas necessidades de apoio para se integrar. Isso foi expresso de diferentes formas pelos participantes, tal como com a inclusão da pesquisadora diretamente como personagem das histórias criadas, ou, ainda, quando solicitaram ajuda, como, por exemplo, para produzir a bandeira do Brasil.

As crianças estudadas mostraram preocupações com suas famílias e desejos de uni-las, muitas vezes se responsabilizando pelo apoio afetivo dos pais. Percebeu-se a importância da figura materna, no que tange à segurança afetiva. Já a figura paterna foi vista como frágil e ausente. Diante disso, ressalta-se a necessidade do acolhimento psicológico também desses pais, para que eles possam desenvolver recursos psíquicos que auxiliem no desenvolvimento de seus filhos. Esses pais são, muitas vezes, as pontes mais próximas que ligam essas crianças à cultura do país de origem e ao país de destino. A articulação entre essas diferentes pertencas também se faz importante no desenvolvimento da identidade e do enraizamento.

Conforme anunciado anteriormente, os participantes demonstraram que vivenciam a história da migração a partir dos recursos psíquicos que possuem, ou seja, a história da migração se inscreve numa vida psíquica já existente, no desenvolvimento de uma personalidade que já está em andamento. Nesse sentido, ressalta-se a importância de que as pesquisas sobre saúde mental de migrantes e refugiados considerem a interlocução entre os eventos prévios à migração e os pós-migratórios, e não apenas os desafios encontrados no país de destino. Ousa-se incluir a essas experiências as que aconteceram durante a viagem, já que, em muitos casos, os caminhos percorridos pelos migrantes e refugiados para chegar ao país de destino são sabidamente tortuosos. Da mesma forma, percebeu-se a importância de que se possa olhar para as pessoas

em situação de migração de uma maneira abrangente, considerando suas próprias características culturais como forma de dar sentido para suas experiências emocionais, e não apenas enquadrar suas vivências em quadros psicopatológicos impostos.

Em relação ao acolhimento psicológico oferecido, o enquadre de encontros terapêuticos se mostrou adequado, por permitir que os sujeitos recebessem escuta e acolhimento psicológico na situação de crise, ou seja, no início da estadia no Brasil. Os estudos de caso realizados no Brasil tratavam, no momento do atendimento, de uma experiência com aspectos presentes, relacionada a uma migração atual. Aqui, ressalta-se a importância do acolhimento eficiente, porém, os cuidados com esses sujeitos não podem se encerrar por aí. São necessários investimentos tanto no acompanhamento dos egressos de tais instituições, quanto o fomento do desenvolvimento de pesquisas e serviços de saúde capacitados para pensar e atender o fenômeno da migração em longo prazo, favorecendo o desenvolvimento da saúde psicológica e o processo de construção da identidade das pessoas migrantes.

Nesse sentido, conhecer o trabalho da clínica transcultural francesa fez surgir a reflexão sobre a existência de déficits na rede de acompanhamento das famílias de migrantes no Brasil, do ponto de vista social, ou, ainda, a falta de serviços de saúde especializados em atender essa demanda. Atualmente, no Brasil, parece que os esforços se encerram no acolhimento e adaptação das pessoas migrantes, ou seja, no momento presente. Porém, pode-se observar, na França, que muitas vezes os problemas continuam ou se manifestam anos ou até gerações depois. Isso aponta para uma descontinuidade das políticas públicas, que faz com que o trabalho seja principalmente voltado para o aspecto assistencialista, pois ressalta a ajuda que essas pessoas precisam, devido à situação de vulnerabilidade social no momento de chegada ao país. Num país como o Brasil, de extensão e diversidade cultural ímpar, no qual os fluxos migratórios internos também são intensos, o desenvolvimento de pesquisas que considerem o pensamento transcultural, bem como a capacitação dos profissionais de saúde e educação para atenderem tal demanda, deve ser considerado como fundamental.

A experiência do estágio realizado na clínica transcultural francesa, relatada na presente pesquisa, auxiliou no aprofundamento do estudo do fenômeno transcultural, que considera as pertencas múltiplas do sujeito e tenta acolhê-lo a partir da valorização da sua realidade cultural. Além disso, o relato do estágio possibilitou a reflexão mais profunda sobre as técnicas de acolhimento psicológico nas situações de migração, contribuindo para a discussão crítica dos casos brasileiros.

Conforme se pôde compreender coma realização do presente estudo, na experiência da migração, tanto aqueles que migram, quanto o país que os recebe, são modificados. Tais

modificações podem gerar conflitos, mas também trazem a possibilidade da vivência criativa, possibilitada pela troca de experiências. Porém, para que as trocas aconteçam, será necessário que pessoas de diferentes origens sejam aceitas da mesma forma, tentando-se afastar da hierarquia imposta pela valorização de algumas origens, em detrimento de outras. O respeito à alteridade depende da valorização dos aspectos tradicionais das comunidades mais longínquas e desconhecidas. Isso se refere ao respeito às suas formas de ser, de compreender as relações, bem como aos conceitos de saúde e doença próprios a cada cultura. Assim, será possível que as ações de saúde possam ir além do simples ato de enquadrar o material observado aos manuais de descrição de doenças mentais, que, na maioria das vezes, foram descritos para populações específicas, que vivem em condições não condizentes com a maioria da população do globo.

Uma pesquisa dessa natureza leva à reflexão sobre o quão infinitas são as formas de se viver. Situações as mais diferentes possíveis, algumas planejadas e outras não, atravessam a vida das pessoas, causando acentuadas transformações. É fato que experiências como da migração e refúgio causam intensas rupturas, porém, a extensão dos traumas deixados vai depender de uma série de fatores. Tais fatores se referem aos recursos psíquicos que cada sujeito tem para lidar com essas situações, mas principalmente a um acolhimento digno, bem como ao acesso a direitos básicos e intersetoriais, que garantam a dignidade humana, em suas diversas formas de expressão, tais como moradia, trabalho, educação e, sobretudo, ao direito de ser diferente. Respeito às diferentes aparências, religiões, idiomas e outros aspectos culturais. Aqui se retoma o conceito de alteridade, considerado como central nos estudos etnopsicanalíticos. Os aspectos que diferenciam os seres humanos, são, ao mesmo tempo, aqueles que os tornam semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da Criança - teoria e técnica**. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- ABERASTURY, Arminda. In. ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 15-32.
- ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo J. **A Paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- AFFONSO, Rosa M. L. O Brinquedo, sua evolução e seus possíveis significados. In. _____ . (Org). **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 78-101.
- AGUIAR, Fernando. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.39, n.70, p. 105-131, jun. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Documents/Doutorado/epistemo%20e%20metodo%20psicanalise.pdf>. Acesso em 10 set 2017.
- AIELLO-VAISBERG, Tânia M. J. Investigação das representações sociais. In. TRINCA, Walter (Org.). **Formas de Investigação Clínica em Psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias: Procedimento de Desenhos de Família com Estórias**. São Paulo: Vetor, 1997. p. 255 – 288.
- AIELLO-VAISBERG, Tania M. J. Rabiscando desenhos-estórias com tema: pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In. TRINCA, Walter. **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimento e expansões**. São Paulo: Vetor, 2013. p. 277-302.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **“Refugiados” e “Migrantes”:** Perguntas Frequentes, 2016. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, set.-dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129> . Acesso em: 21 out 2018.
- ANTUNES, José Antônio P. J. Refugiados e saúde mental – acolher, compreender e tratar. **Psicologia, Saúde e Doenças**. v. 18, n. 1, Lisboa, p. 115-130, 2017.
- ARIAS, Gleise S.; SIMONI, Milene A.; TORRES, Karoline; NEVES, Yago. J.; BIGOLI, Victor, H. O. Equipe de Saúde Mental no Projeto Canudos 2016: relato de experiência In: XIV Jornada APOIAR: saúde mental e interdisciplinaridade: propostas e pesquisas, 2016, São Paulo. **Anais da XIV Jornada APOIAR: saúde mental e interdisciplinaridade: propostas e pesquisas**. São Paulo: IP/USP, 2016. p.660 – 667 Disponível: https://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK_XIV_JORNADA_APOIAR_IPUSP_2016.pdf . Acesso em 20 jul 2022.

ARIAS, Gleise S. **Psicodinâmica Familiar a partir da Percepção de Crianças Indígenas Guarani Mbya de São Paulo**. 2008. 185p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde), Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

ASSUMPCÃO Jr, Francisco; KUCZYNSKI, Evelin. Transtornos do Humor. In. _____ **Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 329-342.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta G. Refugiados africanos em São Paulo: espaços da migração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. Migrações. Lisboa, III série, ano 24, p. 97-112, 2011. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_livro_migracoes.pdf. Acesso em 21 set 2018.

BARANGER, Willy; BARANGER, Madeleine. **Problemas del Campo Psicoanalítico**. Buenos Aires: Kargieman, 1969.

BARRETO, Luiz Paulo T. F. (Org). **Refúgio no Brasil: proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas américas**. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf. Acesso em: 20 ago 2018.

BEZERRA, Cecília B. **Distantes do Berço: impactos psicológicos da imigração na infância**. 2016. 158p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Filosofia, e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/176662/345646.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 set 2020.

BRANDALISE, Victor Hugo. Autista não: imigrante. In. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 março, 2017. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,autista-nao-imigrante,70001705273>. Acesso em: 20 ago 2018.

BION. Wilfred. R. **As Transformações. Mudanças do Aprender para o Crescer**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. (original de 1965)

BION. Wilfred. R. **Attention and Interpretation**. London: H. Karnac, 1993. (original de 1970)

BLEGER, José. **Psicología de la Conducta**. 7.ed. Buenos Aires: Paidós, 1976.

_____. A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação. In. BLEGER, José. **Temas de Psicologia: entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. **Psico-Higiene e Psicologia Institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BONFIM, TANIA E. O campo emocional na situação psicoterapêutica. **Mudanças: Saúde e Psicoterapia Psicanalítica**. v.1, n. 10. São Bernardo do Campo, SP, p. 55-94, 1993.

BONFIM, Tânia E. **Saúde Mental e Sofrimento Psíquico de Indígenas Guarani-Mbyá de São Paulo: um relato de experiência**. 2010. 192p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica),

Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-28042011-152310/pt-br.php>. Acesso em: 20 jul 2021.

BORGES, Thames W. **O Procedimento de Desenhos-Estórias como Modalidade de Intervenção nas Consultas Terapêuticas Infantis**. 1998. 142p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1998.

BORGES, Thames W.; PEIRANO, Cigala; MORO, Marie Rose. A clínica transcultural: cuidando da parentalidade no exílio. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, p. 149-158, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/XCjZGq353C3B8KgYrTSJpFj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. Organização Internacional para as Migrações, Agência das Nações Unidas Para as Migrações. **Política Nacional de Refúgio Consolidada**. Brasília, 2017. Disponível em: jul 2018. Acesso em: file:///C:/Users/pc/Downloads/Politica_de_Refugio_no_Brasil.pdf

BRASIL. Ministério da Justiça. Comitê Nacional para os Refugiados. **Refúgio em Números**. 3.ed. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf> Acesso em: 20 ago 2019.

BUCK, John N. **H-T-P: Casa-Árvore-Pessoa, Técnica Projetiva de Desenho: guia de interpretação**. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2009.

CALDAS, João M. P.; TARDIVO, L. S. L. P. C.; ALMEIDA, L. M. A quel ?sueño dorado? europeo: los nuevos inmigrantes. In CUMBRE ATLÁNTICA DE PROMOCIÓN DE LA SALUD Y EDUCACIÓN PARA LA SALUD. Experiencias de Promoción y Educación para la Salud de los países Portugal, Cuba y Mexico. **Anais do Cumbre Atlántica de Promoción de la Salud y Educación para la Salud**. 2015. Disponível em: <https://efesalud.com/la-promocion-y-la-educacion-para-la-salud-protagonistas-en-la-primera-cumbre-atlantica/> Acesso em: 02 set. 2022.

CALIL, Regina Célia C.; ARRUDA, Sérgio Luis S. Discussão da pesquisa qualitativa em ênfase no método clínico. In. GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Ángel V. **Método Qualitativo: Epistemologia, Complementaridades e Campos de Aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 173-214.

CAPLAN, Gerald. **Princípios de Psiquiatria Preventiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº10/2012**. Pesquisas em Psicologia. Brasília, 2012. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/resolucoes/resolucao-no-102012/>. Acesso em: 21 set 2018.

CORREA, Olga B. R. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 35-45, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/H75VPQqNGChsyHwFM5xXqBQ/?lang=pt>. Acesso em: 20 mai 2019.

COSTA, JAKELINE DE SOUZA. **A Construção da Identidade da Criança Síria Refugiada em Campo Grande/Ms: Contribuições da Psicologia Ambiental**. 2019. 162f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1027471-jakeline-de-souza-costa-2019-final-compressed.pdf>. Acesso em 01 set 2022.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DAMINI, Eduardo M.; AVOGLIA, Hilda R. C. Adolescente e migrante: um estudo sobre a construção da identidade. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 38, n. 95, p. 259-265, 2018.

DANTAS, Sylvia. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, v.114, p. 55-70. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

DEVEREUX, Georges. **Essais d’Ethnopsychiatrie Générale**. Paris: Gallimard, 1970.

_____. **Ethnopsychanalyse Complémentariste**. Paris: Flammarion, 1972.

_____. L’Ethnopsychiatrie. **Etnopsychiatria**, Grenoble, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1978.

_____. **De la Ansiedad al Método em las Ciencias del Comportamiento**. 10. ed. Coyoacán, México: Siglo Veintiuno, 1999 (original de 1967).

DIAS, Joselito B.; NETO, Modesto L. R. Síndrome da resignação no processo de morte e morrer: uma revisão sistemática com metanálise. **Rev. Mult. Psic.** v. 12, n. 40, p. 30. 2018. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 21 set 2018.

EFRON, Ana M.; FAINBERG, Esther; KLEINER, Yolanda; SIGAL, Ana M.; WOSCOBOINIK, Pola. A hora de jogo diagnóstica. In. OCAMPO, María L. S.; ARZENO, María E. G.; PICOLLO, Elza. G. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 207-238.

ERIKSON, Erik. H. **El Ciclo Vital Completado**. Buenos Aires: Paidós, 1985.

ETCHEGOYEN, R. Horacio. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1987.

FERRO, Antonino. **A Técnica na Psicanálise infantil: a criança e o analista da relação no campo emocional**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caos Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Obras Completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FOGLIATTO, D. Quando elas migram: interseccionalidade em pesquisa com mulheres migrantes. **Aedos**, v. 14, n. 31, p. 29-44, jul.–dez., 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/108429/84862>. Acesso em 30 ago 2022.

GALINA, Vivian F.; SILVA, Tatiane B. B DA; HAYDU, Marcelo; MARTIN, Denise. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.21, n.61, p. 297-308, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0929>. Acesso em: 17 set 2018.

GOMES, Fernanda Maria D. Plantão psicológico—atendimentos em situações de crise. **Vínculo-Revista do NESME**, v. 9, n. 2, p. 18-26, 2012.

GRUBITS, Sonia. A Casa: Cultura e Sociedade na Expressão do Desenho Infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 8, p. 97-105, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/hPdwKkkxp4zhrJJYpYm9sBG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr 2019.

HAMMER, E. F. **Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1991.

HAYMAN, Ronald. **Natureza da Investigação Psicológica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do Pensamento Kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

JIBRIN, Márcio. **Acolhimento Psicológico de Imigrantes Involuntários: um Encontro com a Alteridade**. 2017. 120p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182702>. Acesso em: 20 ago 2020.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EDUSP, 1980.

KLEIN, Melanie. Inveja e Gratidão e outros trabalhos. **Obras Completas de Melanie Klein**. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1957.

_____. **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1969 (original de 1932).

_____. Inibições e Dificuldades na Puberdade. In: **Melanie Klein. Amor Culpa e Reparação e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. v. 1, p. 76 – 80 (original de 1922).

KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal: um Enfoque Psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

_____. **Psicoterapia Breve**. 2. ed. São Paulo: EPU, 1986.

_____. Psicoterapia, Psicoterapia Breve e Psicoterapia de Emergência. **Temas**, n. 40/41, p. 193-201, São Paulo, 1991.

KNOBLOCH, Felicia. Impasses no Atendimento e Assistência do Migrante e Refugiados na Saúde e Saúde Mental. **Psicologia USP**, v. 26, n. 2, p. 169-174, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140015>. Acesso em: 17 set 2018.

MACHADO, Gustavo da S.; BARROS, Allyne F. O.; MARTINS BORGES, Lucienne. A escuta psicológica como ferramenta de integração: práticas clínicas e sociais em um Centro de Referência de Atendimento a Imigrantes em Santa Catarina. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 27, p. 79-96, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/rHgQHyygPRfR7XXTcKWDwTr/?format=html>. Acesso em: 02 dez. 2012.

MARQUES, E. M.; SOUZA, T. M. C. Desigualdades socioeconômicas enfrentadas por mulheres migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 6, n. 12, p. 52-67, mar, 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/28317>. Acesso em 30 ago. 2022.

MARTÃO, Izilda, S. D-E com Tema: pesquisas realizadas. In. TRINCA, Walter. **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimento e expansões**. São Paulo: Vetor, 2013. p. 303-338.

MARTINS BORGES, Lucienne; POCREAU, Jean-Bernard. Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 29, p. 577-585, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LQfB5nDwzj7Lv5p35wGyMpL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2020.

MARTINS-BORGES, Lucienne. Migração Involuntária como Fator de Risco à Saúde Mental. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, p. 151-162, 2013. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852013000100009>. Acesso em: 10 de set 2018.

MARTIN, Denise; GOLDBERG, Alejandro; SILVEIRA, Cássio. Imigração, Refúgio e Saúde: perspectivas de análise sociocultural. **Saúde e Sociedade**. v. 27, n. 1, p. 26-36, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170870>. Acesso em: 17 set 2018.

MEZAN, Renato. Sobre a Epistemologia da Psicanálise. In: **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MOREIRA, Glauber; TSE, Carolina; VIZZOTTO, Marília M. Os Desenhos como Recursos Expressivos no Caso de uma Criança Refugiada. In. TARDIVO, L. S. L. P. **O Procedimento de Desenhos-Estórias na Clínica e na Pesquisa: 45 anos de percurso**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2017. p. 1336-1344. Disponível em: https://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/12/EBOOK_15_APOIAR_FINAL_02_10_2018_definitivo.pdf Acesso em: 02 ago. 2022.

MORO, Marie Rose. Os Ingredientes da Parentalidade. **Rev. latinoam. Psicopatol. Fundam.** São Paulo, v. 8, n. 2, p. 258-273, June 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142005000200258&lng=em&nrm=iso>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. Bases de la Clinique Transculturelle. In. MORO, Marie Rose; NOË, Quitterie de la; MOUCHENIK, Yoram. **Manuel de Psychiatrie Transculturelle: travail clinique, travail social.** 2. ed. La Pensée Sauvage: Grenoble, França, 2006a. p. 159-178.

_____. Penser et Agir em Situation Transculturelle : Pourquoi ? Comment ? In. MORO, Marie Rose; NOË, Quitterie de la; MOUCHENIK, Yoram. **Manuel de Psychiatrie Transculturelle : travail clinique, travail social.** 2. ed. La Pensée Sauvage: Grenoble, França, 2006b. p. 09-18.

_____. Psicoterapia Transcultural da Migração. **Psicologia USP.** v. 26, n. 2, p. 186-192, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00186.pdf>. Acesso em: 20 set 2018.

MORO, Marie Rose; LACHAL, Christian. A Abordagem Transcultural em Psicoterapia. In. _____ **As Psicoterapias: modelos, métodos e indicações.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.131-149.

NAFFAH NETO, Alfredo. A função básica da mãe (e do analista) em Bion e Winnicott, com foco nos conceitos de *rêverie* e holding. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 45, n. 3, p. 119-131, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000300014 Acesso em: 21 jun. 2022.

NDOMBA, Borrvalho. Angola: **Operação Transparência Empobrecerá Mais a População.** DW, 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/angola-opera%C3%A7%C3%A3o-transpar%C3%Aancia-empobrecer%C3%A1-mais-a-popula%C3%A7%C3%A3o/a-59303123> . Acesso em 20 jun 2022.

OCAMPO, Maria Luisa S.; ARZENO, Maria Esther G. A Entrevista Inicial. OCAMPO, Maria Luisa S.; ARZENO, Maria Esther G.; PICOLLO, Elsa G. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas.** 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 15-46.

OKAZAKI, Sumie; SUE, Stanley. Methodological Issues in Assessment Research with Ethnic Minorities. In. KAZDIN, A. E. **Methodological Issues & Strategies in Clinical Research.** 2.ed. Washington: American Psychological Association, 1998. p. 263-281.

PALUDO, Emanuele; COSTA, Vivian S.; SILVA, Roselaine B. F. Desenho da Figura Humana na Chuva – Proposta de Validação no Brasil. **Revista Jovens Pesquisadores**, v. 1, p. 71-81, Santa Cruz do Sul, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rjp.v0i1.2247>. Acesso em 20 mai 2022.

PATARRA, Neide L.; FERNANDES, Durval. Brasil, País de Imigração? **Revista Internacional em Língua Portuguesa.** Migrações. Lisboa, III série, ano 24, p. 65-96, 2011. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_livro_migracoes.pdf. Acesso em 21 set 2018.

PEDINIELLI, Jean-Louis.; FERNANDEZ, Lydia. L'observation clinique. In: PEDINIELLI, Jean-Louis; FERNANDEZ, Lydia. **L'Observation Clinique et l'Etude de Cas**. Paris: Armand Colin, 2015. p. 7-45.

PEREIRA, Alexandre B. Autismo e maternidade migrante: psicopatologizando relações em mobilidade. **Vivência: revista de antropologia**, v. 1, n. 56, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/23676>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PERESTRELLO, Danilo. **A Medicina da Pessoa**. 4.ed. São Paulo: Atheneu, 1996.

PICOLLO, Elsa G. As Defesas nos testes gráficos. In: OCAMPO, Maria Luisa S.; ARZENO, Maria Esther G.; PICOLLO, Elsa G. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 255-380.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PINTO, José Manuel M de. Experiência emocional e processo transformacional em psicoterapia analítica. **Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia**. n. 10, p. 55-72, 2019. Disponível em: https://www.apppp.pt/revista/experiencia-emocional-e-processo-transformacional-em-psicoterapia-analitica_80. Acesso em: 20 jul. 2022.

REA, Louis M.; PARKER, Richard A. **Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000.

REZZOUG, Dalila; PLAËN, Sylvaine De; BENSEKHAR-BENNABI, Malika; MORO, Marie Rose. Bilinguisme chez les enfants de migrants, mythes et réalités. **Le Français Aujourd'hui**, n. 158, 2007/3, p. 58-65. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2007-3-page-58.htm>. Acesso em 24 jul 2020.

RIBEIRO, Marina P. **Crianças e Adolescentes Multiculturais: criatividade, aculturação, vivência internacional e experiência escolar**. 2017. 142 p. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde), Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24465?locale=en>. Acesso em: 20 set 2020.

ROSA, Helena R.; TARDIVO, Leila S. L. P; PINTO JUNIOR, Antonio A.; SILVA, Marlene A.; AVOGLIA, Hilda R. C. Interfaces entre a avaliação psicológica e a clínica psicanalítica. **Mudanças**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 27-33, jun. 2020. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em 26 ago. 2022.

ROSA, Miriam D.; GEBRIM, Ana; SEINCMAN, Pedro. O acolhimento e escuta em rede no campo das migrações: uma contribuição da psicanálise. **Sig: Revista de Psicanálise**, v. 6, n. 10, jan/jul, p. 25-34, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2018/10/Edicao10-Completa.pdf#page=27> . Acesso em: 02 set. 2021.

ROSA, Miriam D.; FERREIRA, Patrícia P.; ALENCAR, Rodrigo. Desilusão: impasses clínicos e políticos diante dos dilemas de nosso tempo. **Subjetividades**, Ed. Especial, p. 81-92, jul, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://psicanalisenpolitica.files.wordpress.com/2018/07/desilusc3a3o>. Acesso em: 01 de out 2018.

ROSA, Victor P.; LAPOINTE, Jean. **Psicologia e Comportamento Transcultural: uma abordagem antropológica**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

RUFFIER, Laura C. **Frente a Um Novo Mundo: impactos das relações escolares na integração de crianças imigrantes involuntárias**. 2020. 98p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216257>. Acesso em: 20 jul 2022.

RUSSO, Kelly; MARCELINO, Sandra; CARVALHO MENDES, Leila. "Aprendi o que é racismo no Brasil": crianças africanas e brasileiras na escola pública. **Revista Teias**, v. 23, n. 69, p. 19-34, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/65852> . Acesso em 10 set 2022.

SANDLER, Paulo C. **Introdução a Uma Memória do Futuro, de W. R. Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SANTOS, Boaventura. S. Para Além do Pensamento Abissal. In. _____ **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

SANTOS, Boaventura. S.; MENESES, Maria Paula. Introdução. In. SANTOS, Boaventura S. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 9-19.

SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. **Lei Municipal para Imigrantes e Refugiados**. Lei nº 16.478. São Paulo, 2016.

SILVA, Gustavo J; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio T. R.; MACEDO, Marília F. R. **Refúgio em Números**. 5. ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/> Acesso em: 01 abr 2021.

SILVA, Maria Cecília V.M. A técnica da casa-árvore-pessoa (HTP) de John Buck. In. VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa; WERLANG, Blanca Susana G. **Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 247-266.

STEINER, John. **Refúgios Psíquicos: organizações patológicas em pacientes neuróticos, psicóticos e fronteiricos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

STAKE. Robert E. Case studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (ed.) **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 2000. p. 435-454.

_____. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TARDIVO, Leila S. L. P. C. Análise e Interpretação. In. TRINCA, Walter (org). **Formas de Investigação Clínica em Psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias: Procedimento de Desenhos de Família com Estórias**. São Paulo: Vetor, 1997, p. 115-156.

_____. **O Adolescente e Sofrimento Emocional nos Dias de Hoje: reflexões psicológicas encontros e viagens.** 2004. 213p. Tese (Pós-Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-05022014-141347/pt-br.php> Acesso em: 01 mai 2018.

_____. **O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje.** São Paulo: Vetor, 2007.

_____. O Brinquedo e o Desenho: expressão e comunicação de e com crianças – possibilidades diagnósticas e interventivas. In. AFFONSO, Rosa Maria L. (Org). **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo.** Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 175-189.

_____. Derivações do Procedimento de Desenhos-Estórias: atendimentos em grupo. In. TRINCA, Walter. **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimento e expansões.** São Paulo: Vetor, 2013. p. 339-364.

TARDIVO, Leila S. L. P. C. O; PINTO JUNIOR, Antônio A. Violência contra Crianças e Adolescentes: Reflexões sobre o Pensar e o Fazer do Psicólogo Clínico. In. ROSA, J.T.; MOTTA, Ivonise F. (Org). **Violência e Sofrimento de Crianças e Adolescentes.** São Paulo: Ideias e Letras: 2008.

TARDIVO, Leila S. L. P. C.; GIL, Claudia A. **O Apoiar: propostas de atendimentos clínicos diferenciados em saúde mental.** São Paulo: Sarvier, 2008.

TARDIVO, LEILA S. L. P. C. Promoción de la Salud en Inmigrantes Embarazadas Residentes en Portugal. In CUMBRE ATLÁNTICA DE PROMOCIÓN DE LA SALUD Y EDUCACIÓN PARA LA SALUD. Experiencias de Promoción y Educación para la Salud de los países Portugal, Cuba y Mexico. **Anais do Cumbre Atlántica de Promoción de la Salud y Educación para la Salud.** 2015. Disponível em: <https://efesalud.com/la-promocion-y-la-educacion-para-la-salud-protagonistas-en-la-primera-cumbre-atlantica/> Acesso em: 02 set. 2022.

TARDIVO, Leila S. P. C.; VIZZOTTO, Marília M.; ARIAS, Gleise S.; BONFIM, Tania Helena. Saúde mental em crianças indígenas: reflexões e resultados de pesquisas. In. ASSUMPÇÃO Jr, Francisco; KUCZYNSKI, Evelin. **Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. p. 667-678.

TRINCA, Walter. **Diagnóstico Psicológico: a Prática Clínica.** São Paulo: E.P.U., 1986.

_____. Apresentação e aplicação. In. TRINCA, Walter (org). **Formas de Investigação Clínica em Psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias.** São Paulo: Vetor, 1997, p. 11-34.

_____. Atitude lúdica e a expansão da consciência. In. AFFONSO, Rosa Maria L. (Org). **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo.** Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 19-25.

TURATO, Egberto R. **Tratado de Metodologia de Pesquisa Clínico-Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAGOSTELLO, Lucilena. **O emprego da técnica do desenho da pessoa na chuva: uma contribuição ao estudo psicológico de crianças vítimas de violência doméstica**. 185f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: Acesso em: <https://repositorio.usp.br/item/001613508>. Acesso em: 10 jun 2022.

VIZZOTTO, Marília M. O Método Clínico e as Intervenções na Saúde Psicológica da Comunidade. In. OLIVEIRA, V. B.; YAMAMOTO, K. **Psicologia da Saúde: temas de reflexão e prática**. UMESP: 2003, p. 137-152.

VIZZOTTO, Marília M.; HELENO, Maria Geralda V., BONFIM, Tania Helena, ARIAS, Gleise S. Os Atendimentos em Delegacias da Mulher e as Técnicas de Intervenção Utilizadas com Crianças e Adultos. **Psicólogo Informação**, v. 16, n. 16, p. 191-197, 2012.

WEIL, Simone. O Enraizamento. Bauru, SP: EDUSC, 2001. (original de 1949)

WINNICOTT, Donald W. **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA

DADOS SOBRE A PESQUISA

Pesquisadora Responsável: Gleise Sales Arias

Contatos: Telefone: (11) 956994506 - e-mail: gleise.arias@usp.br

Para eventuais dúvidas, esclarecimentos ou reclamações sobre os aspectos éticos desta pesquisa, os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa IPUSP são: Telefone: 3091-4182 e e-mail: ceph.ip@usp.br. **Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 Cidade Universitária – São Paulo/SP – CEP: 05508-030.

- 1 - Seu(sua) filho(a) (ou a criança por quem você é responsável está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre os a experiência emocional da criança em situação de migração e refúgio ou seja, como ele(a) se sente e se percebe frente à experiência de migração.
- 2 - Os procedimentos de pesquisa consistem em desenhar, contar estórias e dar respostas a afirmações de simples compreensão que tratam de situações de vida das crianças, bem como suas relações com família, amigos, seus gostos, e suas aspirações.
- 3 - Os riscos decorrentes da participação são mínimos, porém, caso haja algum dano de qualquer natureza relativo à participação da criança ou de seus familiares neste estudo, ele será indenizado pela pesquisadora responsável. Haverá também o ressarcimento de qualquer despesa tida pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes da participação neste estudo. Acrescenta-se ainda que caso se avalie que os participantes necessitem de orientação ou atendimento psicológico, eles serão encaminhados, sendo que a pesquisadora será responsável por atendê-lo ou encaminhá-lo a serviço que possa fazê-lo.
- 4 - Será garantido o anonimato na participação. Assim, dados pessoais dos pais, das crianças ou da sua escola não serão divulgados.
- 5 - A criança também será convidada a participar, podendo se recusar, sem nenhuma consequência.
- 6 - A pesquisa tem finalidades acadêmicas e científicas, e os resultados poderão embasar medidas preventivas em diferentes contextos.
- 7 - Todos os procedimentos éticos serão tomados pela pesquisadora responsável e equipe, como a concordância dos pais ou responsáveis nessa participação, bem como pela sua autorização.
- 8 - O(a) senhor(a) poderá conhecer todas as fases do estudo e poderá solicitar atendimento quando julgar necessário, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento sem nenhum constrangimento, sem nenhuma consequência.
- 9 - O(a) senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável acima citada e com o comitê de ética responsável sempre que julgar necessário.
- 10 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em seu poder e outra com a pesquisadora responsável.

AUTORIZAÇÃO

Após os esclarecimentos dos objetivos e dos procedimentos da presente pesquisa, tendo garantida a minha não identificação manifesto meu consentimento em participar dessa pesquisa, juntamente com o(a) menor _____.

Nome e Assinatura do responsável

RG: _____

APÊNDICE 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – CRIANÇAS

1 - DADOS SOBRE A PESQUISA

Pesquisadora Responsável: Gleise Sales Arias

Contatos: Telefone: (11) 956994506 - e-mail: gleise.arias@usp.br

Para eventuais dúvidas, esclarecimentos ou reclamações sobre os aspectos éticos desta pesquisa, os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa IPUSP são: Telefone: 3091-4182 e e-mail: ceph.ip@usp.br. **Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27 Cidade Universitária – São Paulo/SP – CEP: 05508-030.

1 – Você está sendo convidado para participar de um estudo com crianças que vieram de outros países para morar no Brasil, para entender como elas se sentem, pensam e vivem essa experiência.

2 - Sua participação tem poucos riscos. Você vai desenhar e responder perguntas sobre o seu dia a dia, sua família, amigos, as coisas que você gosta e que não gosta. Se você precisar de qualquer orientação ou ajuda a pesquisadora responsável, que sou eu, vou te atender ou falar com seus pais sobre algum lugar que possa te ajudar.

3 – O procedimento, ou seja, aquilo que nós vamos fazer aqui, será desenhar, contar histórias sobre os desenhos e responder a perguntas sobre você e a sua vida.

4 - Seu nome nunca aparecerá em nosso estudo, ele será um segredo. Isso se também ocorrerá com o nome dos seus pais, amigos, escola, etc.

5 - Você está sendo convidado(a) a participar destas atividades, mas poderá a qualquer momento dizer que não quer mais participar, sem nenhum problema ou consequência.

6 - A pesquisa tem finalidades acadêmicas e científicas, e os resultados poderão embasar medidas preventivas em diferentes contextos. Ou seja, sua participação nos ajudará a conhecer melhor as crianças imigrantes e poder ajudar a outras crianças no futuro.

7 - Todos os cuidados éticos serão tomados pela pesquisadora responsável, como a concordância dos pais (ou responsáveis) nessa participação e sua autorização.

8 - Seus pais (ou responsáveis) também poderão dizer que não querem mais participar a qualquer momento, sem nenhuma consequência ou problema.

9 – Você e seus pais (ou responsáveis) poderão entrar em contato comigo (pesquisadora responsável) e com o comitê de ética responsável sempre que for necessário, nos telefones acima.

10 - Este Termo de Consentimento é feito em duas cópias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora responsável, ou seja, comigo.

2 - AUTORIZAÇÃO

Após os esclarecimentos dos objetivos e dos procedimentos da presente pesquisa, tendo garantida a minha não identificação manifesto que gostaria de participar dessa pesquisa.

Nome da criança - RG

Gleise Sales Arias - R.G. 30439814-7 / CPF: 275793888-63 / CRP: 06/83694

ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aspectos da Psicodinâmica de Crianças em Situação de Migração e Refúgio Acolhidas em São Paulo

Pesquisador: Gleise Sales Arias

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45416120.6.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.732.415

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa desenvolvida em nível de doutorado no âmbito da Psicologia Clínica, perante o IPUSP, que busca compreender "aspectos da psicodinâmica e da experiência emocional da migração vivenciada por crianças imigrantes e refugiadas, acolhidas na cidade de São Paulo, Brasil". A pesquisadora apresenta o estudo tem como "uma pesquisa de delineamento qualitativo, a partir do método clínico e estudos de casos múltiplos. Serão participantes do estudo dez crianças e/ou adolescentes em situação de imigração e refúgio, com idades entre sete e doze anos, acolhidos numa instituição destinada para este fim, na cidade de São Paulo. A pesquisa será dividida em duas partes. Na primeira parte será realizado um estudo compreensivo de aspectos da psicodinâmica e experiência emocional de crianças em situação de migração e refúgio. Serão utilizados recursos das técnicas de diagnóstico compreensivo e interventivo. São eles: Entrevistas Iniciais com os participantes e seus responsáveis e o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Na segunda se buscará compreender a situação da migração e refúgio a partir da percepção dos profissionais que trabalham na instituição de acolhimento. Para tanto, será realizada uma entrevista com a gestora e grupos de encontro com os profissionais da instituição. Após a coleta de dados realizaremos a análise qualitativa dos mesmos. A análise dos resultados será qualitativa e por categorias, sendo que algumas categorias serão previamente estabelecidas, tais como aspectos do desenvolvimento da identidade dos participantes e aspectos da relação com a cultura do país de refúgio e outras que surgirão ao longo da pesquisa. As categorias serão analisadas a

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 4.732.415

partir do referencial teórico psicanalítico e pesquisas da área".

Objetivo da Pesquisa:

objetivo da pesquisa é: "compreender aspectos da psicodinâmica e da experiência emocional da migração vivenciada por crianças imigrantes e refugiadas, acolhidas na cidade de São Paulo, Brasil".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios superam os riscos. A pendência apontada sobre a garantia de que os TCLE e TALE serão compreendidos é dada pela pesquisadora.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa apresenta fundamentação teórica bem desenvolvida no projeto; esclarece detalhadamente sua metodologia, explicando quais serão os procedimentos dos quais os participantes farão parte; benefícios superam os riscos e os termos estão bem redigidos e adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos foram adequadamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1485843.pdf	19/05/2021 11:37:43		Aceito
Outros	pendencia_cep.pdf	17/05/2021 14:19:49	Gleise Sales Arias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	09/04/2021 20:49:23	Gleise Sales Arias	Aceito
Declaração de concordância	autorizacao_instituicao.pdf	09/04/2021 20:44:11	Gleise Sales Arias	Aceito
Declaração de Pesquisadores	compromisso_pesquisadora.pdf	09/04/2021 20:42:00	Gleise Sales Arias	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_infraestrutura.pdf	09/04/2021 20:41:26	Gleise Sales Arias	Aceito

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030

UF: SP **Município:** SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 4.732.415

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFSSIONAIS.pdf	09/04/2021 20:40:42	Gleise Sales Arias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FAMILIARES.pdf	09/04/2021 20:40:26	Gleise Sales Arias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RESPONSAVEL.pdf	09/04/2021 20:39:39	Gleise Sales Arias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_CRIANCAS.pdf	09/04/2021 20:39:04	Gleise Sales Arias	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoGleise.pdf	09/04/2021 20:36:22	Gleise Sales Arias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 25 de Maio de 2021

Assinado por:
Jose de Oliveira Siqueira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** cep.ip@usp.br